

CORREIO BRAZILIENSE

DE FEVEREIRO, 1814.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra la chegara.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

EDICTAL

*Da Junta do Commercio de Lisboa sobre o levantamento de
bloqueio de varios portos.*

A REAL Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegaçaõ, baixou o Aviso do theor seguinte:—

ILL^{mo.} e Ex^{mo.} SENHOR,—O Principe Regente Nosso Senhor he servido ordenar, qte a Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegaçaõ, faça publicar por Editaes, que, por communicaçãõ do Ministerio de S. M. B. feita a este Governo, se acham levantados os bloqueios por navios Britannicos, tanto da costa situada entre Trieste, e a extremidade meridional da Dalmacia, inclusivamente, no Mar Adriatico, como daquella parte do Norte da Alemanha, que comprehende a Provincia de East-Frieseland, ou Frisia Oriental, o Estado de Kniphausen, e os Ducados de Bremen, e Oldemburgo; bem como de todos os portos e lugares das Provincias Unidas dos Paizes Baixos, chamados vulgarmente Hollanda; devendo com tudo ser exceptuados, em todas as sobredictas partes, os portos, e lugares que estiverem ainda na sujeiçaõ da França. O que participo a V. Ex^{a.} para ser presente na Junta, e

assim se executar.—Palacio do Governo, em 13 de Janeiro, de 1814. eos guarde a V. Ex^a.

D. MIGUEL PEREIRA FORJAZ.

Senhor Cypriano Ribeiro Freire.

E para assim constar, se mandaram affixar Editaes.—Lisboa, 18 de Janeiro, de 1814.

JOSE ACCURSIO DAS NEVES.

ORDEM DO DIA.

Quartel-general de Ustaritz, 29 de Dezembro, de 1813.

S. Ex^a. o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, não quiz fazer apparecer na ordem do dia 25 do corrente, nem mesmo alludir a cousa, cuja lembrança **podesse sombrear a satisfacção**, que todo o Portuguez deve receber dos feitos das tropas nacionaes nella referidos; porque de outra fórma teria dado o passo, que vai dar pela presente ordem. S. Ex^a. nunca perdeu da memoria, nem de vista, a sua ordem do dia 7 de Mayo, de 1812, da qual agora falla; e experimenta a mais viva satisfacção em poder annunciar, que desde aquelle tempo tem os regimentos de milicias, de que ella tracta, preenchido tanto, quanto dependia delles, as condiçõens impostas na primeira parte do 2º. §. da dita ordem; pois que S. Ex^a. tem motivo para louvar a regularidade, zelo, e boa disciplina patenteada, e adquirida por estes regimentos deste entaõ: e se os felizes successos da guerra, afastando de Portugal o inimigo, os tem privado como corpos de se lavarem mais completamente da mancha do infeliz acontecimento, que deo origem á mencionada ordem, tem plenamente cumprido isto em seu lugar, não só o exercito Portuguez em geral, porém mais particularmente em muitas occasiões, e com especialidade no dia 13 do corrente, os regimentos do Porto, quinta brigada do exercito. Esta brigada, não

sómente composta de Irmãos, Sobrinhos, e parentes proximos dos homens dos regimentos de milicias do Porto, mas actualmenté até de muitos dos mesmos soldados, que entaõ eraõ destas milicias, tem o direito de restabelecer, como com effeito tem bem restabelecido, o character da provincia a que pertencem. Os regimentos de linha da provincia do Minho achaõ-se em circumstancias semelhantes para com os regimentos de milicias da sua provincia, e se tem distinguido igualmente em todas as occasiões, que se lhe tem offerecido, como se póde ver nas ordens do dia : e em consequencia naõ só por justa contemplaçãõ com esta brigada, e regimentos de linha, mas tambem pela boa vontade dos mencionados regimentos de milicias, declara S. Ex^a. estes restituídos á consideraçaõ, que sempre merecêram (excepto naquella unica occasiaõ), e ordena que as suas bandeiras lhes sejaõ restituídas com as formalidades necessarias, as quaes seraõ designadas pelos senhores generaes das provincias ; e que as bandeiras, que foram perdidas na mesma occasiaõ, sejaõ substituidas por outras.

S. Ex^a. na ultima parte do segundo §. da mesma ordem do dia exprime a sua opiniaõ sobre a causa daquella desgraça, e bem demonstrado foi depois, que naõ era falta de valor pessoal (nem ninguem o poderia suspeitar á vista do que a naçaõ tinha obrado até entã), porém sim uma especie de insubordinaçaõ, que naõ era positiva, ou filha de intensaõ, mas que procedeo do habito de demasiada familiaridade, ou convivencia entre os officiaes, e os soldados, em consequencia da qual naõ tem estes ultimos aos superiores o respeito e prompta obediencia, que o serviço militar exige. Se antecipadamente tivessem estes soldados sido acostumados ao respeito propriamente militar, e a prompta obediencia aos seus superiores, naõ teria havido o acontecimento, uma vez que naõ houvesse falta da parte dos officiaes, a qual com effeito naõ houve ; mas os espiritos dos soldados naõ estávam preparados para temerem

desobedecer-lhes em qualquer situaçãõ. Isto deve mostrar aos commandantes dos corpos, e officiaes de milicias, que a disciplina só naõ basta, mas que elles devem adquirir por uma conducta justa, imparcial, e doce, e ao mesmo tempo firme, para com os seus soldados, o verdadeiro respeito da parte destes, o que lhes assegurará a sua obediencia. Os senhores generaes de provincia tambem veraõ daqui a necessidade de recommendarem para todos os grãos de officiaes de milicias as pessoas mais abonadas, e de mais respeito dos seus districtos, combinando estas duas qualidades.

MOZINHO, Ajudante-general.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA.

Mensagem do Presidente ao Congresso, em 7 de Dezembro, de 1813.

“ Concidadãõs do Senado, e da Casa
dos Representantes,

“ Congregando-vos na presente interessante conjunctura, seria de grandissima satisfacçãõ, para mim, o poder communicar-vos um resultado favoravel da missãõ encarregada das negociaçoens para a restauraçãõ da paz. Era isto bem de se esperar, considerando o respeito devido a um distincto Soberano, que a tinha convidado pelo seu offerecimento de mediaçãõ—a promptidaõ com que o convite foi acceito da parte dos Estados Unidos,—e a segurança que se acha em um acto da sua Legislatura, para a liberalidade que os seus Plenipotenciarios haviam de practicar em suas negociaçoens, desorte que o Governo Britannico naõ houvesse de perder tempo em se aproveitar da tentativa para se apressar a pôr termo á effusaõ de sangue. De nada se poderia duvidar menos do que de uma prompta e cordial acceitaçãõ da mediaçãõ daquella parte; por isso que era de tal natureza que naõ submettia os direitos, ou preten-

çoens de um ou de outro lado, á decisaõ de arbitro algum, mas simplesmente offerecia a ambos uma oportunidade honrosa, e desejavel, para os discutirem, e se possivel fosse, ajustarem para bem de ambos.

“ O Gabinete Britannico, ou intendendo mal o nosso desejo da paz, considerando-o medo do poder Inglez, ou mal guiado por outros calculos enganosos, féz falhar esta racional anticipaçãõ. Como naõ temos recebido communicaçãõ dos nossos Enviados, naõ temos sobre este objecto informaçãõ daquella parte; porem está conhecido, que a mediaçãõ foi recusada na primeira instancia, e naõ obstante o lapso de tempo, que se tem passado, naõ temos prova de que tenha havldo mudança de disposiçãõ nos conselhos Britannicos, ou que tal mudança possa ser esperada.

“ Em taes circumstancias, uma naçãõ, ciosa dos seus direitos, e que conhece o seu poder, a escolha que lhe resta he o exercicio deste, em apoio daquelles.

“ O motivo, que mais nos deve animar a esta determinaçãõ, he derivado da fortuna com que o Todo Poderoso se tem dignado abençoar as nossas armas, assim na terra como no mar.

“ Ao mesmo tempo em que se tem continuado a dar provas da actividade, e arte dos nossos corsarios, publicos, e particulares, sobre o oceano, em um novo tropheo ganhado na tomada de um navio de guerra Inglez, por um Americano, depois de uma acçãõ que dá celebridade ao nome do victorioso commandante, os grandes lagos no interior do paiz, aonde tambem se encontrava o inimigo, tem apresentado proezas das nossas armas navaes, taõ brilhantes em seu character, como tem sido importantes em suas consequencias.

“ Sobre o Lago Erie, tendo a esquadra do commando do Capitaõ Perry, encontrado uma esquadra Ingleza de força superior, houve uma acçãõ sanguinaria, que terminou com a captura total do inimigo. A conducta daquelle

official taõ habil como ousado, e que foi taõ bem ajudada pelos seus camaradas, justamente lhe da direito á admiração, e gratidão da sua patria, e ha de encher uma das primeiras paginas nos seus annaes navaes, com uma victoria nunca excedida em esplendor, posto que o tenha sido em grandeza.

“ Sobre o Lago Ontario, a precaução do commandante Inglez, favorecida pelas contingencias, frustráram, os esforços do commandante Americano para entrar em uma acção deciziva. Naõ obstante, o Capitaõ Chauncey pôde conseguir a superioridade naquelle importante theatro, e provar, fazendo quanto era possivel, que só lhe faltaram occasioens, para mais brilhantemente desenvolver os seus talentos, e o valor da gente do seu commando.

“ Estes successos sobre o Lago Erie, tendo aberto uma passagem para o territorio do inimigo, o official que commanda o exercito do Noroeste transfiro para lá a guerra, perseguindo rapidamente as tropas inimigas, que fugiam com os selvagens seus camaradas, forçou-os a uma acção geral, que em breve terminou na captura dos Inglezes, e na dispersão da força dos selvagens.

“ O resultado he singularmente honroso para o Major-general Harrison, por cujos talentos militares foi disposto: para o Coronel Johnson, e seus voluntarios de cavallo, cujo impetuoso ataque deo um golpe decizivo nas fileiras inimigas; e para o espirito da milicia voluntaria, igualmente valorosa, e patriotica, que teve uma importante parte na scena; e mais especialmente para o Primeiro Magistrado de Kentucky á frente della, cujo heroismo, assignalado na guerra que estabeleceo a independencia da sua patria, buscou em uma idade avançada ter parte nas fadigas, e nas batalhas, para manter os seus direitos, e a sua segurança. O effeito destes successos tem sido tirar os habitantes de Michigan das suas oppressoens, aggravadas por enormes infracçoens da capitulação, que os sujeitou a um dominio

estrangeiro ; alienar os selvagens de numerosas tribus do inimigo, por quem eram enganados e abandonados, e aliviar uma extensa regiaõ de uma desapiedada guerra, que assolava as suas fronteiras, e punha os seus habitantes em circumstancias da maior oppressaõ.

“ Em consequencia da nossa superioridade naval sobre o Lago Ontario, e da oportunidade offerecida por ella, de concentrar as nossas forças por agua, as operaçoens, que precedentemente tinham sido meditadas, fõram postas em execuçaõ contra as possessoens do inimigo sobre o rio St. Laurence. Tal foi, com tudo, a demora occasionada primeiramente por tempo contrario, e tespestade de uma violencia, e duraçaõ desusada; e depois pelas circumstancias que accompanharam os ultimos movimentos do exercito, que se naõ realizou o plano, posto que a occasiaõ fosse taõ favoravel. A crueldade do inimigo em allistar os selvagens para a guerra com uma naçaõ desejoza de mutua emulaçaõ, em mitigar as suas calamidades, naõ se tem limitado a uma so parte; aonde quer que tem podido, tem-os arremeçado contra nós. Naõ se tem poupado deligencias para effectuar isto. Nas nossas raias do sudoeste, as tribus de Creek, que cedendo aos nossos constantes esforços, ãam geralmente adquirindo costumes mais civilizados, tornaram-se victimas da infeliz seducçaõ; a consequencia tem sido uma guerra naquelle paiz; enfurecidos por um cruel fanatismo recentemente propagado contra elles, foi necessario atabafar similhante guerra, antes que pudesse espalhar-se pelas tribus vizinhas, e antes que pudesse favorecer emprezas do inimigo naquellas vizinhanças. Com este intento ajuntou-se uma força no serviço dos Estados Unidos, tirada dos Estados da Georgia, e Tennessee, a qual, com as tropas regulares mais proximas, e outros corpos do territorio do Mississipi, pudesse naõ só conter os salvagens em presente paz, porém fazer uma duravel impressaõ inspírandolhe temor.

“ O progresso da expedição, tanto quanto se sabe, corresponde ao zelo marcial com que foi empreendido ; e ha as melhores esperanças de bom exito, auctorizadas pelo completo successo com que uma tambem arranjada empresa foi executada contra um corpo de selvagens inimigos, por um destacamento de voluntarios de milicias de Tennessee, debaixo do commando do animoso General Coffee, e por uma victoria ainda mais importante sobre um grande corpo delles, ganhada debaixo do immediato commando do Major-general Jackson, official igualmente distincto pelo seu patriotismo, e pelos seus talentos militares.

“ A sistematica perseverança do inimigo em cultivar a ajuda dos selvagens em todas as partes, teve o natural effeito de tornar a sua ordinaria propensão para a guerra, em uma paixão, que mesmo entre os menos indispostos contra os Estados Unidos, não estando empregados pela nossa parte, estavam promptos a virar-se contra nós. Fomos por isso forçados a descontinuar a nossa longa abstinencia de acceitar os serviços delles ; e tendo assim obrado, a retorsão tem sido mitigada o mais que he possivel, tanto na sua extensão como no seu character ; ficando muito atraz do exemplo do inimigo, que deve as vantagens que casualmente tem ganhado em combater, principalmente ao numero dos seus camaradas selvagens, e que os não tem apartado, nem da sua usual practica de indistincta matança sobre os indefensos habitantes, nem da vasta carnagem, sem par, sobre os prezoneiros das armas Inglezas, protegidos por todas as leis da humanidade, e de honrada guerra.

“ Por estas enormidades, os inimigos são igualmente responsaveis—ou seja, que tendo poder para as prevenir, lhes falta a vontade, ou conhecendo que não podem impedir isto continuam a valer-se de taes instrumentos. Em outros respeitoos o inimigo está seguindo uma marcha que ameaça consequencias ainda mais dolorozas para a humanidade,

Uma lei, que esta em vigor na Gram Bretanha, naturaliza, como he bem sahido, todos os estrangeiros empregados, com condiçoens limitadas a um periodo mais curto do que he requerido pelos Estados Unidos; e os vassallos naturalizados, saõ empregados pela Gram Bretanha, em commum com os vassallos naturaes. Em uma provincia Britannica vizinha, regulaçoens promulgadas depois do começo da guerra, compellem cidadãos dos Estados Unidos, ainda taes, debaixo de certas circumstancias, a pegar em armas, em quanto grande numero dos emigrados naturaes dos Estados Unidos, os quaes fazem em grande parte a povoação da quella provincia, tem actualmente pegado em armas contra os mesmos Estados Unidos, dentro dos seus limites; alguns dos quaes, depois de assim terem obrado, tem sido tomados prisioneiros de guerra, e estaõ agora em nosso poder.

“ Naõ obstante, o commandante Inglez naquella Provincia, com sancção, como he manifesto, do seu governo, julgou accertado apartar dentre os prisioneiros de guerra, e mandar para a Inglaterra para serem julgados como criminosos, um numero de individuos que tinham emigrado dos dominios Britannicos muito antes de haver guerra entre as duas naçoens, que se tinham incorporado á nossa sociedade politica nos termos reconhecidos pela ley, e practica da Gram Bretanha, e que foram feitos prisioneiros de guerra debaixo das bandeiras da sua patria adoptiva, combatendo pelos seus direitos, e segurança. E como a protecção devida a estes cidadãos requer uma effectiva interposição a seu favor, um igual numero de prisioneiros de guerra Inglezes fõram postos debaixo de prizaõ, com declaração de que haõ de soffrer qualquer violencia que for commettida contra os prisioneiros de guerra Americanos enviados para a Gram Bretanha. Esperava-se que o passo imprudentemente dado pela Gram Bretanha, houvesse de induzir o seu Governo a reflectir

sobre as incongruencias de seu comportamento, e que uma sympathia com os padecentes Inglezes, senaõ com os Americanos, houvesse de parar a cruel carreira aberta pelo seu exemplo. Infelizmente naõ succedeo assim. Em violaçãõ tanto de consistencia de principios como da humanidade, officiaes Americanos, e officiaes inferiores, em dobro dos soldados Inglezes prezos aqui, foram postos em estreita prizaõ, com formal noticia, de que em cazo de retorsaõ pela morte que poderia ser dada aos prezoneiros de guerra mandados para a Gram Bretanha para serem julgados, os officiaes assim prezos haviam tambem de ser postos á morte. Foi tambem notificado ao mesmo tempo, que os commandantes das esquadras, e exercitos Inglezes sobre as nossas costas tem instrucçoens para, no ditto cazo, procederem com uma destructiva severidade contra as nossas cidades, e habitantes. Naõ fique o inimigo na menor duvida nossa adherencia á uma completa retorçaõ á que for imposta sobre nós; um correspondente numero de officiaes Britannicos, prisoneiros de guerra em nosso poder, foram immediatamente postos em estreita prizaõ, para terem a sorte dos encarcerados pelo inimigo; e o Governo Britanico tem sido informado da determinaçãõ deste Governo para retorquir qualquer procedimento contra nós, contrario ao modo legitimo de fazer a guerra. He tanto fortuna para os Estados Unidos o ter em sua maõ com que possa desforrar-se para com o inimigo nesta deploravel contenda, como lhes he honroso naõ entrarem nella senaõ debaixo das mais imperiosas obrigaçoens, e com o humano intento de effectuar o convertello aos estabelecidos usos da guerra.

“ As vistas do Governo Francez sobre os pontos que ha tanto tempo foram postos em negociaçãõ ainda naõ tem recebido explicaçãõ alguma, despois da concluzãõ da vossa ultima sessaõ. O Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos em Paris ainda naõ teve oportunidade capaz para instar sobre os objectos da sua missaõ; como lhe he prescripto pelas suas instrucçoens.

Como as milicias, sempre se devem considerar o grande baluarte de defeza, e segurança dos Estados livres, e visto que a Constituição tem sabiamente entregado o uso daquella força á Authoridade Nacional, não só como o melhor expediente contra um perigoso estabelecimento militar, mas como um recurso particularmente adaptado para um paiz da extençaõ, e exposta situaçaõ dos Estados Unidos, recommendei ao congresso uma revisaõ das Leis militares, a fim de segurar mais effectivamente os serviços de todos os destacamentos chamados para serem empregados, e postos ás ordens do governo dos Estados Unidos.

“ Tambem merecerá a consideração do Congresso, entre outros melhoramentos nas leys militares, o examinar se a justiça requer um regulamento, debaixo de devidas precauçoens, para satisfazer ás despezas annexas á primeira convocaçaõ; assim como aos subsequentes movimentos dos destacamentos convocados para o serviço nacional.

“ Para dar aos nossos vazos de guerra, publicos, e particulares, as requisitas vantagens para cruzarem, he de muita importancia que hajam de ter, tanto para elles mesmos, como para as suas prezas, o uzo dos portos das potencias amigas. Com estas vistas, recommendei ao congresso a expediçaõ de provisoens legaes que sejam capazes de suprir os defeitos, ou remover as duvidas da Authoridade Executiva, para conceder aos corsarios das outras Potencias um uso dos mercados Americanos, correspondente aos privilegios concedidos por tal Potencia aos corsarios Americanos.

“ Durante o anno que acabou a trinta de Setembro passado, as receitas do thesouro excediam a trinta e sette milhoens e meio de dollars, dos quaes vinte e quatro milhoens eram o producto de emprestimos. Depois de se ter satisfeito a todas as exigencias do serviço publico,

ficaram no Thesouro naquelle dia, perto de sette milhoens de dollars. Debaixo da authoridade contida no Acto de 2 de Agosto proximo passado, para pedir o emprestimo de sette milhoens e meio de dollars; foi esta somma obtida em termos mais favoraveis aos Estados Uuidos, do que os do precedente emprestimo feito durante o prezente anno. Outras sommas mais consideraveis haõ de ser necessarias as quaes se podem obter pelo mesmo methodo, durante o seguinte anno; e do crescido capital do paiz, e da fidelidade com que os contractos publicos tem sido guardados, e a persuasão bem fundada, de que os necessarios fornecimentos pecuniarios naõ haõ de faltar. As despezas do corrente anno, pelas multiplicadas operaçoens que incorreram nelle, tem sido necessariamente mui extensas; porém calculando-se bem a campanha, para que as mais dellas foram applicadas, a despeza naõ se achará desproporcionada, ás vantagens que tem sido ganhadas.

“ A campanha, naverdade, em um sitio nas suas ultimas scenas, tem sido menos favoravel do que estava calculado; porem, em addicção á importancia dos nossos successos navaes, os progressos da campanha tem sido cheios de incidentes grandemente honrosos para as armas Americanas. Os ataques do inimigo sobre a Ilha de Craney, Fort Snugs, Sackett's Harbour, e em Sandusky tem sido vigorosa e felizmente repellidos nem tem elle sido vez alguma bem succedido em qualquer das fronteiras, excepto quando se dirigio contra as pacificas moradas de individuos, ou aldeas desapercibidas, ou desprotegidas. De outro lado os movimentos do exercito Americano tem sido seguidos pela tomada de York, e fortes George, Erie, e Malden; pela recuperaçã de Detroit, e exterminaçã da guerra Indiana no Poente; e pela posse, ou commando de uma grande porçã do Alto Canadá.

“ Tem-se dado batalhas juncto ás margens do rio St. Laurent, as quaes, ainda que naõ preencheram o seu in-

teiro objecto, fazem honra á disciplina da nossa soldadesca—os melhores agouros de victoria accidental. Na mesma escala devem ser collocadas as ultimas victorias no Sul, contra uma das mais poderosas (e que tambem se tem tornado uma das mais hostis) das tribus Indianas.

“Seria improprio fechar esta communicacão sem expressar o reconhecimento em que todos se devem unir, pelas numerosas bençãos com que a nossa amada patria continua a ser favorecida—pela abundancia espalhada pelas nossas terras, e pela geral saude de seus habitantes—pela preservaçãõ da tranquillidade interna, e estababilidade das nossas livres situaçoens, e sobre tudo, pela luz da Divina Verdade, e protecçãõ della; e posto que entre as nossas bençãos, não podemos contar a izençãõ dos males da guerra; comtudo estes nunca seraõ olhados como os maiores dos males, pelos amigos da liberdade, e dos direitos das naçoens: a nossa patria ja em outro tempo os preferio á indigna condiçãõ, que se lhe offerencia como alternativa, quando a espada foi desembainhada na causa que deo origem á nossa independencia nacional; e ninguem que contemplar a grandeza, e sentir e valor daquelle glorioso acontecimento, ha de negar-se a um esforço para manter o alto, e feliz estado em que elle collocou o povo Americano. Para com todos os bons cidadãos, a justiça e necessidade de resistir ás injustiças, e usurpaçoens ja insupportaveis, haõ de não so compensar sufficientemente as privaçoens, e sacrificios inseparaveis do estado de guerra, mas he alem disso uma reflexãõ particularmente consoladora. As guerras saõ geralmente aggravadas pelos seus mortaes effeitos sobre a industria interior, e permanente prosperidade das naçoens implicadas nellas. Tal he a favoravel situaçãõ dos Estados Unidos, que as calamidades da contenda em que foram compellidos a entrar, saõ mitigadas pelos melhoramentos, e vantagens de que a mesma contenda he a origem. Se a guerra tem augmen-

tado as interrupçoens do nosso commercio, tem ao mesmo tempo fornecido emprego aos nossos manufactores, a ponto de nos fazer independentes de todos os outros paizes, nos ramos mais essenciaes, em que não deviamos depender de ninguem ; e está-lhes mesmo dando rapidamente uma extençãõ, que ha de fazer augmentar os almazens na nossa futura communicaçãõ com as praças estrangeiras. Se muitas sommas se tem despendido, uma porçãõ dellas não pouco consideravel tem sido applicada a objectos, duraveis no seu valor, e necessarios para a nossa permanente segurança. Se a guerra nos tem exposto a mais numerosas perdas no oceano, a roubadoras incursoens na terra, tambem nos tem desenvolvido os meios nacionaes de retorquir ás primeiras, e prover contra as ultimas, fazendo ver a todos, que cada golpe intentado contra a nossa independencia maritima, he um impulso para se apressar o crescimento do nosso poder maritimo, espalhando pela massa da nação os elementos da disciplina, e instrucção militar, augmentando, e distribuindo preparaçoens de guerra, applicaveis a usos futuros—manifestando o zelo, e valor que há de ser empregado, e a boa vontade com que todo o pezo necessario ha de ser supportado nos prometemos grande respeito aos nossos direitos, e uma duraçãõ da nossa futura paz, maior do que se podia esperar sem estas provas dos recursos e character nacionaes.

“ A guerra tem provado, de mais a mais, que o nosso Governo livre, similhante aos outros Governos livres, posto que tardio nos seus primeiros movimentos, adquire em seus progressos uma força proporcionada a sua liberdade ; e que a Uniaõ destes Estados, a guarda da liberdade, e segurança de todos, e de cada um, he fortalecida pela mesma occasiaõ que a poeni á prova. Em fim, a guerra com todas as suas vicissitudes, prova que este paiz he uma nação grande, florecente, e poderosa, digna da amizade que está disposta a cultivar com todas as outras, e authorizada

pelo seu proprio exemplo, para requerer de todas uma observancia das leys da justiça, e reciprocidade. Além destas, nunca se estenderam as nossas pretensões; e em contendermos por amor dellas, vemos um motivo para nos congratularmos, nos diarios testemunhos do augmento da harmonia em toda a nação; e possa a nossa confiança humildemente repousar no favor do Ceo, em uma tão justa causa.

“ JAIMES MADISON.”

Mensagem do Presidente dos Estados Unidos ao Congresso.

“ Transmito, para informação do Congresso, copias de uma carta do Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros da Gran Bretanha, ao Secretario de Estado, com a resposta deste.

“ O Congresso, apreciando as acceitas propostas do Governo da Gran Bretanha, para se instituirem negociações para a paz, não deixará de ter no sentido, que as preparações vigorosas que fizermos, para se continuar com a guerra, não podem em respeito algum impedir os progressos para um favoravel resultado; ao mesmo tempo que a relaxação de taes preparações, se forem baldados os desejos dos Estados Unidos para a prompta restauração das benções da paz, havia de ter necessariamente as mais perniciosas consequencias.—6 de Janeiro, de 1814.

“ JAIMES MADISON.”

Carta de Lord Castlereagh ao Secretario de Estado Americano.

“ Londres : Secretaria dos Negocios Estrangeiros,
4 de Novembro, de 1813.

“ SENHOR,—Tenho a honra de vos remetter inclusa, para informação do Presidente dos Estados Unidos, uma copia de uma nota que o Embaixador de S. M. Britannica na Corte de St. Petersburgo, foi mandado apresentar ao

Governo Russiano, logo que S. A. R. o Principe Regente foi informado de que tinham sido nomeados Plenipotenciarios da parte do Governo Americano, para o fim de negociarem a paz com a Gram Bretanha, debaixo da mediação de S. M. Imperial.

“ Sua Senhoria tendo-me feito saber pelo ultimo correio vindo do quartel-general do Imperador, que os Commissarios Americanos agora em St. Petersburgo, intimáram em replica a esta proposição que não punham objecção a negociar em Londres, e que tinham tantos desejos, como o Governo Britannico tinha declarado ter, de que estes contractos não se embaraçassem com os negocios do Continente da Europa, mas que os seus poderes só eram limitados a tractar debaixo da mediação da Russia.

“ Nestas circumstancias, em ordem a evitar a desnecessaria continuação das calamidades da guerra, manda-me o Principe Regente que remetta por um parlamentar, ao porto da America mais proximo ao logar da residencia do Governo, a nota official acima mencionada, em ordem a que o Presidente, se se achar disposto a entrar em directa negociação para a restauração da paz entre os dous Estados, possa dar as suas direcções. m

“ Com esta communicação, posso assegurar-vos, de que o Governo Britannico está desejozo de entrar em discussão com o Governo da America para o conciliatorio ajuste das differenças que subsistem entre os dous Estados, com um sincero desejo da sua parte, de as conduzir a um favoravel resultado, sobre principios de perfeita reciprocidade, consistentes com as estabelecidas maximas do direito publico, e com os direitos maritimos do Imperio Britannico.

“ O Almirante commandante da esquadra Britannica na estação da America, receberá ordem para dar a necessaria protecção, a quaesquer pessoas que vierem para a Europa, da parte do Governo dos Estados, Unidos, para promoverem esta negociação; ou querendo o Governo Americano

mandar ordens á sua commissão em St. Petersburgo, para se lhe darem as requisitas facilidades, por embarcação parlamentaria, ou por outro modo para a transportação das mesmas.

“ Tenho a honra de ser, com a mais alta consideração,

“ Senhor, o vosso mais obediente creado,

(Assignado) “ CASTLEREAGH.”

[*A incluz a que allude assima.*]

Traducção de uma Nota de Lord Cathcart ao Conde de Nesselrode, datada de

“ Toplitz, 1 de Septembro, de 1813.

“ O abaixo assignado, Embaixador de S. M. Britannica, juncto ao Imperador de Todas as Russias, desejando aproveitar a primeira occasião de renovar o ponto da negociação a respeito da America, que foi posto em discussão em uma conferencia ao momento da partida de Reichenbach, tem a honra de dirigir esta nota a S. Ex.^a o Conde de Nesselrode.

“ Ainda que o Principe Regente, por algumas razoens que ja tem sido communicadas, não se tem achado em situação de acceitar a mediação de S. M. Imperial para terminar as discussões em os Estados Unidos da America, S. A. R. deseja, não obstante, dar effeito aos beneficos desejos, que S. M. Imperial tem mostrado, de ver a guerra entre a Gram Bretanha, e a America, em breve terminada, á mutua satisfacção de ambos os Governos.

“ Com estas vistas, S. A. R. tendo sabido que tinham chegado á Russia os Enviados Plenipotenciarios dos Estados Unidos, para negociarem uma paz com a Gram Bretanha, debaixo da mediação de S. M. Imperial; não obstante achar-se na neçessidade de não acceitar a interposição de nenhuma Pctencia amiga, na questaõ que forma o principal objecto da disputa entre os dous Estados, está comtudo prompto para nomear Plenipotenciarios para

tractarem directamente com os Plenipotenciarios Americanos.

“ S. A. R. sinceramente deseja que das conferencias destes Plenipotenciarios possa resultar o restabelecimento das bençaõs, e as reciprocas vantagens da paz, em ambas as naçoens.

“ Se, por meio dos bons officios de S. M. Imperial, esta proposiçaõ for acceite, o Principe Regente preferiria que as conferencias fossem feitas em Londres, por conta das facilidades que isso daria ás discussõens.

“ Porem se esta escolha encontrar invenciveis obstaculos, S. A. R. consente em substituir Gottenburgo, como o sitio mais perto de Inglaterra.

“ O abaixo assignado, &c.

(*Assignado*) “ CATHCART.”

O Secretario de Estado ao Lord Castlereagh.

“ Repartiçaõ do Estado, Janeiro, 1814.

“ MY LORD,—Tenho a honra de receber por um parlamentar, a carta de V. S. de 4 de Novembro passado, e uma copia de uma nota, que o Embaixador de S. M. Britannica, na Corte de St. Petersburgo appresentou ao Governo Russiano no 1º. de Setembro precedente.

“ Por esta communicaçãõ ve-se que S. A. R. o Principe Regente rejeitara a mediaçãõ offerecida por S. M. Imperial, para promover a paz entre os Estados Unidos, e a Gram Bretanha; que porem proposera tractar directamente com os Estados Unidos, em Gottenburgo, ou Londres, e que tinha requerido a intervençãõ dos bons officios do Imperador em favor de tal arranjo.

Tendo posto perante o Presidente a communicaçãõ de V. S. estou instruido para fazer constar, para informaçãõ de S. A. R. o Principe Regente, que o Presidente tem visto com pezar, este novo obstaculo para o commeço de uma negociaçãõ para a accommodaçãõ das differenças

entre os Estados Unidos e a Gran Bretanha. O Presidente não podia duvidar de que S. A. R. accitaria a mediação que S. M. Imperial tinha offerecido. A confiança que o alto character do Imperador inspirou ao Presidente, foi quem o induzio, a despeito de considerações, que uma politica mais cautelosa poderia ter suggerido, a accitar a proposição com promptidão, e a mandar Ministros para St. Petersburgo para tirarem vantagem disso. Teria sido de muita satisfação para o Presidente, se S. A. R. o Principe Regente achasse compativel com as vistas da Gran Bretanha, adoptar semelhante medida, porque muita demora se poderia evitar em se accabar um objecto, que he de alta importancia para ambas as nações.

“ O expediente proposto como um substituto para as negociações em St. Petersburgo, debaixo dos auspicios do Imperador da Russia, não podia, devo notar a V. S., ter sido requirido para o fim de conservar a disputa entre os Estados Unidos e a Gran Bretanha, separada dos negocios do Continente. Na proposta mediação nada havia que tendesse a um tal resultado. Os termos da abertura indicavam o contrario. S. M. Imperial, offerecendo-se para convocar as partes, não como um arbitro, mas como um amigo commun, para discutirem, e accomodarem as suas differenças, e respectivas pretenções, de uma maneira satisfactoria para ambas ellas, mostrava o interesse que tomava no bem de ambas as partes.

“ Aondequerque os Estados Unidos tractarem, haõ de tractar com o sincero desejo que tem repetidamente manifestado, de terminarem a presente contenda com a Gran Bretanha sob condições de reciprocidade, consistentes com os direitos de ambas as partes, como nações Soberanas, e independentes, e calculadas não so para estabelecer harmonia presente, mas para accautelar o mais que for possivel collisoens futuras que a possam interromper.

“ Antes de dar resposta á proposição communicada por

V. S., para tractar com o Estados Unidos independentemente da mediação Russiana, teria sido agradavel ao Presidente, ter noticias dos Plenipotenciarios dos Estados Unidos mandados para St. Petersburgo. A offerta de uma mediação por uma Potencia, e a acceitação della por outra, forma entre ellas uma relação, cuja delicadeza não pode deixar de ser sentida. Entretanto, do conhecido character do Imperador, e das benevolas vistas com que a sua mediação foi offerecida, não pode o Presidente duvidar de que elle ha de ver com satisfação uma concurrencia dos Estados Unidos em uma alternativa, que, debaixo das existentes circumstancias, offerece o melhor prospecto de obter promptamente o que era o objecto da sua interposição. Eu estou portanto encarregado de fazer saber a V. S., para informação de S. A. R. o Principe Regente, que o Presidente accede á sua proposição, e tomará as medidas que delle dependerem para lhe dar effeito em Gottenburgo, com a menor demora possivel, presumindo-se que S. M. o Rey de Suecia, como amigo de ambas as partes, ha de consentir promptamente na escolha de um lugar para negociações pacificas, dentro dos seus dominos.

“ O Presidente tem o devido reconhecimento pela attenção de S. A. R. o Principe Regente, em dar ordens ao Almirante commandante da esquadra Britannica sobre esta costa, segundo V. S. communicou.

“ Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) “ JAIMES MONROE.”

AUSTRIA.

Manifesto do Principe Schwartzemberg aos Suissos.

“ Para os olhos do mundo he talvez uma sufficiente justificação deste passo, da entrada em Suissa, o estar elle necessariamente ligado com uma empreza de reconhecida utilidade, e justa; e ainda os Soberanos Alliados não se decidiram por esta consideração, ponderosa como ella he,

se a Suissa estivesse capaz de manter uma boa, e estricta neutralidade.

“ Porem sem possuir real independencia, não he possivel existir real neutralidade. A pretendida neutralidade de um Estado, não meramente influido, mas actualmente governado por uma Potencia estrangeira, he de si mesma uma palavra sem sentido ; para os seus vizinhos uma espada de dous gumes, e so para aquelle por cujos ferros he agrilhoadada, uma importante vantagem sobre os seus contrarios, e um meio seguro de promover os seus planos. Se, portanto, em uma guerra, cujo expresso, e unico objecto he reduzir uma defeituoza preponderancia aos seus proprios limites, esta illicita neutralidade se torna um baluarte para aquella preponderancia, e um obstaculo para aquelles, cujos esforços são dirigidos ao estabelecimento de uma melhor ordem de cousas, tam pouco se deverá soffrer que existisse, como a mesma origem do mal, que ella serve de acoitador, e defender.

“ A historia deste importante paiz, que, florecendo na antiga pureza, e belleza ; servio por muitas idades de ornamento á Europa, apprezenta, durante os ultimos quinze annos, nada mais do que uma longa serie de violencias, por meio das quaes os Regentes da França Revolucionaria tem subvertido a sua veneravel constituicão, derribado a sua liberdade, e prosperidade, armado os seus pacificos cidadãos uns contra os outros em as nossas contendas, saqueado os thesouros ajunctados pela sua industria, extorquindo-lhe de todos os lados porçoens do seu territorio, e calcado aos pez os seus mais sagrados direitos. Depois de a Suissa ter experimentado toda a sorte de misérias, e desgraças, que a crueldade dos seus oppressores foi capaz de inventar ; depois de ter perdido, com as suas provincias das fronteiras. o poente, e do sul, todas as barreiras da sua independencia, e com as suas leys, e sua propriedade, as suas instituicoens nacionaes, a simplicidade, e

generosos sentimentos de seus filhos, e igualmente o poder de resistencia, foi-lhe imposta em 1803, uma forma de Governo com nome de acto de Mediação, termo taõ vago que mal podia admittir explicação. Esta constituição, allegou-se, que era para pôr um termo aos seus soffrimentos: porem de facto, como ella completava, e selava a sua insignificancia politica meramente alhanou a estrada para maiores males, que haviam de seguir-se, e a naõ ser este ultimo transtorno de cousas, seria, mais tarde ou mais cedo, submergida na sua ultima ruina.

“ Esta forma de governo foi calculada exclusivamente para dar uma solida, e permanente forma ao dominio Francez sobre a Suissa, o qual até entã, tinha sido exercitado sem regra, e muitas vezes com tyrannico imperio, e para lhe dar uma sombra de legitima authoridade. A força, e os recursos que ainda poderia conservar, foram requeridos para serem empregados no serviço de França; a vontade do Imperador Francez devja ser a sua ley; nenhum outro estado vizinho poderia contar com o mais leve favor, se o medo de offender a França se lhe antolhasse; nenhuma resistencia aos peditorios daquela potencia, nem mesmo quando o fornecimento dos artigos de primeira necessidade, estava cortado pelas prohibiçoens commerciaes; nenhuma medida capaz de contrariar, mesmo de uma maneira remota, a influencia deste arbitro estrangeiro; nenhuma queixa, nenhuma expressão publica do mais justo resentimento—eram permittidas. A Suissa, posto que nominalmente um distincto corpo politico, era naõ obstante, em todos os pontos essenciaes, ainda que com alguns leves restos das suas particulares formulas, *uma mera provincia do Imperio Francez.*

“ Em taes circumstancias toda a medida politica adoptada pela confederação Helvetica, qualquer que fosse a sua immediata occaziaõ, naõ podia deixar de trazer estampado o selo do senhorio estrangeiro, de quem recebia o seu ori-

ginal impulso, e direcção. Uma declaração de neutralidade, saindo de territorio tal, perde todo o direito ao titulo com que se adorna. Em respeito á potencia preponderante, em um tempo em que esta se acha vencida, he um favor de maior importancia do que uma formal participação nas suas operaçoens ; porque deve ser obvio á vista mais superficial, que havia de ser soffrida somente tanto tempo quanto fosse vantajozo a esta Potencia, e anihilada taõ de pressa como foi instituida—em respeito ás potencias que estam desejozas de por um termo ás convulsões e miserias do mundo, naõ he senaõ uma injudiciosa tentativa, para se oppor aos progressos da mais benevola e louvavel das emprezas, e consequentemente um passo hostile, naõ so contra os Soberanos Alliados, mas contra os interesses, necessidade, ardentes desejos e anciozas expectaçoens de toda a povoação da Europa.

“ Em respeito á mesma Suissa, a melhor construcção que se lhe pode dar he, que em ordem a evitar um incommodo temporario, e alguns sarcrificios momentaneos, que-ria conservar as suas ultimas relaçoens politicas ; que vem a ser, condenar-se a uma continua privação de tudo o que he mais caro á humanidade, ficar em perpetua tutela, e permanente escravidão.

“ Neste ponto de vista apparece o acto de neutralidade, mesmo admittindo a circumstancia, (que entretanto nada ha que a justifique) de que a Suissa se tinha implicitamente submettido á resolução da dieta de Zurich, e que somente um sentimento, e uma opiniaõ prevalecia nos chefes de todos os differentes cantoens a respeito de uma medida de taõ equivoca conveniencia. O antigo character nacional Suisso devia estar extincto até a ultima faisca, antes que semelhante unanimidade podesse possivelmente existir ; e o acto de neutralidade está completamente despojado da sua legitima consequencia, se as authoridades por quem deve ser mantido, e posto em execução recuzam o seu consenti-

mento a olle. Em uma constituição tão irregularmente construída, e tão mal juncta, como a que o acto de Mediação Francez substituiu á de Suíça, a opposição de um só cantão em um negocio de tanta importancia, deve mesmo ter sido considerada como um passo immediato para a dissolução da antiga confederação; no momento em que os estados, anteriormente independentes, mas agora encadeados junctamente por esta constituição, se julgarem justificados e bastante fortes para protestarem contra ás resoluções da dieta, o systema federativo formado pela França está acabado.

“ Os Soberanos Alliados consideram a entrada das suas tropas na Suíça, não so como uma medida inseparavel do plano geral de operações, mas tão bem como preparatorio para aquelles passos, pelos quaes a futura sorte deste interessante paiz deve ser decidida. O seu objecto he pôr a Suíça, relativamente ás suas relações estrangeiras, no mesmo livre, e vantajoso pé em que estava antes das convulsões revolucionarias. A perfeita independencia deste paiz, o requisito mais essencial para a sua propria prosperidade, he ao mesmo tempo uma das primeiras precizoens politicas de toda a commuidade dos Estados Europeos. Com esta independencia he incompativel o presente estado de cousas, a que a Suíça esta reduzida, havendo-se tornado de confederação livre de republicas independentes, que éra, a um indigno, imbecil, e paciente instrumento do dominio Francez. Quando este mal estiver radicalmente corrigido, quando a integridade do territorio Suíço, segundo os seus antigos limites de todos os lados, estiver restaurada, e a Suíça collocada em tal situação que possa tornar a modelar o seu futuro systema federativo da forma que ella melhor assentar, sem respeito a influencia estrangeira; então haõ de as potencias alliadas considerar a sua obra concluida. A constituição e legislação de cada individual cantão, e o estabelecimento das suas reciprocas

relações, he puramente uma convencia nacional dos Suisos, que deve ser entregue com perfeita confiança, a sua propria justiça e discrição.

Os Soberanos Alliados, animados por estes sentimentos, empenham-se em que, quando chegar o momento de se negociar uma paz geral, haõ de empregar toda a sua atençaõ e vigilancia nos interesses da nação Suissa, e em naõ considerarem satisfactorio tractado algum em que a futura condiçaõ da Suissa naõ for regulada sobre os pricipios aqui expostos, e em que naõ for permanentemente assegurada, reconhecida, e affiançada por todas as Potencias da Europa.

HOLLANDA.

Proclamaçoens publicadas pelo Capitaõ Hancock, do Nimphen, depois dos Hollandezes se declararem independentes.

Copia No. 1.

ORANGE BOVEN.

Valentes, e leaes Hollandezes habitantes da Ilha de Walcheren, de Beveland do Norte, e do Sul, Schowen, Cad-sand, &c. &c. &c.

Não Nimphen de Sua Magestade Britannica ancorada na altura do Scheldt, 29 de Novembro, de 1813.

Honrado pelo Commandante em Chefe da Esquadra de Sua Magestade Britannica, com o commando de um destacamento avançado na altura do Scheldt, e auctorizado por elle para communicar aos bons e leaes Hollandezes habitantes de Walcheren, ilhas, e paiz vizinho, os nobres esforços que os seus compatriotas tem successivamente feito em Amsterdam, Utrecht, Haarlem, o Briel, e todo o Norte da Hollanda, para sacudirem o molestante jugo da tyrannia Franceza, com as bençaõs da Divina Providencia, e com as gloriozas victorias dos Exercitos Alliados, que se apressam a dar-lhes soccorro, para se restituirem ao antigo esplendor, e felicidade da nação Hollandeza, debaixo do seu bem amado Soberano o Principe de Orange, que chegou

agora a Rotterdam a fim de convidar os seus leaes vassallos a reunirem-se ao seu estandarte.

E como o Commandante em Chefe está convencido de que os mesmos honrados sentimentos prevalecem na Ilha de Walcheren, e suas vizinhanças, e de que o nobre espirito assim inspirado ha de manifestar-se quando receber segurança de apoio, estou encarregado por elle de vos informar de que uma poderosa Esquadra Ingleza está agora sobre as suas costas, com tropas a bordo promptas para darem toda a assistencia aos seus antigos amigos e alliados, os Hollandezes, para o conseguimento deste grande e glorioso objecto ; e que tam depressa elles o informem das suas intençoens, dos meios que possuem, e dos que podem exigir de nos, podem estar certos de receber toda a assistencia que as maiores deligencias da Esquadra Ingleza lhes poderem prestar.

Tenho a honra de ser, &c. &c.

(Assignado) JOAÕ HANCOCK.

Capitão da Nao de Sua Magestade Britannica, Nimphen, commandante do destacamento avançado defronte do Scheldt, debaixo das ordens de William Young, Esq. Almirante da Esquadra Branca, e Commandante em Chefe das náos, e vasos de guerra nos mares do Norte, &c. &c.

Por ordem do Capitão Hancock, Official mais antigo do destacamento do Scheldt.

WILLIAM HOLE, Secretario.

Aos valentes, e leaes Hollandezes habitantes de Walcheren, de Beveland do Norte, e do Sul, &c. &c.

(Copia No. 2.)

Valorozos Hollandezes de Walcheren, &c. &c. &c.
Por Joaõ Hancock, Esq. Capitão da Nao de Sua Magestade, Nimphen, &c. &c.

O vosso amado Soberano, o Principe de Orange esteve

hoje á vista desta Ilha ; e os tiros que deram os navios de Sua Magestade Britannica, foram uma salva a annunciar este alegre acontecimento.

Com a graça do todo Poderoso, ha de desembarcar hoje em Briel ; a Esquadra Ingleza ha de fazer-se á vela para dentro do Roompot logo que o vento estiver bom. Estai promptos para nos receber como amigos, e libertadores.

Feita a bordo do navio de Sua Magestade Nimphen, defronte do Scheldt, 29 de Novembro de 1813.

(Assignado) JOAÕ HANCOCK, Capitaõ.

(Copia No. 3.)

ORANGE BOVEN!

Graças ao Deus dos Exercitos.

Hollanda está livre! Os Inglezes são convidados. O glorioso Exercito dos Alliados vem avançando.—Os Francezes fogem de todos o lados.

A bordo do Navio de Sua Magestade Britannica, Nimphen, ancorado defronte do Scheldt, 29 de Novembro, de 1813.

Valorosos habitantes de Walcheren de Beveland do Norte, e do Sul, Schowen, Antuerpia, Bruges, Sluys, Ostend, e de todo este, em outro tempo feliz, e florecente Paiz, não consintaes que o vosso terreno seja por mais um momento deshonorado pelo pé de um unico Francez ; ponde na vossa lembrança os gloriosos dias antigos, e nobres esforços que os vossos antepassados fizeram pela sua liberdade ; o sangue que derramaram por esta sua amada patria, demaziado tempo debaixo do ferreo punho daquelle incompadecido tyranno, daquelle moderno Alva, o Imperador dos Francezes, que agora, como aquelle, vai repellido para as suas ultimas possessoens.

Approveitai-vos desta feliz, desta gloriosa oportunidade, e segui o nobre exemplo que vos daõ os vossos compatriotas, em Amsterdam, em Leyden, em Rotterdam, Bergen-

op Zoom, Breda, e Nimeguen, o Briel, e todo o Norte da Hollanda, aonde todo o verdadeiro Hollandez, se levantou outro tempo, arvorou a bandeira de Orange, calçou a dos tyrannos, e arredou-os da sua vista.

Uma poderosa esquadra Ingleza está agora junto as vossas costas, com tropas, com armas, e com coraçõens palpitando de transporte, ao prospecto da libertaçõ dos seus antigos amigos e alliados, da tyrannia Franceza. Apressai-vos pois a dar-me certeza do vosso cordeal apoio, para que eu possa informar o Commandante em Chefe, e vos vereis a esquadra Ingleza entrar amanhã nos vossos portos, para vos assistir na sagrada, e gloriosa cauza da liberdade.

Pode haver um Hollandez taõ degraduado, taõ perdido para a honra que hesite um momento? Naõ! Estou certo que o naõ pode haver; pode o seu nobre espirito ter sido abatido pela ferrea maõ do poder, porém ha de levantar-se agora, e arrebentar com dobrada furia sobre as cabeças dos seus oppressores. Os descendentes daquelles grandes, e valorosos homens que expelliram das suas praias, e mares, os merecenarios, e miseraveis satellites do vingativo Felipe, capitaneados pelo cruel Alva, naõ haõ de submetter-se por mais tempo a um Tyranno mais feroz, e mais oppressor.

Apressai-vos entaõ, valentes Hollandezes, a communicar-me os vossos dezejõs, os meios que possuis, e os que requereis de nos, para que eu possa expollos ao Commandante em Chefe, Almirante Young, que so espera saber como melhor vos sirva, e como melhor empregue a força do seu commando para vos fazer outra vez um povo livre, e feliz.

Lembraí-vos que os olhos dos vossos compatriotas estaõ sobre vos; toda Flandres olha para os vossos esforços com anxiedade, e com esperança, e ha de seguir o vosso exemplo para se libertar das oppressoens, debaixo das quaes tem gemido ha tanto tempo; mostrai-vos dignos da fama

dos vossos antepassados, e não percais os preciosos momentos, ou recuzeis o favor, que o Ceo por sua divina mercé, tem permittido que nos vos offereçamos, abençoando os esforços dos Exercitos Alliados.

Dada por mim abordo do navio de Sua Magestade Britannica, Nimphen, defronte do Scheldt, em 29 de Novembro, de 1813.

(Assignado) JOÃO HANCOCK, Capitão.

Aos Leaes, e Valorozos Hollandezes Habitantes de Walcheren, e Beveland do Norte, e do Sul, &c. &c. &c.

FRANÇA.

Paris, 23 de Janeiro.

O Monitor de 22 deste mez contem um Decreto do Imperador, ordenando que se formem em Paris 12 regimentos de voluntarios ; a saber : 6 de caçadores, e 6 de atiradores das novas guardas. A gente deve ser entre 20, e 50 annos de idade ; e haõ de servir até que o inimigo seja expulsado do territorio Francez. Este Decreto foi publicado no dia 22, e affixado com a seguinte Proclamação do Corpo Municipal aos Parisienses :—

Proclamação.

PARISIENSES ! Sua Magestade o Imperador e Rey, na sua falla ao Senado, invocou os Francezes de Paris, de Bretanha, de Normandia, e Campagne, de Burgundia, e dos outros departamentos para accudirem aquellas das nossas provincias que foram invadidas. “ A cidade de Paris não ha de fazer menos do que a Normandia, a Bretanha, e as outras partes da França. Não ha de ficar a traz quando a questaõ he de mostrar amor da patria, e da honra, assim como o inalteravel affecto dos Francezes para com o Sobrano, que restabeceo a monarchia, e cujos pensamentos tem todos por objecto a gloria, e prosperidade do Imperio.

“ A honra do Imperador, e da patria esta-nos chamando.

O inimigo depois de ter violado a neutralidade de uma nação aquem tinha acareado, desejava espalhar sementes de discordia entre nos ; ajunctando por este modo, á asso- lação do territorio que occupa, um insulto ainda mais inju- rioso para a honra Franceza.

Sua Magestade convida voluntarios a servir nas novas guardas. Os cidadãos capazes de pegar em armas o aquelles que em razão das circumstancias estão sem ter que fazer, terão bem vontade de obedecer a este convite.

“ Uma paz honroza, que haja de manter a integridade da França em seus limites naturaes, e sobre tudo a promp- ta libertação do nosso paiz, deve ser a nossa voz de reu- nião. O povo de Paris que tem sempre dado o exemplo em ser o primeiro a fornecer o seu contingente para as differentes conscripções, ha de agora tornar a dar mostras do seu affecto para com um Soberano a quem deve tudo, já como Francezes, ja como Parisienses.

“ Que Francez poderá ser surdo aos gritos do povo de Franche Comté, de Lorraine, e á voz dos Lyonezes que estão ameaçados pelo inimigo ? Quem não derramará o seu sangue para preservar sem mancha a honra que rece- bemos dos nossos antepassados, e para manter a França nos limites que a natureza lhe assignou ? Quem quereria tornar-se o ludibrio da Europa, e ver a sorte da França sujeita ao capricho, e a aversão dos nossos inimigos ?

“ França que até este momento nunca tem precisado protecção, ainda menos compaixão, de outro povo, e que pelo contrario tem dado provas de sua generosidade, e protecção ás nações do continente.

“ Possam estes grandes, e claros interesses influir aquel- les que estiverem em estado de servir, e os que, por cir- cumstancias tem deixado a profissão das armas, á entrarem nestas valentes falanges, que haõ de pelejar debaixo dos olhos do seu Soberano, debaixo do estandarte do primeiro Capitaõ do mundo.

“ O Corpo Municipal, com consentimento das authoridades superiores, resolve que esta presente proclamação seja publicada, e affixada na Cidade de Paris, com o Decreto de S. M., e que um official da municipalidade vá desde hoje assistir á secretaria de cada Majoria, com os officiaes da guarda nomeados para esse fim, para receber os nomes dos voluntarios.

Feita na Sala da Cidade de Paris, aos 22 de Janeiro, de 1814. (As Assignaturas.)

(Copia fiel.)

“ O *Maitre des Requetes*, Prefeito do Departamento do Sena, Baraõ do Imperio,

“ CHABOT.”

COMMERCIO E ARTES.

FRANÇA.

Procedimentos do Banco Nacional.

Extracto do Registro das Deliberaçoens da Juncta Geral Extraordinaria.

Sessão de 18 de Janeiro, de 1814.

OS Directores, e Censores, congregados em Juncta Geral, presidida pelo Governador ; a Juncta Geral deliberando sobre a situação em que agora se acha o commercio de Paris, considerando que o estado do banco na tarde de 18 de Janeiro, depois de se fecharem os coffres, mostra que as notas em circulação :—

	<i>Francos.</i>
Montaõ a	38:326.500
E as contas correntes a	6:474.000
Total	44:700.500

Sendo toda a divida passiva do Banco.

Que o Banco tem em dinheiro de con-	
tado na sua mão a somma de	. 14:454.000
Que a sua pasta tem em letras por	
vencer	. 31:331.000
	<hr/>
	45:685.000

E que consequentemente o capital disponível he superior á sua divida, sem ser necessario recorrer ao fundo capital fornecido pelos donnos de parte, ou as sommas reservadas dos lucros obtidos até o presente ; e que assim o interesse dos donnos de notas está plenamente seguro.

Que, não obstante, o empenho que os donnos de notas mostram em vir requerer pagamento dellas tenderia, se continuasse, a exhaurir em poucos dias a caixa do Baneo, ainda que esta caixa monta á uma somma muito maior do que Bancos de Circulaçãõ deveriam ter de reserva em caixa.

Considerando que a prudencia, e a razaõ obrigam a Administraçãõ do Banco a tomar medidas extraordinarias, quando há uma concurrencia de circumstancias taõ inesperada.

Que se o Banco deixasse exhaurir a sua caixa antes de poder realizar a importancia da sua pasta seria obrigado a suspender inteiramente, todo o desconto, o que seria uma ferida mortal para o commercio, que muitissimo importa não privar das facilidades que lhe saõ taõ necessarias.

Considerando que a maior parte dos dinheiros do Banco he em ouro ; e que, se n'um momento em que o ouro obtem um premio consideravel, fosse empregado sem restricçãõ no pagamento de notas, este modo de pagamento so tenderia a esgotar mais de pressa a caixa do Banco, sem vantagem para a circulaçãõ, pela experiencia mostrar que o ouro desaparece, quando sahe das mãos dos trocadores de dinheiro.

Considerando finalmente, que se o primeiro dever do Banco he pagar as suas notas, tambem tem outro dever a preencher para com os proprietarios, e que nenhum homem de razãõ pode desapprovar, quando os peditorios de pagamento excedem todos os limites ; que o Banco haja de tomar medidas para reduzir os pagamentos aos limites de necessidade real.

Tendo ouvido os Censores, resolve,

Art. 1. Que, a datar de quinta teira, 20 do corrente, o Banco de França pagará diariamente a somma de 500.000 francos. Esta somma augmentará na proporçãõ que o permittir a realisacãõ do conteudo da caixa.

2. Tomar-se-haõ todas as medidas para assegurar a ordem do pagamento fixado pelo Artigo primeiro.

AUDIBERT.

Secretario da Juncta Geral do Banco.

Sessão de 19 de Janeiro.

Os Directores, e Censores, estando congregados em Juncta Geral, presidida pelo Governador; presentes, Messieurs. Mallet, Thibon, Davillier, Delessert, Hottin-guer, Cordier, Moreau, Flory, Rodier, Roux, Guiton, Ollivier, Lafitte, Ducos, Martin de Puech, Robillard, e Marlin.

Abriam-se as sessoens. A Juncta Geral do Banco de França convidou 100 dos principaes Banqueiros, Negociantes, e Traficantes de Paris, para se ajunctarem no Banco hoje ás oito horas da tarde.—(Aqui se seguïam os nomes de todos os que concorreram.)

Tendo-se formado a sessão, leo-se a Resoluçãõ, que foi tomada pela Juncta Geral do Banco na sessão extraordinaria de hontem, relativa ao pagamento das notas do banco, e ás medidas que se haviam de tomar para continuar o desconto, e para assistir o commercio.

A Resoluçãõ da Juncta foi lida duas vezes. Varios

Membros fallaram sobre a situação do trafico, o estado do banco, e a necessidade que todos os bons cidadãos deviam sentir, de ajudarem com os seus esforços a supportar o credito, e a facilidade do negocio.

Achou-se que a medida resolvida pela Juncta Geral do Banco, de pagar 500.000 francos por dia, até que a receita da caixa permitisse augmentar esta somma, he a unica que he conveniente ao estado do banco, e aos interesses do trafico ; que he dictada por necessidade e pelo interesse publico ; que o Banco tendo em caixa, e em letras, para vencer, sommas superiores ás notas em circulação, e ás contas correntes, independentemente da superabundante fiança do primitivo capital fornecido pelos Proprietarios, debaixo do nome de *Commandite*, e dos lucros reservados que montam ao todo a III milhoens e 500.000 francos, seria contrario a toda a razão que houvesse de existir alguma apprehensão a respeito do pagamento das notas, e que todos os bons cidadãos não podem deixar de unir os seus esforços para que as notas continuem a ser recebidas como atéqui.

Em consequencia, os Membros desta assemblea déram unanimemente o seu pleno consentimento á Resolução da Juncta Geral do Banco, passada a 18 deste méz, e declararam que haviam de ajudalla por todos os meios em seu poder, em ordem a que as notas do Banco de França continuem a ser recebidas como atéqui e que o commercio obtenha todas as facilidades do desconto de que tem necessidade.

O presente processo verbal foi lido, posto a votos, e adoptado.

O Governador, em nome da Juncta Geral do Banco de França, dá os agradecimentos aos Senhores, presentes á Assembleia, pela sua prompta condescendencia ao convite que lhes foi feito.

(*Copia fiel*) AUDIBERT, Secretario da Juncta da
Assemblea Geral do Banco.

Uma advertencia da Prefeitura da Policia, publicada hontem, informa ao publico, que de hoje em diante, e até que se determine o contrario, ninguem possa ir ao Banco de França trocar notas sem que leve um numero, que lhe haverá sido dado pelo Mayor do seu bairro.

 PORTUGAL.

Contracto do Tabaco.

Os papeis e documentos, que publicamos no nosso N.º passado, mostraraõ aos *incredulos*, que nós naõ ignoramos absolutamente tudo quanto se tem practicado em Lisboa, a respeito do Monopolio do Tabaco. Agora diremos alguma cousa sobre os documentos.

Por melhores que fossem as razoes, que induzïram o Governo a estabelecer este monopolio ha mais de um seculo, ninguem deixará de convir em que as mudanças politicas, e commerciaes, que o Mundo tem soffrido desde aquella epocha, altéram taõ consideravelmente as cousas, que he impossivel seguir, nestas materias, a mesma vereda. E com tudo nem a Juncta, nem o seu Secretario, nem os Contractadores, se encarregáram de considerar as differentes circumstancias dos diversos tempos, nem de mostrar que existïam agóra os mesmos motivos para continuar o monopolio, quaes havia ao tempo do seu estabelicimento. Sem éstas ponderaçoes naõ éra possivel que a Juncta ou o Secretario formassem uma opiniaõ cõrrecta; nem persuadissem pessoa alguma, de que o Contracto ou Administraçãõ por conta da Fazenda Real éram preferiveis, um a outro expediente, ou qualquer delles ao Commercio livre.

A hesitaçãõ parece originar-se agora principalmente na circumstancia de naõ apparecêr quem lance no Contracto, donde parece resultar a necessidade de continuar os antigos administradores, de cuja vontade ou planos o Secretario se mostra plenamente informado, e assevera que de

forma nenhuma querem elles continuar no contracto. Em primeiro lugar; isto não he exacto; porque pela mesma informação ou representação dos Contractadores se vê, que elles se offerecem a continuar por mais algum tempo, e tanto quanto for necessario para o Governo tomar as suas medidas; logo não devia o Secretario exaggerar os sustos, alegando que os Contractadores não queriam de forma nenhuma continuar; elles pelo contrario estão promptos a continuar, nas circumstancias e forma que apontam; não obstante o grande susto do Secretario; donde se segue não sómente que são falsos todos os raciocinios que o Secretario funda nesta falsa supposição; mas que o seu comportamento he altamente reprehensivel, em dar ao Governo uma informação em ponto de tanta consequencia, e que tanta influencia devia ter na decisão da materia; que se acha contradicta pela assersão dos mesmos Contractadores.

A medida coactiva que o Secretario aponta, de se passar ordem ao Governador da Bahia, para que segure na saffra aquella porção do mesmo genero, que for sufficiente para o consumimo de um anno, he injusta, e impolitica.

Concedendo-se aos Contractadores a authoridade de segurar, por meio do Governo da Bahia, a quantidade de tabaco que precisarem, se lhes accrescenta ao seu monopolio de vender o tabaco em Portugal, outro monopolio na compra deste genero, no Brazil; com o que ficaria o Contracto duplicadamente odioso. He verdade que o Secretario aponta este expediente para o caso em que o Governo tomasse sobre si a administração; porém nessa hypothese, (que se não verificou; porque está decidido que os Contractadores continuem até 1815) ; quem havia de ministrar ao Governo da Bahia os fundos necessarios para as compras?

Se o Governo da Bahia passasse letras sobre Lisboa, he mui possivel, que essas letras não fizessem conta a quem vende o tabaco, e que precisa ou dinheiro de contado, ou

generos da Europa. Alem disso, os agricultores do Brazil tem contas com os negociantes, que ajustam e pagam com o producto de suas lavouras, e sendo o tabaco tomado forçadamente para o Contracto, se destruisse este arranjo e intelligencia, entre o agricultor e o negociante do Brazil. Nem vemos, porque sêja necessario que o Contracto se valha de meios coactivos para obter tabaco no Brazil; pois, nos annos de colheita regular, o tabaco que se approva para a exportação da Europa he tres vezes mais em quantidade do que se requer para o Contracto; alem do que se refuga, e serve para a negociação da Costa de Africa. O Secretario pois não se pode justificar de ter recommendado uma medida arbitraria neste commercio, que a fatura do genero faz desnecessaria, uma vez que os Contractadores queiram, como devem, concorrer com os demais negociantes nesta compra.

A injustiça de obrigar o lavrador a vender o seu tabaco aos Contractadores, e não ao negociante com quem tem contas, he mui obvia, na consideração do costume do Brazil, aonde os negociantes adiantam aos lavradores os generos que estes precisaõ, na intelligencia de receberem em paga os productos das sáfiras; e se o lavrador for obrigado a dar o tabaco a outrem, naturalmente fica privado do credito que podia obter do seu negociante.

A impolitica da medida recommendada pelo Secretario não he menos clara do que sua injustiça. A liberdade que S. A. R. concedeo a todos os povos do Brazil de commerciar com as Potencias Estrangeiras, dando maior sahida aos generos, promove mais efficazmente a sua cultura; e desta augmentada prósperidade do Brazil podfa participar Lisboa, se esta cidade fosse o emporio e escala das mercadorias do Brazil; para dali se distribuirem para os outros portos da Europa. As restricções do Contracto em Lisboa affugentam os negociantes, que em vez de trazer ao Tejo o tabaco da Bahia, o vão levar a Gibraltar; e que

recompensa tem os Portuguezes de perderem estes lucros, que vão ficar em Gibraltar e outros portos estrangeiros?

Dizem-nos, que os Contractadores intentaram incomodar alguns capitaens de navios, que foram com suas cargas de tabaco da Bahia para Gibraltar; mas se obtivessem isto, a consequencia seria, que a exportação da Bahia havia de fazer-se em vasos estrangeiros, e a navegação Portugueza soffreria mais ésta diminuição pelos seus mesmos regulamentos.

Passando agóra á representação dos mesmos Contractadores, que nós publicamos no nosso N.º. passado; he obvia a observação do quanto elles desdenham os lucros do Contracto; e da generosidade com que se offerecem a continuar em suas pèrdas, para servir o Governo.

Quanto aos lucros ou perdas dos Contractadores, estamos persuadidos, que o Governo nunca poderia formar disso uma idea perfeita, sem tomar a administração por sua conta; e tal medida só produziria o effeito desejado, pondo á testa da Administração negociantes versados no negocio do tabaco, um ou dous Contadores do Erario, da confiança do Governo, e um Presidente, que quizesse estudar a materia: quanto á Juncta, composta de Desembargadores, he peior que inutil, (como temos mostrado em outra occasião) para uma administração mercantil desta natureza.

He possivel, que as circumstancias da guerra, e invasão do reyno pelo inimigo, e outros motivos, fizessem com que os Contractadores não pudessem ter lucros consideraveis; porém essas circumstancias fôram accidentaes e passageiras, e os lucros do Contracto são fundados em calculos de occurrencias provaveis, e permanentes.

Se a invasão do inimigo causou prejuizos aos Contractadores, tambem foi causa da ruina de muitas outras classes do povo; logo não ha razão, para que os Contractadores

do tabaco fiquem izentos da parte que lhes cabe na calamidade geral.

Além disto dizem-nos, que, requerendo os Contractadores ao Governo de Lisboa, que se lhe abonassem mais de trezentos contos de reis, que tinham deixado de ganhar, por causa da invasaõ do inimigo, o Governo mandara encontrar-lhes uma somma de pouco mais de duzentos contos. Este perdaõ, contra a expressa estipulaçaõ do Contracto, só poderia ser feito, como graça especial, pelo Soberano immediatamente, em consideraçaõ de motivos ponderosos; assim mal se poderaõ justificar os Governadores do Reyno, se he que este facto he verdadeiro, de terem reembolçado os Contractadores á custa da demais gente; que soffreo as mesmas calamidades que os Contractadores, pela desgraça da invasaõ; não havendo razãõ ou justiça que se allegue para provar, que os Contractadores devem ser indemnizados do que soffrêram pela invasaõ, e que essa indemnizaçaõ deve sahir do Erario, e que a falta, que isso faz no thesouro publico para outras cousas, seja remediada por contribuiçoens das outras classes, que igualmente padeceram na invasaõ.

A riqueza do Erario compoem-se das contribuiçoens dos particulares. Estes soffreram pelas calamidades da guerra, talvez mais em proporçaõ do que os Contractadores, e nõ entanto haõ de ser obrigados a pagar de novo, para que os Contractadores não soffram perdas. ; Em que razãõ se funda tal distribuiçaõ de justiça ?

Quanto á generosidade do seu offerecimento, teremos de a explicar narrando as circumstancias, em que este negocio se acha presentemente.

A Juncta do tabaco, ouvidos os Contractadores, e o seu Secretario, fez a Consulta ao Governo; e resultou dahi, que o Marquez de Borba chamou o Baraõ de Quintella, e communicou-lhe da parte do Governo, que, vistos os actuaes embaraços, era necessario que o Contracto conti-

nuasse por todo o anno de 1814, e até o 1.º de Julho, de 1815. Como os Contractadores se offereceram a continuar no Contracto meramente para servir o Estado, e o seu offercimento foi aceito; he claro que podem por isso requerer mercês; e ja que o Governo obra por ésta maneira de razão he que lhes dê premios; e menos mal será para o povo, se esses premios consistirem somente em titulos, fitas, &c.; do mal o menos: porém premios haõ de elles ter; e direito tem a pedillos, uma vez que o Governo se humilhou a accitar o seu offercimento com a declaraçaõ, que era por mero motivo de servir o Estado.

Isto posto; digam-nos agora, que o fazerem-se de manto de seda, e naõ haver quem lançasse no contracto, naõ foi uma medida bem pensada dos contractadores! Os contractadores ficáram com o contracto sem augmento, e adquiríram justo titulo a premios e remuneraçoens; portanto dizemos, que manejárã os seus interesses mui atiladamente; e ja que o Governo assim obra a culpa naõ he dos contractadores.

No entanto, porque o mal ja naõ tem remedio agora, naõ se segue que nos havemos de callar a este respeito; muito pelo contrario, se Deus nos der vida, e se continuarmos na redacçaõ deste Jornal até Julho, de 1815; naõ deixaremos de aproveitar todas as occasioens de desenganar o publico a este respeito; e por certo naõ desesperamos de alcançar por fim bom exito.

Naõ ha duvida, que o Governo de Lisboa dando parte a S. A. R. do arrançamento feito com os contractadores, lhe enviará as repostas dos contractadores, e do secretario; e ora, em nome da fortuna, como ha de o Soberano julgar desta materia, naõ ouvindo se naõ as pessoas interessadas na existencia do contracto?

Falta só que os Godoyanos digam expressamente, que o Soberano tem obrigaçaõ de advinhar; porque, sem ésta qualidade, he impossivel acertar com a verdade, ouvindo

somente uma das partes. Que o governo deve por o contracto a lanços, a quem mais der, no caso de haver tal contracto, he uma verdade que nos parece estar ja conhecida ; porque em fim o governo poz esse contracto em praça publica ; mas o manejo de não haver quem lançasse frustrou o expediente ; e o governo humilhou-se. Venceo-se o primeiro passo ; he preciso cuidar do segundo.

O atrazo do commercio e da agricultura de qualquer genero, que soffre vexame o do monopolio será o objecto de algumas observaçoens nossas para o futuro ; mas referiremos aqui uma anecdota, que muito faz áo nosso caso. Certo General Hespanhol pediu aos contractadores de tabaco de Portugal, uma porção de tabaco em corda para uso de seu exercito, e propoz fazer o pagamento em moeda metalica, á razaõ de 600 reis o arratel ; e que a escolta que trouxesse o dinheiro levaria o tabaco. Os contractadores recusáram isto dizendo, que as condiçoens do contracto lhes prohibíam vender o arratel por menos de 800 reis. Mas essa condiçaõ só diz respeito ao que se vende no Reyno, e portanto deixando Portugal, neste caso, de vender á Hespanha por 19.200, o que lhe tinha custado 4 800 ; ou pelo mais (incluindo os direitos) 6.000 reis ; perdeo a coroa, os direitos ; o commercio, o lucro da venda ; e a agricultura, o consumo do genero. Taes são as consequencias dos monopolios.

Nenhuma pessoa, que se tenha applicado á sciencia de Legislaçaõ deixa de saber os inconvenientes que resultam aos povos dos privilegios, izençoens de fôro, e multiplicação de officiaes publicos ; e portanto todos os authores, que fallam destas materias são contra as instituiçoens, que occasionam aquelles inconvenientes.

Neste sentido, quam pezado não he o contracto ao publico : os privilegios dos estancos, os malsins, a jurisdicçaõ privativa da Juncta, &c. &c., são outros tantos vexames ao publico,

que resultam necessariamente da natureza, e forma d'administração do Monopolio. Todos os malsins, e mais empregados inferiores dos monopolistas são outros tantos braços que se roubam á agricultura e as artes; e alem desta perda soffre o publico outra, que he o ter de pagar para a sustentação destes individuos; porque os seus ordenados sahem do producto da venda do tabaco, que he pago pelos consummadores do genero como he bem sabido.

O que o erario recebe cada anno do contracto do tabaco monta a 1:072:490.000 (veja-se o *Corr. Braz.* vol. xi. p. 32) divide-se esta somma pelo numero de arrobas de tabaco, que se importam todos os annos em Portugal, imponha-se o quociente como direitos de alfandega em cada arroba importada, cobrem-se esses direitos junctamente com os de todos os outros generos; e teremos que o erario recebe o mesmo rendimento, deixando livre a manufactura, e o commercio, a quem nelle se quizer empregar.

Se o negociante que importou o tabaco em Portugal o quizer tornar a exportar, restitua-se-lhe o direito que pagou, fazendo-se um pequeno desconto a titulo de baldeação ou *drawback*, e ja o genero Portuguez poderá concorrer com o estrangeiro nos outros mercados da Europa. ¿ Que inconveniente se pode seguir deste plano? Não pode havre temor de que os negociantes deixem de trazer tabaco a Lisboa, assim como trazem todos os mais generos, uma vez que nelle tenham lucro; e assim os 400:000.000 de reis, que pelos nossos moderadissimos calculos lucram os contractadores, se distribuirão por muitos individuos; e a nação ficará livre de uma infinidade de empregados inuteis; que na occupação em que se acham não podem deixar de ser olhados como perturbadores do socego publico.

A liberdade do commercio, e da manufactura do tabaco, deve naturalmente augmentar o seu consummo; porque cada individuo, que se occupar neste ramo, naturalmente

ha de exercitar o seu engenho, em procurar o melhor meio de lhe dar sahida. Um inventará nova forma de rapé, outro lhe ajunctará este ou aquelle aroma, com que o faça mais agradável; tal negociante se aproveitara disso, para tentar introduzillo em paizes estrangeiros, e tudo isto, que redundada em beneficio da cultura do genero, augmentando o seu consummo, fará necessariamente crescer os rendimentos da coroa, ja nos dizimos, que o agricultor paga, ja nos direitos d'alfandega, que se recebem por mão do negociante. Em uma palavra he impossivel suppor, que a prosperidade de qualquer ramo de commercio, que se acha ligado com as cadêas de um monopolio, possa prosperar com a mesma facilidade como se fosse livre. No commercio livre de qualquer genero, cada individuo, que se emprega trabalha pelo vender o mais barato que póde, e da melhor qualidade; a fim de se avantajár aos outros, que se empregam no mesmo officio; o monopolista, como não tem rivaes, tambem não pode ter interesse, em melhorar o genero; o povo que delle precisa ha de comprar-lho seja bom seja máo. Isto he da natureza das couzas.

Supponhamos, que, quando se estabelecêram as fabricas de chita em Portugal, se davam de monopolio a uma só pessoa; haverá quem diga que aquellas manufacturas chegariam ao estado de perfeição a que chegáram?

Se um so homem tivesse o privilegio de fazer chapeos, e de os vender, teria havido em Portugal a perfeição que se encontra neste artigo?

E se isto he uma verdade tão manifesta? por que se não haõ de applicar os mesmos principios de Economica Politica ao ramo do tabaco? Este ramo he assas importante para merecer a mesma contemplação; e se se deixar livre o engenho dos mechanicos Portuguezes não se exercitará menos a respeito d'elle, do que a respeito das chitas, e dos chapeos; é cuidaraõ em rivalizar, as manufacturas de Strasburgo, e de outras partes do Mundo.

PROCLAMAÇÃO SOBRE O COMMERCIO,

Pelo Feld-Marechal Marquez de Wellington, General em Chefe dos Exercitos Alliados, &c. &c. &c.

No Quartel-general, aos 31 de Dezembro, de 1813.

Tendo determinado pela minha Proclamação (ou Edicto) N.º. 5, de 18 de Dezembro, de 1813, que se cobraria de entrada de 5 por cento, sobre o valor dos diversos artigos importados aos portos, que ficam ao Sul do rio Adour, serão as fazendas abaixo declaradas, para a cobrança deste Direito de Entrada, avaliadas pelos preços a cada uma dellas aqui estipulados, a saber: (*A quantia da avaliação he em francos.*)

Amido, (ou Goma) 50 francos, cada 100 arrateis; Azeite de Oliveira, 150, idem; Dito de peixe, 60 id.; Algodão 180 id.; Anil, 70 id.; Aletrias, 100 id.; Assucar refinado, 140 id.; Dito areado, 100 id.; Dito em bruto, 75 id.; Arame de ferro, 120 id.; Aguardente e outros liquores espirituosos, 7 cada velte; Armas e Arreios de luxo, pelo preço da factura; Aduella, 40 por milheiro. Banha, (ou gordura), 120, cada 100 arrat.—Cacão de Caracas, 150 cada arrat.; Dito das Ilhas, 100 id.; Café, 100 id.; Canella, 400 id.; Cassia, 60 id.; Cera branca, 200 id.; Dita amarella, 150 id.; Chocolate, 125 id.; Cochonilha, 190, id.; Couros em cabello salgados, 40 id.; Ditos secos, 80 id.; Couros, e outras pelles, preparados, 200 id.; Cobertores de papa, 200 id.; Colchas de algodão, 150 id.; Cortiça, 100 id.; Cassas, chapeos, cobre, e chumbo manufacturados, segundo os preços das facturas, e o mesmo as Drogas Medicinaes. Estanho, 200 cada 100 arrat.; Especiarias, 300 id.; Estofos (ou fazendas) de Algodão, chitas, lenços, &c. Fazendas de Lá, e fazendas de Cappellista, pelo preço da factura. Folha de Flandres, 20 por cada 100 folhas. Geneva, cada velte; Gegibre, 110 cada 100 arrat. Linha, 300 id. Linho, 150 id.; Dito

canhamo, 50 id. ; Licores engarrafos, 300 cada 100 garrafas. Manteiga salgada, 100 cada 100 arrateis ; Melasso, 3 cada velte. Mobilia (ou Trastes), Manufacturas de Joalheiro, Obra de couro, de marroquim, de bronze, de aço, de ferro, pelos preços da factura. Nos muscada, 800 cada 100 arrateis : Oleo de Linhaça, 80 id. Pão de Acajú, e outras madeiras que servem para trastes, 80 cada 100 arrat. ; Pão de Campeche, e outros paos que servem para tintas, 50 id. ; Prégos, 80 id. , Pimenta, 150 id. ; Polvilhos, 100 id. ; Potassa, 120 id. Papel de escrever e de desenho, pergaminho, prata, em obra, passamanes, percalles, (*cremos ser Cassa da India*), Pannos de Linho, e de Algodão em branco, e pintados, e quincalherias, pelos preços das facturas. Quina, 500 cada 100 arrat. Queijo, 100 id. Retroz, 30 cada arratel de 16 onças. Sebo, 50 cada 100 arrat. ; Sellas de luxo para montar, pelo preço da factura. Tabaco em folha, 100 cada 100 arrat. ; Dito manufacturado, 150 id. ; Tartaruga, 500 id. Urucú, 300 id. ; Vellas de sebo, 60 id. ; Vinho de licores (ou fino) em garrafas, 15 por duzia. Dito commum em garrafas, 15 por duzia ; Vinagre, 2 cada velte. Veludo, Fita de linha, de seda, de algodão, e de laá, segundo o preço da factura.

As fazendas não especificadas nesta lista, e que devem pagar direitos, regular-se-hão pelos preços das Facturas.

(Assignado) WELLINGTON.

*Peços Correntes dos principaes productos do Brazil em
Londres, 25 de Fevereiro, 1814.*

Generos.	Qualidade.	Quantidade.	Preço de	a	Diretos.
Assucar	branco	112 lib.	5l. 18s.	6l. 10s.	3l. 14s. 7½d.
-----	trigueiro	Dº.	4l. 12s.	4l. 15s.	
-----	mascavado	Dº.	3l. 15s.	4l.	
Algodão	Rio	Libra	nenhum	nenhum	16s. 1d. p. 100 lib'
-----	Bahia	Dº.	nenhum	nenhum	
-----	Maranhão	Dº.	2s. 10d.	3s.	
-----	Pernambuco	Dº.	3s.	3s. 6d.	
-----	Minas novas	Dº.	2s. 10d.	3s.	
Dº. America	melhor	Dº.	2s. 11d.	4s.	16. 11. pr. 100lba.
Annil	Brazil	Dº.	2s. 6p.	3s. 6p.	4d. por libra
Arroz	Dº.	112 lib.	36s.	42s.	16s. 4d.
Cacao	Pará	112 lib.	70s.	85s.	3s. 4d. por lib.
Caffé	Rio	libra	99s.	105s.	2s. 4d. por libra.
Cebeo	Bom	112 lib.	90s.	100s.	2s. 8d. por 112 lib.
Chifres	grandes	123	20s.	35s.	4s. 8d. por 100.
Couros de boy	Rio grande	libra	6p.	8p.	8d. por libra.
-----	Rio da Prata	Dº.	6p.	9p.	
Dº. de Cavallo	Dº.	Couro	8s. 6p.	9s.	
Ipecacuanha	Boa	libra	13s. 6p.	14s. 6p.	5s. libra.
Quina	Palida	libra	1s. 6p.	2s. 0p.	3s. 8d. libra.
-----	Ordinaria	-----	-----	-----	
-----	Mediana	-----	2s. 8p.	3s.	
-----	Fina	-----	4s. 6p.	7s. 6p.	
-----	Vermelha	-----	4s.	7s.	
-----	Amarella	-----	2s. 6p.	3s.	
-----	Chata	-----	Dº.		
-----	Porcida	-----	3s. 9p.	4s. 9d.	1s. 8d. por libras.
Pao Brazil		tonel	9s. l.	100l.	4l. a tonelada.
Salsa Parrilha					
Tabaco	Rolo	libra	8p.	10p.	3s. 6d. libra excise 3l. 3s. 9d. alf. 100 lb.

Premios de seguros.

Brazil hida 12 guineos por cento. R. 5.
vinda 14 a 15

Lisboa e Porto hida 6 G^s.
vinda 2 G^s. em comboy

Madeira hida 5 a 6 G^s.—Açores 8 G^s. R. 3.
vinda 8 á 10

Rio da Prata hida 12 á 15 guineos; com a tornaviagem
vinda o mesmo 15 a 18 G^s.

LITERATURA E SCIENCIAS.

NOVAS DESCUBERTAS.

Theoria da luz, e das Côres.

COMO as especulaçoens, e indagaçoens dos homens engenhosos, são illimitadas, todas ellas contribuem para a massa geral de associaçoens intellectuaes, de que se podem tirar conhecimentos uteis.

O Dr. Reader, de Cork, julga que tem descoberto uma *theoria* mais razoavel sobre a operaçãõ da luz, e formaçãõ das côres, do que a inventada por Newton, e geralmente adoptada pelos philosophos modernos. Newton concluiu que as superficies negras éram dispostas a absorver os raios de luz; e as superficies brancas a reflectillos: ésta inferencia se fez crível pela circumstancia de que os panos pretos são muito mais quentes do que os brancos, e daqui se suppoem que esta qualidade lhes provém da absorçãõ dos raios do sol. O Dr. Reader regeita ésta *theoria*; porque, formou uma perfeita côr preta, mixturando as sette differentes côres do arco Iris, em differentes proporçoens, e ao depois tirando linhas com esta composiçãõ, em papel branco, as analyzou por meio de uma poderosa lente plano-convexa, em azul de anil, e laranja, éstas duas cores contém os tres rayos primarios, encarnado, amarello, e azul de que se pôdem formar todas as outras côres.

O resultado destas experiencias he, que a negridaõ, ou escuridaõ resulta da reflexãõ condensada do azul de anil, e cor de laranja, que elle considéra como unicas côres primarias, e o branco he uma mistura, em differentes proporçoens, das outras cinco côres. O preto e branco são produzidos pela reflexãõ das mesmas côres, em differentes quantidades, e não ha absorçãõ dos rayos de luz na reflexãõ de côr alguma. Diz o Dr. que muitas vezes lhe

occorre, que por mais bella que fosse a theoria da luz de Newton, era inadequada para explicar a razaõ porque uma véla posta em uma sala absolutamente forrada de preto, pudesse fazer com que uma pessoa visse as diferentes sombras e angulos da casa ; se a luz fosse absorvida, a salla ficaria invisivel, ou em escuridaõ. A doutrina de Newton não admite um preto perfeito ou completo. Tambem parecia admiravel, que apagando uma vela, a salla cheia do fluido de luz, posto que atenuado ou subtil, se desvanecesse ou fosse absorvido nos poros dos objectos circumambientes, e isto sem augmento de alguma propriedade chimica. Parecia igualmente admiravel, se não impossivel, a todo o espirito pensante ; que o sol, emanando eternamente uma immensa quantidaçe de fluido de luz, nunca se exaurisse ; e por outra parte, que estes corpos, que recebem constantemente este suprimento de luz, nunca augmentassem em grandeza. Se as minhas ideas sobre a luz, “ diz o Dr. Read, fõem adoptadas, ellas explicaraõ, satisfactoriamente, estas incongruencias. Supponhamos que a terra está constantemente cercada de uma grande quantidade de fluido de luz : nasce o sol, e communicando o calorico radiante, o modifica em luz visivel ; põem-se o sol, e a condensa em negridaõ ou escuridaõ da noite.” O engenhoso author porém achará que taõ difficultoso he explicar ésta eterna emanaçaõ de calorico radiante, como do fluido de luz.

Amarello de Açafraõ.

Alguns chimicos Francezes tem novamente aalizado o açafraõ, e acháram que a sua materia colorante consistia em certo principio vegetal, a que déram o nome de *polychroite*. A materia colorante se obtem diluindo o açafraõ em agoa, evaporando o liquido até a consistencia de charope, dissolvendo-o em alcohol ou espirito de vinho, e evaporando o espirito ; entaõ resta somente o *polychroite* puro. He elle de uma côr amarella mui intensa, amargoso

mas de cherio agradavel. Dissolve-se em agua e alcohol; mas não em æther ou outros oleos. Poucas gotas de acido sulphurico (oleo de vitriolo) lhe mudam a côr para um lindo azul escuro; o acido nitrico igualmente lhe muda a cor para verde, deitando-se-lhe a soluçaõ de sulphato de ferro se forma um precipitado de cor escura. Tingem os panos de mui bom amarello Distilando-se produz um liquido acido, que contem amoniaco, oleo amarelo, e acido carbonico, e gazes hydrogeneos-carbonicos. O residuo consiste em sal de potassa, cal, magnesia, e ferro. Desta analyse se podem aproveitar os tintureiros, no uso practico desta excellente tincta.

Novas Publicações em Inglaterra.

Londina Illustrata, No. 16, preço 8s. em papel grande 10s. 6d. O Numero XVI. da obra intitulada *Londina Illustrata* contém 4 estampas, com as suas descripções; I. Perspectiva occidental do côro da igreja de S. Salvador, no Suburbio de Southwark, em Surrey. II. Perspectiva Meredional da Eschola Livre da Raynha Izabel, na rua de Tooley, freguezia de St. Oliva, em Southwark, com um plano das vizinhanças. III. 1, Perspectiva do Sueste da Assembleia de Joaõ Bunyan, em Zoar-street, Gravel-lane, com o plano adjacente. IV. Perspectiva interna do antigo theatro de Drury-lane, como éra em 1792: 2, Perspectiva do Nordeste do mesmo Theatro, visto de Great Russel-street.

Edinburgh Journal for 1813; 8vo. preço 12s. 6d. O Jornal Medico de Edinburgo, que comprehende uma conciza revista das ultimas e mais importantes descobertas em Medicina, cirurgia, e pharmacia, no anno de 1813.

Este Jornal he publicado de 3 em 3 mezes, consiste em tres repartições: A primeira he dedicada a communicações originaes.—A segunda a analyzes criticas das pu-

blicaçoens sobre medicina ; e a terceira a materias miscellaneas relativas a objectos medicos. Enumera entre os seus correspondentes algumas pessoas das mais eminentes nesta profissaõ ; apresenta uma revista imparcial das mais importantes obras sobre a materia a que se dedica, e registra na sua repartição de miscellanea muitas observaçoens interessantes, que por falta de tal deposito ficariam sem ser lembradas.—Este direito á attençaõ do publico tem sido plenamente satisfeito, pela augmentada circulaçaõ do jornal desde o seu primeiro estabelecimento ; e este augmento, assegurando tambem o augmento de materiaes em communaçoens importantes, habilitará a obra a manter a reputaçãõ que tem adquirido.

Duncan on Pulmonary Consumptions, 8vo. preço 6s. Observaçoens sobre os symptomas, que distinguem as tres especies de ptisica pulmonar :—Catarrhal, Apostematosa e Tuberculosa, com algumas notas sobre os remedios e regimen mais conveniente para prevenir, curar, ou alleviar cada uma das especies. Por André Duncan, Doutor em Medicina, &c. &c. &c.

New Review, Supplement, and No. 14, preço 2s. 6d. O N.º. de Supplemento, aos volumes I. e II., da Nova-Revista ; e o N.º. XIV. de Fevereiro 1814. Contém os indices dos Authores, com as materias de suas obras ; e todos os mais objectos importantes dados nos Vol. I. e II. assim como o index dos livros analyzados. Para uso dos que desejarem escrever, ou referir-se a estas materias.

Classical Journal, No. XVI. O No. XVI. deste Jornal contém, entre grande variedade de criticismos classicos, e biblicos ; os seguintes raros, e preciosos breves tractados : Fontes quas Tacitus in tradendis rebus ante se gestis videatur sequutus paucis indicat J. H. L. Melerotto. Reimpresso de um tractado mui raro em folio.—R. P. Knight,

Prolegomena in Homerum. Uma copia fiel da primeira edição (da qual so se tiráram cincoenta exemplares) de um fragmento de Longus (de que um exemplar se vendeo ha pouco em leilão por sette livras esterlinas), com a traducção Latina.—Ensaio sobre os Pontos Hebraicos, e sobre a inteireza do texto Hebraico.—*Prologus in Adelphos, Fabulam ab alumnis Reg-Schol. Westm. actam, A. D. 1813.* Epilogus.—*Manuscriptos Classicos, biblicos, e orientaes.*—Noticia das obras classicas, que se vendêram da livraria do Dr. Gosset.

Neele's Atlas, Part 1, imperial 4to. preço 1*l.* 1*s.* A 1.^a parte do Atlas geral de Neele, contendo 19 chapas (continuar-se-ha de dous em dous mezes) illuminadas, e passadas pela imprensa quente.

Esta obra se estenderá a quatro partes, e comprehenderá um jogo completo de mappas, compilados das melhores authoridades, e melhorados por preciosos documentos originaes; e abraçaraõ todas as descobertas modernas dos navegantes aoredor do mundo, e viajantes. Os paizes que são mais interessantes (particularmente os Estados Europeos) seraõ dados, cada um em quatro paginas; formando junctamente uma só folha de papel imperial, sem o inconveniente de dobrar.

Ayton and Daniel's Voyages, No. I. preço 10*s.* 6*d.* Viagem em torno da Gram Bretanha, emprehendida no veraõ do anno de 1813, começando em Land's End, em Cornwall. Author Ricardo Ayton. Com uma série de vistas, para illustrar o character e feiçoens prominentes da costa, desenhadas e gravadas por Guilherme Daniel.

Estas viagens seraõ illustradas com estampas illuminadas, gravadas por Mr. Guilherme Daniel, de seus proprios desenhos, feitos para este fim. Seraõ publicadas em Nu-

to Tropico, e precauçoens a éste respeito. Com algumas notas sobre o clima e molestias dos differentes paizes da Europa. Author Ricardo Reece, Doutor em Medecina, Membro do Collegio Real de Cirurgioens.

PORTUGAL.

Agricultura Simplificada segundo as Regras dos Antigos, com um projecto proprio para fazella reviver, como a mais proveitosa, e a mais facil ; vulgarisada pelo Traductor do Viajante Universal, das Mil e uma Noites, Contos Arabicos, &c. Vende-se na rua nova dos Martyres, no armazem de livros de F. Rolland, e tambem nas lojas dos principaes livreiros, pelo preço de 480 réis.

Defensa de Antonio de Araujo Travassos, contra a injusta accusaçãõ, que no N.º 20 do Jornal de Coimbra lhe fez o Doutor Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica Experimental na Universidade de Coimbra, de ter chamado suas varias descobertas alhei sobre distillaçãõ ; e resposta a algumas duvidas e novas questoes, com que o referido Lente quiz sustentar a sua notavel asserçaõ de ser a agua muito compressivel. Tem uma estampa em que se achaõ dois dos alambiques inventados pelo Author, e os dos sabios, de que he accusado de ser plagiario.

Este folheto será gratuitamente remettido pelo Author a todos os Senhores Subscriptores do Jornal de Coimbra, que se dignarem participar-lhe a competente direcçaõ. Acha-se de venda por 100 réis nas lojas de Carvalho, aos Martyres ; e de Martin, ao Loureto, e no Rio de Janeiro ; na da Viuva Alvares Ribeiro e Filhos, no Porto ; e na da Viuva Aillaud, em Coimbra.

Materia Medica distribuida em classes e ordens segundo seus effectos, em que plenamente se apontaõ suas virtudes,

dúses, e molestias a que se fazem applicações; addiccionada com ás **T**aboas da **M**ateria **M**edica, methodicamente seguidas de selectas, originaes e copiosas formulas, e de um **D**iccionario **N**osologico, para uso dos **E**studantes e **P**racticos modernos: por Antonio José de Sousa Pinto. Vende-se em casa do Author; na loja de Nascimento, na rua dos Algibebes, N.º 18; e na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva.

MISCELLANEA.

Jornal Pseudo-Scientifico.

PROMETTEMOS, no nosso N.º. passado, dizer alguma cousa, por via de exemplo, sobre o modo porque o Pseudo-Scientifico defende os seus protectores, expondo o que elles publicáram a respeito da negociaçãõ, que versa á cerca dos navios Portuguezes, tomados pelos Inglezes, em consequencia de se acharem empregados no negocio da escravatura.

O nosso correspondente “Hum homem livre” tocou nesta materia, pelo que respeita á opiniaõ dos letrados; e á nenhuma necessidade que havia de os consultar, quando se tractava de uma negociaçãõ de Governo a Governo. Nós observaremos agóra unicamente a forma porque se intenta explicar a situaçãõ deste negocio, antes de estar finda a negociaçãõ.

Esta disputa he uma das bellas consequencias, do *excelente* tractado de Commercio, aonde se inserto uma estipulaçãõ a respeito da costa da Mina, sem que se julgasse que éra necessario explicar o que se entendia por Costa da Mina; omissãõ ésta que os defensores do tractado enumeraraõ talvez no cathalogo de suas perfeiçoens. Apenas lemos este tractado, quando elle sahio pela primeira vez a

to Tropico, e precauçoens a éste respeito. Com algumas notas sobre o clima e molestias dos differentes paizes da Europa. Author Ricardo Reece, Doutor em Medecina, Membro do Collegio Real de Cirurgioens.

PORTUGAL.

Agricultura Simplificada segundo as Regras dos Antigos, com um projecto proprio para fazella reviver, como a mais proveitosa, e a mais facil ; vulgarisada pelo Traductor do Viajante Universal, das Mil e uma Noites, Contos Arabicos, &c. Vende-se na rua nova dos Martyres, no armazem de livros de F. Rolland, e tambem nas lojas dos principaes livreiros, pelo preço de 480 réis.

Defensa de Antonio de Araujo Travassos, contra a injusta accusaçãõ, que no N.º. 20 do Jornal de Coimbra lhe fez o Doutor Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica Experimental na Universidade de Coimbra, da ter chamado suas varias descobertas alhei sobre distillaçãõ ; e resposta a algumas duvidas e novas questioens, com que o referido Lente quiz sustentar a sua notavel asserçãõ de ser a agua muito compressivel. Tem uma estampa em que se achaõ dois dos alambiques inventados pelo Author, e os dos sabios, de que he accusado de ser plagiario.

Este folheto será gratuitamente remettido pelo Author a todos os Senhores Subscriptores do Jornal de Coimbra, que se dignarem participar-lhe a competente direcçãõ. Acha-se de venda por 100 réis nas lojas de Carvalho, aos Martyres ; e de Martin, ao Loureto, e no Rio de Janeiro ; na da Viuva Alvares Ribeiro e Filhos, no Porto ; e na da Viuva Aillaud, em Coimbra.

Materia Medica distribuida em classes e ordens segundo seus effeitos, em que plenamente se apontaõ suas virtudes,

dúses, e molestias a que se fazem applicações; addiccionada com ás **Taboas da Materia Medica**, methodicamente seguidas de selectas, originaes e copiosas formulas, e de um **Diccionario Nosologico**, para uso dos Estudantes e Practicos modernos: por Antonio José de Sousa Pinto. Vende-se em casa do Author; na loja de Nascimento, na rua dos Algibebes, N.º. 18; e na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva.

MISCELLANEA.

Jornal Pseudo-Scientifico.

PROMETTEMOS, no nosso N.º. passado, dizer alguma cousa, por via de exemplo, sobre o modo porque o Pseudo-Scientifico defende os seus protectores, expondo o que elles publicáram a respeito da negociação, que versa á cerca dos navios Portuguezes, tomados pelos Inglezes, em consequencia de se acharem empregados no negocio da escravatura.

O nosso correspondente “Hum homem livre” tocou nesta materia, pelo que respeita á opiniaõ dos letrados; e á nenhuma necessidade que havia de os consultar, quando se tractava de uma negociação de Governo a Governo. Nós observaremos agóra unicamente a forma porque se intenta explicar a situaçaõ deste negocio, antes de estar finda a negociação.

Esta disputa he uma das bellas consequencias, do *excelente* tractado de Commercio, aonde se inserto uma estipulaçaõ a respeito da costa da Mina, sem que se julgasse que éra necessario explicar o que se entendia por Costa da Mina; omissoã ésta que os defensores do tractado enumeraraõ talvez no cathalogo de suas perfeiçoens. Apenas lemos este tractado, quando elle sahio pela primeira vez a

publico, logo nos persuadimos de suas perniciosas consequências, como declaramos mui formalmente na breve analyze que delle fizemos, ao tempo de sua publicação; e a ommissão, de que se tracta, he uma das provas incontestaveis da ignorancia do Negociador Portuguez, a quem ésta estipulação unicamente interessava; porque este he um dos artigos, em que Portugal se obriga ao cumprimento de uma promessa, para com a outra parte contractante, sem que ésta, em reciprocidade, se obrigue a cousa alguma.

Agora estes jornalistas querendo expôr o estado actual da questãõ, revéllam aqui a parte das instrucçoens do Embaixador Portuguez em Londres, que se refere a ésta negociação e dahi decláram, que elle não cumprio com o que a sua côrte lhe determinou.

Quanto ás instrucçoens dizem, que “ O Governo (do Brazil) immediatamente ordenou ao seu Embaixador em Londres, que fizesse as mais fortes representaçoens contra os procedimentos dos *cruzadores* (ésta palavra he inventada por um despotismo literario Godoyano, que até se quer estender á linguagem, e julgamos, que quer dizer corsarios) Inglezes, e do tribunal do Vice-Almirantado de Serra Leoa; e ao mesmo tempo exigisse do Governo Inglez uma inteira e completa satisfacção, *sem por nenhuma forma recorrer a tribunal nenhum Inglez de prezas*, que na opiniaõ do Governo de Portugal nenhuma jurisdicção podiam ter para decidirem em casos de tomadia desta natureza.”

Agóra como executou o Embaixador Portuguez ésta ordem positiva, de não recorrer por forma nenhuma aos tribunaes de prezas? Eis aqui o que os seus panegyristas dizem.

“ Durando éstas diseussoens, o Embaixador reflectindo, que seria do interesse dos prejudicados Portuguezes, prevenir que os captores distribuisssem os productos das prezas, ordenou ao Consul geral, que desse os passos necessa-

rios para obter este fim. Em consequencia em Março de 1813 apresentou-se um advogado perante o Delegado do supremo tribunal de Appellaçoens, com uma attestaçãõ do sobredito Consul, e pedio prolongaçãõ de tempo para proseguir as appellaçoens em muitos destes casos ; sobre o que o Delegado referio a materia aos Lords.”

Começa-se pois éstá sapientissima exposiçãõ, revelando a materia das instrucçoens do Embaixador ; e passa-se depois a provar, que elle as não quiz executar.

Os Leytores do Correio Braziliense teraõ visto varios exemplos de que o Embaixador não lhe importa com obedecer ás ordens que recebe ; faz-se legislador, e absoluto, e gloza como lhe parece as instrucçoens que lhe daõ ; mas neste caso os taes expositores puzeram a materia em tal clareza, que parece mui de proposito queriam ser os accusadores do Embaixador ; porque decláram que as instrucçoens éram, que *por forma nenhuma recorresse a tribunaes de prezas*, e que elle de sua propria authoridade foi recorrer a tribunaes de prezas.

A declaraçãõ das instrucçoens he não só contraria ao costume dos ministros diplomaticos, mas, em casos semelhantes, summamente damnosa á mesma negociaçãõ ; porque he manifesta a vantagem que todo o Ministro Diplomatico tem, quando sabe quaes saõ as instrucçoens da outra parte com quem tracta ; principalmente, se se declára não sómente a ordem mas tambem a causa da determinaçãõ.

O Governo Portuguez mui sabiamente prohibio ao Ministro que recorresse aos tribunaes de prezas ; para negar a jurisdicçãõ desses tribunaes ; porque uma vez que se recorre ao tribunal reconhece-se nelle a jurisdicçãõ competente para decidir a matéria ; e uma vez que se reconhece essa jurisdicçãõ he de consequencia necessaria acquiescer na sua decisãõ ; visto que seria uma contradicçãõ manifesta reconhecer no tribunal a jurisdicçãõ de co-

nhecer da causa; e sahindo-lhe a sentença contra, dizer depois que não se quer estar por ella. Por ésta razaõ mui prudentemente o Governo do Brazil ordenou, que o Embaixador não recorresse aos tribunaes de prezas, mas sim directamente ao Governo. "

A linha, que o Governo do Brazil mandou seguir, éra a unica que convinha á dignidade do Governo, e á conveniencia das partes interessadas na decisaõ da questaõ.

Um governo independente nunca deve submitter as questoens, que tem com outro governo, á decisaõ de tribunal algum; muito menos á decisaõ de um tribunal da quella mesma nação com quem disputa. Se o Embaixador Portuguez considerasse o Brazil como colonia Ingleza, entaõ faria bem em recorrer ao tribunal competente das prezas: ésta appellação éra consequente; mas se em vez de ser o agente de uma colonia, elle he o Embaixador de uma potencia Soberana; não pode sem derogar a dignidade do seu governo, ir submitter-se á jurisdicção de um tribunal estrangeiro. Mas dirãõ, que o embaixador não sabia isto: e nós replicãmos, que, nesse caso, em nome da fortuna, não faça outra cousa mais do que obedecer ás ordens que lhe dêram, que éram as mais proprias e prudentes que se podiam dar.

Se a dignidade da nação se degrada appellando para um tribunal estrangeiro, neste caso; os interesses dos individuos perdem consideravelmente nesta medida. A duvida consiste na intelligencia das palavras do tractado *Costa-da-Mina*; e portanto são os dous governos que devem ajustar ésta interpretação entre si; e não um tribunal de justiça. Os ministros de ambas as potencias devem declarar o que entendem por *Costa-da-Mina*, e tudo fica alhanado; a questaõ de facto; isto he, se os navios Portuguezes faziam ou não o commercio da escravatura nos limites do que se convier que he costa da Mina, he entre os aprezaõres e os aprezaõs; e isto com razaõ compete á decisaõ do tribunal.

Se o embaixador portanto se limitasse unicamente ás suas instrucções, e insistisse na méra negociação de Gabinete a Gabinete; mostrando o que se devia entender por Costa da Mina, e que os navios apreizados faziam o commercio da escravatura dentro dos limites da Costa da Mina; não havia mais do que declarar o Governo Britannico, que aquella negociação éra comprehendida no tratado, e mandar restituir os vasos apreizados; seguindo-se daqui mais outra utilidade, que éra o ficar a questaõ decidida para todos os casos futuros. Porém uma vez que o Embaixador Portuguez recorreo ao tribunal, se este decidir a favor dos apreizados, ja o Governo Britannico não tem poder de mandar restituir os vasos apreizados; porque nesse caso se intrometteria com o direito das partes, de que o Governo Britannico não póde dispor.

Agora estes sapientes defensores do Embaixador, depois de terem manifestado ao Mundo, que o seu Mecenasobrou directamente contra as instrucções, que tinha, sahem-se com a justificaçaõ de ter elle consultado os letrados.

Quem o mandou consultar letrados? A questaõ era meramente de Gabinete; assim, ja que queria consultar alguém, devia consultar pessoas que entendessem de diplomacia. Daqui veraõ os nossos Leitores, que nos não enganamos; quando julgamos que ésta negociaçaõ, mettida nas maõs deste Embaixador, havia de ter o mesmo successo da negociaçaõ sobre as propriedades Portuguezas, tomadas em 1808.

Este papel, que se propõem narrar o estado do negocio, e diz que refere, o que o embaixador propoz aos letrados, divide os casos em tres classes; e dando a entender que o embaixador se queria aconselhar sobre o modo porque devia obrar, começa pela primeira classe, decidindo “que he desnecessario dizer quaes saõ os passos que deva dar o embaixador, pois que as partes trabalham por obter a sua propria justiça. O mais que lhe compete neste caso he o

auxiliar os seus requerimentos perante o tribunal das apellaçoens, e governo.”

Este modo do pedir conselho, faz-nos lembrar o caso do homem, que foi pedir conselho ao seu amigo se se devia ou não casar ; e começou por dizer, que o casamento necessariamente se havia de fazer ; porque o tinha promettido á noiva ; por que ella éra rica, formosa, &c., &c. ; e estava ja tudo prompto. Pois então, respondeo-lhe o Amigo, o que deve fazer he casar. Nos mesmos termos assevéram aqui os Suissos literarios que obrou o embaixador ; vai pedir conselho aos advogados, e começa dizendo “ que he desnecessario dizer quaes são os passos que deva dar o embaixador ; porque o mais que lhe compete he auxiliar os requerentes. Logo se he verdade o que dizem os taes Redactores, aqui, o embaixador consultando os letrados, e declarando elle mesmo o que devia obrar, podia mui bem escusar o dinheiro que lhes pagou pela consulta.

O quinto quesito he o mais curioso ; porque se versa absolutamente na materia das instrucçoens. O embaixador, dizem elles, teve ordem de recorrer directamente ao Governo, e por forma nenhuma aos tribunaes ; e o quinto quesito pergunta aos letrados “ os passos que o embaixador deveria ter dado a favor dos reclamantes Portuguezes.” Se com effeito o Embaixador fez tal pergunta, depois de declarar as ordens que tinha, não podemos deixar de suppôr, que os cabeleiras de aneis deram entre si uma rizada, guardando no exterior a gravidade de conselheiros. He possivel, que o Embaixador declarasse, que as suas instrucçoens lhe prescreviam exactamente a linha que devia seguir, *naõ recorrendo por forma nenhuma aos tribunaes* ; e que elle perguntasse ao mesmo tempo aos letrados dos tribunaes de prezas, os passos que devia dar ?

Os leterados aconselháram, que se devia recorrer aos tribunaes ; esta decisão, por consequencia, não admira ninguem, mas ainda assim, quanto ao ultimo quesito por-

táram-se de maneira, que salvaram completamente o seu credito ; porque a resposta que déram, depois do natural e esperado comprimento de dizer que S. Ex^a. tinha obrado em tudo excellentemente ; he ésta :—

“ Quanto aos passos ulteriores, que S. Ex^a. deva dar sobre ésta materia, não he da nossa competencia fallar, nem dizer mais, além do que ja temos dicto ; porque tudo deve necessariamente depender das instrucções, que haja recebido da sua Côrte.”

Justamente ; nem os letrados podfiam dizer outra cousa ; ésta resposta, por outras palavras, quer dizer ; que prohibindo a Côrte que o embaixador recorresse por forma alguma aos tribunaes de prezas, os letrados não podfiam ter cousa alguma, que fazer com a materia ; mas ja que S. Ex^a. tinha decidido que devia auxiliar os requirimentos no tribunal das prezas ; elles estavam promptos a advogar essas causas.

Isto representa o comportamento do embaixador em forma tão digna da desapprovação da sua Côrte, que nos custa a crêr que tal cousa assim se passasse ; e por ésta razão nos inclinamos antes a que, ou os factos não se passáram como aqui se referem ; ou os Scientificos atrapalharam tudo por tal maneira, que em vez de elogiar o Ministro o representáram como desobediente as ordens do seu Sobe-rano, como arruinando o direito das partes interessdas ; e como consultando letrados sobre o modo de executar as suas instrucções, ao que elles não quizéram, nem podfiam dar opiniaõ, em sua qualidade de letrados.

Com este exemplo do modo porque os Suissos Literarios merecem a sua soldada, concluiremos por ésta vez o nosso divertimento com o jornal Pseudo Scientifico.

*Novidades deste Mez.**Bulletins do Exercito combinado do Norte da Alemanha.*

BULLETIM XXXIII.

Quartel-general de Kiel, 17 de Janeiro, de 1814.

Todo o exercito se vai pondo em marcha para o Rheno. Já não existe rivalidade alguma entre, as naçoens do Norte; ellas tem vindo no conhecimento de que os seus interesses são os mesmos. Unidas em favor do mais nobre objecto, haõ de combater junctas pela liberdade do Continente, independencia dos Soberanos, e das naçoens. As naçoens do Norte, naõ olham para os Francezes como inimigos; e naõ reconhecem outro inimigo senaõ aquelle que tem feito quanto há para prevenir a sua uniaõ; aquelle que, nunca pode ser demaziada a repetiçaõ, tem dezejado escravizar todas as naçoens, e extorquir a todas o seu territorio,

A paz de Dinamarca com a Suecia, e com a Inglaterra foi assignada em 14 de Janeiro. No Domingo, 16, houve uma grande parada, cantou-se um solemne *Te Deum* em açcaõ de graças, e deoaram-se muitas salvas de artilheria. O Tractado foi enviado a Sua Magestade o Rey de Dinamarca, e a ratificaçaõ se espera para quarta feira que vem.

BULLETIM XXXIV.

Quartel-general de Colonia, 12 de Fevereiro, 1814.

O Principe Real partio para Buckeburg aos 9, a fim de passar por Lipstadt e Eberfeldt no seu caminho para Colonia, aonde S. A. R. chegou aos 10, pela noite. Elle passou o Rheno ao estrondo da artilheria, e ambas as margens resoavam com aclamaçoens dos habitantes. Toda a populaçaõ de Colonia lhe sahio ao encontro na margem do rio; e nunca o entusiasmo de um povo, libertado do jugo oppressor se exprimio com mais unanimidade e ardor. A cidade se illuminou pela noite, hontem houve um grande baile, que S. A. R. honrou com a sua presença.

Como o exercito combinado do Norte da Alemanha está ao ponto de começar uma campanha mais activa nestes paizes, he

necessario expor a marcha dos differentes corpos que o compõem, e os projectos ulteriores do Principe Real.

Os corpos do General Bullow, que formam a direita do exercito, estaõ nos arredores de Bruxellas, e tem adiantado os seus postos avançados na direcção de Mons.

O General Winzingerode, cujo quartel-general está em Namur, forma o centro. Tomou ja posse das cidades de Mons, Avesnes, e Rheims, mandando as chaves desta cidade ao Principe Real, que as remetteo ao Imperador Alexandre.

O corpo do Conde Woronzoff, que passou o Rheno aqui, toma tambem a direcção de Namur, para vir a ficar em contacto com o de Winzingerode. O General Strogonoff está ao ponto de o seguir.

A guarda avançada do exercito Sueco estará juncto ao Rheno aos 21, de maneira que todo o exercito terá passado aquelle rio antes do fim do mez.

As tropas Dinamarquezas tomam a estrada de Dusseldorff, passando por Bremen e Munster, e marcharaõ dali para diante na linha de operaçoens.

A intenção de S. A. R. he unir todo o exercito debaixo de suas ordens, em uma linha entre Soissons e Rheims, e obrar estaõ segundó as circumstancias.

EXERCITOS ALLIADOS NA ALLEMANHA.

Officios dos Agentes Inglezes nos Exercitos Alliados ao Ministro dos Negocios Estrangeiros em Londres.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 25 de Janeiro.

M^t. Henrique Addington chegou hoje aqui com officios do General Visconde Cathcart, K. T. do Tenente-general o Hon. Sir Carlos William Stewart, K. B. e de Duarte Thornton, Esq. O seguinte saõ copias, e extractos :—

Basilea, 14 de Janeiro, de 1814.

MY LORD,—O Imperador da Russia chegou a Lorrach no dia 11, e tendo-se as reservas do exercito reunido no decurso daquelle, e do seguinte dia, S. M. I. atravessou o Rheno no dia 13, depois de ter assistido ao serviço divino, acompanhado por S. M. o Rey de Prussia.

O Imperador de Austria, que tinha chegado a Basilea na tarde precedente, foi encontrar o Imperador Alexandre a alguma distancia; e S. S. M. M. I I. e Reacs entraram em Basilea a cavallo á frente das guardas Prussianas, e de alguns outros regimentos da reserva. Estas tropas depois de terem passado em parada por diante de S. M. continuaram para diante algumas legoas na sua marcha em direcção a Montbeillard. A cavallaria chegou a Ferrette na mesma noite.

Os reforços que tem vindo ás guardas Russianas, são excellentes; e eu nunca vi estes regimentos apparecerem em tão bom estado, em periodo algum da campanha. Mesmo alguns dos regimentos tem batalhoens addicionaes.

Eu vi a artilheria da reserva, parte da qual he inteiramente fresca, e he impossivel ter um preparo em mais completa ordem no que respeita ás peças, carretas, homens, e cavallo. A gente em particular he notavel por muito boa. Ha algumas baterias de artilheria a cavallo, de calibre de doze. A reserva Prussiana taõ bem está em mui bom pé.

As noticias que recebi quando aqui cheguei, a respeito do progresso dos exercitos, são as seguintes:—

O quartel-general do Feld Marechal estava em Vesoul, e ouço que se está agora mudando para Langres, cuja praça ha algum tempo que foi occupada pelo General Giulay. Não tenho noticias certas do General Bubna; porem ouço dizer, que marchou de Genebra sobre Dole, e que a sua intenção era occupar Lyons. Dijon tambem devia ser occupado por este tempo. O Marechal Blucher tambem se espera que agora tenha chegado a Metz. O General Conde Platoff, apoiado pelo Principe Real de Wurtemberg, teve uma acção entre Epinal, e Nancy, na qual um grande numero de inimigos foram mortos, e aprisionados. O General Wrede tambem teve uma acção, em que se diz que o inimigo tivera grande perda: porem ainda não se receberam as contas officiaes destes combates.

Tenho a honra de ser, &c.

Ao Visconde de Castlereagh.

CATHCART.

Basilea, 14 de Janeiro, de 1814.

MY LORD.—As columnas dos exercitos alliados continuam a avançar por todos os lados. O quartel-general do Marechal Principe de Schwartzenberg estava em Vesoul, no dia 12, e ia-se movendo para diante. Ao avançar do corpo do General Giulay para Langres, os habitantes, fizeram fogo sobre as nossas tropas; porém esta he a unica parte aonde os alliados não tem sido bem recebidos. O quartel-general do Feldmarchal havia de estar em Langres no dia 15, ou 16.

O corpo do General Bubna vai agora em direcção de Dole para Lyons. O General Bianchi ainda esta operando contra Befort. Besançon esta atacada pelo corpo de Lichtenstein.

Os Bavaros, debaixo do commando do General Wrede tiveram uma acção mui seria com o inimigo, debaixo do commando do Marechal Victor, juncto a St. Drey. No principio da acção foram repellidos, e a cavallaria Franceza commandada pelo General Milhaud, teve alguma fortuna, porem com a chegada da brigada Bavara do General Rey, foi o inimigo completamente repellido, e retirou-se para Luneville, com perda de varios officiaes, e de alguns centós de prizioneiros. Os Cosacos continuam a avançar muito. Participei a V. S, no meu ultimo officio que estavamos mui anciosamente esperando importantes acontecimentos do Marechal Blucher. Mas parece que Marmont se retirara com precipitação de Kaiserslautern, e passara o Soar. O Marechal Blucher tinha o seu quartel-general em Hussel no dia 10, e diz-se que está em Saarbruck; e que há de estar em Mentz no dia 15, ou 16.

Por noticias de Paris sabemos que o inimigo está reunindo alguma força juncto a Chalons; se assim he, de Nancy haõ de retirar-se para lá.

As guardas, e reservas Russianas, montando a trinta mil homens, atravessaram aqui hontem o Rheuo; e desfiláram por diante dos soberanos Alliados. He impossivel fazer alguma descripção que possa dar uma idea destas tropas. A sua apparencia guerreira; o seu admiravel apetrechameto, a sua refeiçaõ militar: e quando se considera o que ellas tem passado

e contempla os Russianos, que tem atravessado as suas proprias regioens, e marchado em poucos mezes desde Moscow até o Rheno, perde-se a gente em pasmó, e admiração.

O pe em que a cavallaria Russiana appareceo causa a maior reputação a este ramo do seu serviço; e a sua artilharia, sabe V. S., que não se pode exceder.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-general.

Visconde de Castlereagh, &c.

Extracto de um officio de Duarte Thornton, Esq. ao Visconde Castlereagh, datado de Kiel, 14 de Janeiro, de 1814.

He com a maior satisfação que tenho a honra de informar á V. S. de que o Barão de Weterstedt, o Ministro Sueco, e eu, assignamos hoje tractados de paz com o pleupotenciario de S. M. o Rey de Dinamarca.

Os officios, de que o seguinte são extractos, foram recebidos na Secretaria, de Estado dos Negocios Estrangeiros em Londres vindos do Right Honourable Lord Burghers, e do Tenente-general, o Honourable Sir Carlos Guilherme Stewart, K. B.

Extracto de um Officio de Lord Burghersh, datado de Vesoul, 14 de Janeiro, de 1814.

Em proseguimento do systema que tive a honra de explicar a V. S. no meu ultimo officio, tendo sido determinado pelo Principe Schwartzenburg, a reserva debaixo das ordens do Principe de Hesse marchou sobre Bezançon no dia 9 e completou o investimento daquella fortaleza.

O General Bubna tinha sido destinado para avançar sobre Dole, porém a direcção desta marcha foi mudada, e proseguio para Lyons.

Depois que tive a honra de escrever a V. S. a minha ultima carta, tem havido acções de consideravel importancia entre os corpos do General Wrede, e do Principe de Wurtemberg, e as forças Francezas na sua frente.

A guarda avançada do General Wrede, debaixo das ordens do General Roy, foi atacada no dia 10 em St. Diez, pelo corpo do General Milhaud, que estava ultimamente occupando Col-

mar. Esta guarda avançada foi forçada a retirar-se para traz de St. Margarida. Tendo, comtudo, o General Roy ajunctado ali a força do seu commando, atacou o inimigo, ainda que superior em numero, repellio-o para Roon l'Etappe, tomou quinientos prisioneiros, e matou, e ferio um consideravel numero de inimigos. St. Diez foi retomado. O General de Roy foi ferido nesta acção; o proseguimento das primeiras vantagens foi dirigido pelo Coronel Freyberg.

O General Wrede perdeu nesta occasião dez officiaes, mortos ou feridos, d'entre os quaes lhe pôza particularmente a morte do Major Harret, do regimento 8º. de infantaria, e as feridas do Major o Barão Pifettin, mal ferido; a perda em homens monta a perto de duzentos.

A intenção do General Milhaud neste ataque sobre os Bavaros, parece ter sido para se appoderar dos desfiladeiros, e montanhas do Vosges para dentro do valle do Rheno. Este objecto (da maior importancia para os exercitos Francezes) foi prevenido pela boa conducta das tropas, e habeis disposições do General Roy. O General Wrede ao depois avançou com o seu corpo para Rombervillers, e Bruyers.

O Principe Real de Wurtemberg, tendo chegado a Remiremont no dia 10; foi lá informado de que um corpo Francez que montava a quatro mil homens, e composto principalmente das guardas novas de Bonaparte, estava occupando o Epinal, determinou atacallo. Marchou para diante com o corpo do seu commando para effectuar este objecto no dia 12. O General Conde Platow cooperou neste movimento, e marchou pela direita do inimigo para a banda de Charmes, na sua retta-guarda.

A força Franceza retirou-se ao avançar do Principe Real.

Aquelle official, comtudo, proseguio com a sua cavallaria, e alguma artilheria, alcançou o inimigo, e tomou um consideravel numero de prisioneiros.

A guarda avançada do General Platow, commandada pelo General Greehow, approximou-se do flanco do inimigo, quando se retirava em Thaon, atacou a sua cavallaria, dispersou-a, e tomou uma quantidade de prisioneiros.

A artilheria do General Platow foi demorada pelas más estradas, porem ainda que chegou mais tarde, fez bastante proveito.

O inimigo foi perseguido até Charmes; ficáram em poder dos Alliados quinhentos prisioneiros, consideravel quantidade de bagagens, e petrechos. A perda soffrida pelos Francezes, em mortos e feridos, tambem he consideravel.

Os resultados das vantagens obtidas pelo General Wrede, e pelo Principe Real de Wurtemberg, tem sido limpar o forte terreno na direita do Principe Schwartzemberg, expulsando o inimigo, para por este meio pôllo em estado de poder empregar a força do commando do Principe Real de Wurtemberg, em suas operaçoens na frente deste sitio, sobre Langres, podendo assim confiar a defeza da sua direita, somente ao corpo do General Wrede.

Depois da passagem do Rheno pelo General Wittgenstein, os Cossacos do seu commando tem tido varios encontros com o inimigo, bem succedidos.

No dia 7, o General Rudiger foi mandado tomar posse de Wauzenau. A sua chegada, o inimigo abandonou a villa; porém tomou uma posição juncto a Heuheim, com mil infantes, e quinhentos cavallos. O General Rudiger atacou esta força, tomou dous officiaes, e sessenta homens; e perseguiu o corpo até ás portas de Strasburgo. O inimigo deixou settenta homens mortos sobre o campo da batalha, e entre elles o commandante do corpo.

Bonaparte parece que tem empregado todos os meios em seu poder para induzir o povo de França a levantar-se contra os Alliados presentemente estabelecidos dentro das suas fronteiras; até agora tem sido mal succedido. Em Langres alguns tiros se atiráram a uma patrulha de Austriacos, que entraram naquella terra; se os habitantes da terra fizeram fogo, foi debaixo da directa influencia da pessoa enviada por Bonaparte para esse fim.

Deve-se em justiça ao Principe Schwartzemberg fazer constar a V. S. a excellente disciplina, que tem mantido no exercito, debaixo das suas ordens depois da sua entrada em França; e

tropas não tem commettido acto algum de ultrage ; a violencia tem sido reprimida com a maior severidade. He igualmente honroso para os soldados o terem-se abtido de seguirem o mui differente comportamento, de que, nos diversos paizes d'onde para aqui tem vindo, lhes dêram o exemplo as tropas Francezas.

Extracto do Officio de Lord Burghersh, datado de Langres, 18 de Janeiro, de 1814.

He com a maior satisfacção que dato este officio de Langres.

Vossa Senhoria ha de ter sido informado de que uma força, consistiudo de guardas de Bonaparte tinha occupado a importante posição desta terra.

As montanhas de Vosges, que formam uma das principaes barreiras para a entrada no coração da França por este lado, offerciam uma posição formidavel para um exercito defensivo, nas vizinhanças desta cidade. Da chegada das guardas, tinha-se presumido que um consideravel corpo de tropas Francezas havia de ajunctar-se ali. O Principe Schwartzemberg, em consequencia, determinou avançar sobre a terra com uma força, que fosse capaz de lhe segurar o bom exito, no ataque da posição.

O Marechal Mortier não esperou que o exercito alliado avançasse. No dia 16 commeçou a retirar-se daquelle ponto. No dia 17, o General Gyulay fez adiantar a sua guarda avançada. O Commandante da cidade quiz capitular, porem foi-lhe dicto que devia render-se ; tinham-o deixado sem meios de resistencia.

A leva em massa que tinha sido ordenada por Bonaparte. não foi executada pelo povo. O General Gyulay tomou posse da praça ; treze canhoens, que tinham ido de Dijon, uma consideravel quantidade de polvora, e duzentos homens foram apanhados pelos Alliados.

O Marechal Mortier retirou-se para a banda de Chaumont, Occnpava está praça com doze mil homens das guardas veteranas, sem ser apoiado por algumas outras tropas. Em Chaumont tambem lhe não tem chegado reforço algum : o Principe Real de Wurtemberg foi mandado marchar sobre aquella villa,

a espera-se que ésta tarde fique de posse della. O General Conde Platow chegou com os seus Cossacos a Neuf Chateau, e ja fêz adiantar as suas patrulhas daquelle ponto.

O quartel-general do General Blucher havia de ficar hontem em Nancy. Os Cossacos ás ordens do Principe Tcherbatoff, segundo a ultima relação daquelle official, iam avançando sobre Toul.

Extracto do Officio do Hon. Sir Carlos William Stewart, datado de Basilea, 17 de Janeiro, de 1814.

As relações de todos os corpos avançados continûam a ser da mais animante descripção.

O Marechal Blucher tem tomado perto de tres mil prisioneiros, e vinte e cinco canhoens, depois da passagem do Rheno. As suas ultimas relações são de St. Arrol, de 10 do corrente. Destacamentos do seu corpo occupam Treves, e em poucos dias Luxembourg ha de ser investido.

O Marechal Marmont tem-se visto na necessidade de fazer marchas forçadas rapidissimas para prevenir que o exercito da Silezia lhe tome a rettaguarda pelas montanhas do Vosges. Em sua retirada tem destruido todas as pontes sobre o Saar; porém o Marechal Blucher vai em seu seguimento.

Vossa Senhoria ha de ter das avançadas dos exercitos relações mais circumstanciadas do que eu posso dar. O Principe Schwartzemberg estava ainda em Vesoul no dia 15. O inimigo estava-se reunindo em Langres; e o Principe Marechal estava-se preparando para o atacar se elle lá permanecesse; o que eu duvido; e tinha feito disposições para este fim. O total do exercito Russiano, debaixo do commando do General Barclay de Tolly, ha de estar prompto para apoiar o movimento offensivo do Principe Schwartzemberg. O corpo do General Wittgenstein occupa o paiz entre o General Barclay de Tolly, e o Marechal Blucher; e as reservas Russianas, e Prussianas, junctamente com S. M. I. o Imperador da Russia saíram desta praça em marcha para Vesoul.

A guarnição Franceza que se retirou para dentro de Bezançon monta a 8.000 homens.

Befort ainda está bombardeado, e o General Schoffer comanda as forças que ali se occupam.

As ultimas relaçoens do General Bubna éram de Bourg em Bresse; tendo deixado destacamentos em Genebra, e forte l'Ecluse (que foi tomado) e em Stetten; o Simplon, e St. Bernardo estão occupados. O Principe de Wurtemberg tinha avançado de Epinal, retirando-se o inimigo, depois da sua derrota pelo General Roy, para a banda de Charmas. O Principe de Hesse Hombourg indo de Dole, e o General Scheiher rodearam o forte de Selins. Por toda a parte se ouve fallar dos Cossacos do General Platow.

Extracto do Officio do Hon. Sir C. W. Stewart, datado de Basilea, 22 de Janeiro, de 1814.

As relaçoens que V. S. ha de receber das avançadas do exercito grande haõ de ser mais factorias do que as que eu posso relatar. A entrada do Imperador da Russia em Vesoul, com as reservas Russianas, e Prussianas, o abandono de Langres, e da posiçaõ em roda, pelo inimigo, a avançada do Principe Real de Wurtemberg para Chaumont, saõ motivos de congratulaçaõ. Os movimentos de uma força taõ poderosa como a que os alliados agora possuem em todas as direcçoens, tornam quaesquer posiçoens que o inimigo toma taõ precarias, que eu estava certo (como me aventurei a expressar em um officio anterior) de que naõ havia de manter-se em Langres.

As ultimas relaçoens do Marechal Blucher saõ de 17, de Nancy. Mandou as chaves desta cidade para o grande quartel-general; o Imperador da Russia encontrou o official que as levava, quando ia em marcha para Vesoul, e immediatamente mandou duas chaves ao Rey de Prussia, reservando duas para si, com uma appropriada mensagem, que mostra a anciosa atençaõ e consideraçaõ, que existe entre os soberanos alliados em toda a occasiaõ. O General Blucher está em communicaçãõ com o corpo do General Wrede, e assim com o exercito grande. Este animoso veterano dá um vigor e uma vida a todos os seus procedimentos, que offerece inextimavel exemplo a todo o homem da profissaõ.

He com grande satisfacção que annuncio a V. S. outro brilhante feito das armas Prussianas. S. M. Prussiana está outra vez senhor de Wirtenberg, e não por outros meios, senão pelo glorioso valor dos seus bravos soldados. O cerco foi commecado no dia 28 de Dezembro, e a praça estava em nosso poder no dia 12 de Janeiro. Nenhum impedimento da estação demorou as espirituosas diligencias dos sitiantes.

O inimigo féz uma valente resistencia. Féz-se uma brecha no dia 11, e estava practicavel no dia 12 quando os sitiadores fizéram uma proposta para que os sitiados se rendessem, a qual foi recuzada; pela meia noite foi determinado o assalto em quatro columnas: os valorosos Prussianos vencêram todo o obstaculo, e em menos de meia hora estavam senhores da praça. Toda a guarnição que não poz as armas em terra foi passada á espada. O governador tinha entrincheirado o Castelo, e o Hotel de Ville; este foi tomado pelas tropas, e o governador que estava nelle, rendeo-se á discricião com o resto da guarnição.

Esta tomada houvéra de accrescentar muito á fama da quelle distincto official, (o General Tauenzién) se ella fosse capaz de receber addicção, porem as suas façanhas nesta guerra são também conhecidas, que não se poderaõ riscar da lembrança da posteridade.

O cerco custou perto de trezentos homens, entre mortos e feridos, e o assalto anda por cento, e sette officiaes feridos.

Os Prussianos acháram ali noventa e seis peças de artilheria, e fizéram dous mil prisioneiros. Em Torgau já tinham obtido posse de trezentas e desaseis peças. Os Prussianos acháram nesta fortaleza consideraveis almazaens de trigo, e polvora.

O General Tauentzien há de agora proseguir para Magdeburgo. Não se deve aqui deixar de observar que cada fortaleza que agora cáe, pelas admiraveis disposições que tem sido feitas, augmenta mui consideravelmente a força que avança contra o inimigo.

Por este modo temos nós reforços em tres tinhas de reserva, que vem a ser, sobre o Oder, o Elbe, e o Rheno, das quaes constantemente nos estamos supprindo.

O quartel-general do Imperador da Austria, e do Rey de Prussia ha de transferir-se hoje para Vesoul.

Supplemento á Gazeta de Londres de Sabbado, 12 de Fevereiro.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros,
12 de Fevereiro, de 1814.

O Mensageiro Mr. Silvestre chegou a esta Secretaria com officios, de que o seguinte saõ copias e extractos, vindo do Tenente-general o Hon. Sir C. Guilherme Stewart, K. B., e do Right Hon. Lord Burghers.

Extracto de um Officio do Hon. Sir Guilherme Stewart, datado de Chateau Brienne, 2 de Fevereiro, de 1814.

Tenho o gosto de poder enviar a V. S. uma relação das particularidades da batalha de La Rothiere melhor doque se eu tivesse tido a fortuna da me achar no campo da batalha.

A relação do Coronel Lowe he tam satisfactoria e tam correcta, por ter tido a vantagem de estar com o Marechal Blucher na frente durante o dia todo, que pouco existe nas relações officiaes que o Coronel Lowe não participasse.

Se o Marechal Blucher não estivesse ja ha muito immortalizado, este dia tello hia coroadado nos annaes da fama; porque quaesquer que fossem as apprehensoens concebidas por muitos sobre o resultado do ataque do Principe Real de Wurtemberg sobre a direita, V. S. verá pela relação do Coronel Lowe, que o marechal firmemente proseguio a combinação de que dependia o resultado do dia; a esta providencia, juizo, e decizaõ, todo o exercito alliado faz justiça. Dam-se os maiores louvores a artilheria Russiana; o terreno estava tam coberto de neve, e tam profunda, que foram obrigados a deixar metade dos canhoens na retaguarda, e pondo dobradas parellas á outra metade, conseguiram puchallos para diante, e empregar um sufficiente numero na acção. Os alliados tiveram perto de 70, ou 80.000 homens

na batalha ; os outros corpos do exercito que não vão nomeados na relação ficaram de fora. O inimigo, supponham-se que tinha a mesma força.

O ultimo ataque do inimigo sobre a villa de Rothiere foi as duas da madrugada de hoje ; immediatamente depois parecia que começava a retirar-se, passando o rio Aube ; tomou uma mui forte posição de retaguarda em Lesmont com a sua direita, e estendendo-se por de traz do Voire. Fizeram-se disposições para a atacar com o corpo do Principe Real de Wurtemberg, e os Generaes Wrede, e Guilay ; e tinha havido toda esta manhaã um fogo vivissimo sobre aquelle ponto, porem o dia esteve tam desfavoravel, e tem caido tanta neve, que as tropas não poderam fazer progressos.

No meio tempo, o Marechal de Campo, Principe Schwartzenberg féz as suas disposições para o perseguimento do inimigo, que se tem retirado sobre Vitry, Troyes, e Areis.

Relação militar do Coronel Lowe ao Hon. Sir C. Guilherme Stewart, datado do Quartel-general do Exercito da Silezia ; Tranes, 1 de Fevereiro, de 1814.

SENHOR !—A minha relação da noite passada tervos-ha informado do estado de preparo em que ambos os exercitos se apprezentaram hoje para uma batalha geral. A confiança dos Soberanos Alliados, e dos Commandantes dos seus exercitos, tendo posto á disposição do Marechal de Campo Blucher, o corpo Austriaco do General Conde Guilay, e o do Principe Real de Wurtemberg, em addição ás forças debaixo do seu proprio e immediato commando, elle, depois de esta manhaã ter feito um reconhecimento, féz as seguintes disposições para um ataque:—

O corpo do General Barão Sacken tinha ordem para marchar de Trannes para diante em duas columnas, uma dirigindo-se sobre Brienne, pela estrada de Deinville, e a outra sobre a aldea de La Rothiere. O corpo do General

Conde Guilay formando a reserva da primeira columna, e o do General Alsiusief, a da segunda. As guardas Russiannas, e courasseiros, estava annunciado, que haviam de chegar, e formar uma reserva para o todo, sobre os altos entre Trannes, e Eclance. O Principe Real de Wurtemberg tinha ordem para marchar de Eclance sobre Chaumenil, deixando á sua esquerda uma pequena mata na frente da direita da nossa posiçaõ, occupada pelo inimigo, e assim flanqueando-o, e abrindo a sua communicaçãõ com o General Conde Wrede, que estava annunciado que vinha avançando de Doulevent, tambem sobre Chaumenil.

O ataque commeçoou exactamente ao meio dia. O inimigo estava em posiçaõ em Deinville, e em La Rothiere, e tinha a sua esquerda na aldea de La Gibrie. A sua cavallaria, assim como a das forças alliadas, estava nas planices entre as duas posiçoens; a sua infantaria estava disposta em grossas massas sobre os flancos, e dentro das aldeas que estavam guarnecidas de artilheria.

Escaramuças e canhonadas foram os preludios do ataque porem daqui se dirigio logo a attençaõ para um mui forte fogo de artilheria e mosquetaria que saía da pequena mata, na direita, e da aldea de La Gibrie. O Principe Real de Wurtemberg arrojou o inimigo da aldea, porem tornou em força e outra vez o expulsou. Mandou-se uma brigada de granadeiros em seu succorro, porem o seu zelo, e actividade fizeram esta ajuda desnecessaria. Tornou a atacar e ficou senhor tanto da mata como da aldea. Os movimentos nesta parte levaram quazi tres horas. As demonstraçoens do inimigo ammeaçavam o flanco da posiçaõ dos alliados; porem a attençaõ do Feld Marechal Blucher nem por isso se divertio do seu objecto. O effeito da combinaçaõ do movimento do General Wrede estava previsto com o juizo mais exacto; e antes que a aldea de La Gibrie estivesse no poder do Principe Real de Wurtemberg, todas as necessa-

rias ordens estavam dadas para a execuçaõ dos movimentos agera ordenados.

Tendo o inimigo movido um corpo para a sua esquerda, puxou o General Sacken toda a sua força para o ataque de La Rothiere, que formava a chave da posiçaõ do inimigo.

O General Conde Guilay atacou a villa de Deinville porem achou opposiçaõ mui consideravel. A contenda durou até mui tarde, e so á meia noite he que o Marechal Blucher recebeu a noticia de que o inimigo estava expulsado; deixando 280 prisioneiros no poder do Conde Guilay. Na Rothiere, contudo, fêz-se a mais obstinada resistencia; o General Sacken expellio o inimigo, porem elle tornou com pezadas columnas de infantaria, e baterias de artilheria, e renovou o ataque com grande vigor, ganhando posse da igreja e de algumas das casas, em quanto os Russianos occupavam as outras. Buonaparte em pessoa, dizem os prisioneiros, conduzio o ataque, á testa das novas guardas, e teve um cavallo morto debaixo de si. O fogo com que foi recebido fêz a tentativa inutil, e pela volta das dez horas toda a villa tinba cedido ao mais obstinado valor das tropas Russianas.

O General Sacken tomou sobre a direita da aldeia para cima de vinte peças de canhaõ, e tambem se tomaram perto de mil prisioneiros; a perda em mortos e feridos foi mui grande. O Principe Real de Wurtemberg avançou sobre Chaumenil, e formou a sua junçaõ com o General Wrede. O primeiro tomou 6 peças de canhaõ, e o ultimo 17. Assim foi a victoria completa em todas as partes.

Immediatamente depois de começar a batalha, o Imperador da Russia, o Rey de Prussia, e o Principe Schwartzenberg vieram ao campo. O Marechal Blucher logo depois proseguio para a frente para executar as disposiçoens que tinha feito. Elle foi dos que estiveram naõ na dianteira no ataque de La Rothiere, e quando soccorria as tropas que lá eram atacadas.

Um cossaco, de ordens, do General Guisenau, foi morto ao seu lado. As reservas marcháram para diante por ordem de S. M. I, e do Principe Schwartzenberg, porem so tres batalhoens foram empregados. Ha prisioneiros do 3º, 4º, e 9º. corpos, e das guardas. Suppoem-se que Buonaparte teve juncto ao grande corpo do seu exercito. Ha muitas miudezas, que o tempo me naõ da logar a referir agora; mas em proporçaõ do que se vai sabendo, a batalha de La Rothiere, pelo numero das tropas empregadas, e pelas perdas do inimigo, e pelas suas consequencias ha de talvez achar-se uma das mais importantes da guerra.

Eu sou, &c.

(Assignado) H. LOWE, coronel.

P. S. A relaçaõ annuncia 60 peças de canhaõ tomadas.

Relaçãõ militar do Coronel Lowe ao Hon. Sir C. W. Stewart, datada de St. Ouen, 4 de Fevereiro, de 1814. As nove A. M.

SENHOR,—As noticias desta manhaã saõ, que hontem a tarde se ouviu uma canhonada em Pagny, sobre a estrada entre Chalons e Vitry, a qual suppoem-se que deve ter sido em consequencia de um encontro entre o General D'Yorck, e o Marechal Macdonald. Um reconhecimento feito hontem até Sogny sobre a estrada daqui a Chalons, verificou que o inimigo estava lá postado com uma força de perto de dous mil homens de infantaria, e dous esquadroens de cavallaria. O inimigo tinha uma força em Vitry, a qual ha de provavelmente fazer por effectuar uma junçaõ com o Marechal Macdonald, ou com o Marechal Marmont, o qual, ha razoens para crer, que proseguio para Arcis, despois da retirada.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) H. LOWE, coronel.

Officio de Lord Burghersh, datado de Bar-sur-Aube, 1 de Fevereiro.

MY LORD,—Tenho a satisfação de annunciar a V. S. que o inimigo commandado por Buonaparte foi hoje derrotado. Trinta e seis peças de canhão, e 3.000 prisioneiros estão ja no poder dos Alliados. Buonaparte tinha formado o seu exercito em tres linhas, estendendo-se ao travez da planice desde a frente de Deinville sobre a direita, pela villa de La Rothiere, para o lado de Tremilly, sobre a esquerda. Em frente da esquerda occupava a aldea de La Gibrie, e os matos de que está rodeada. O General Marmont estava postado em reserva na aldea de Morvillies. Os altos a roda da villa de Brienne tambem estavam occupados.

Vossa Senhoria tem sido informado de que o corpo do Marechal Blucher, consistindo somente da divisaõ do Gen. Sacken, e parte da divisaõ do General Langeron, tinha tomado hontem uma posiçaõ em Mapon. O General Guilay veio de Bar-sur-Aube para apoiar o General Blucher. O seu corpo estava formado sobre a estrada real entre Frannes e Deinville. Communiquei a V. S. que o General Wrede estava para cooperar com o General Wittgenstein no seu ataque sobre Vassy.

Tendo, comtudo, o inimigo abandonado aquella posiçaõ marchou o General Wrede sobre Dolevent donde foi mandado avançar pela estrada de Tremilly para Chaumenil.

Duas divisoens de granadeiros Russianos, e uma divisaõ de courasseiros, montando a coiza de 6.000 homens, e formando uma parte da reserva, debaixo das ordens do General Barclay de Tolly, formaram o apoio dos differentes corpos, e estiveram travados na acçaõ de hoje.

O General Blucher commeçou o seu ataque pela volta do meio dia, fazendo avançar o corpo do General Guilay para Deinville, e formando as divisoens do seu proprio commando na frente de La Rothiere. O Principe Real de

Wurtemberg avançou quasi pelo mesmo tempo de Maison sobre Gibrie, e foi valentemente contrariado nas matas á roda daquelle ponto; porem por fim sempre forçou o inimigo a retirar-se, e tomou a aldea. O inimigo fez uma tentativa para retomar esta posição, porem foi recebido valorosamente pelas tropas do Principe Real, e totalmente repellido. Durante a ultima parte deste ataque, chegou o corpo do General Wrede sobre a direita do Principe Real, e immediatamente avançou sobre Tremilly.

Os Uhlanos do Principe Schwartzemberg fizeram o mais bem succedido ataque na frente daquelle aldea, e tomaram seis peças de canhaó. O General Wrede tomou posse do logar.

O General Sacken achando que a sua direita estava segura, pelos successos que tinham acompanhado o ataque do Principe Real de Wurtemberg, e do General Wrede, determinou atacar o centro da posição inimiga em La Rothiere. Em quanto a sua infantaria estava travada no ataque da aldea, ordenou o Marechal Blucher um ataque de cavallaria sobre a direita da terra, que foi seguida de um completo successo; 20 peças de canhaó foram tomadas, e um consideravel numero de cavallaria, da guarda de Buonaparte, foi morto, ou apprisionado.

O inimigo foi expulsado de La Rothiere, e apesar das diversas tentativas para a retomar vio a final frustrado o seu projecto. O General Guilay já no fim da tarde, avançou sobre Deinville. Eu deixei o campo com o Principe Schwartzemberg, antes que este movimento fosse completado, porem chegou depois a noticia de que tinha acertado em tomar a parte da aldea sobre a direita do Aube, tendo-se o inimigo retirado para o outro lado do rio, e tendo destruido a ponte. Assim acabou, My Lord, a acção de hoje; o inimigo ainda possui o terreno para além da Rothiere, e ainda ao escrever desta estava de posse dos altos de Briene.

As Guardas Russianas, e Prussianas, ja chegaram perto de Trannes, e a manhaã haõ de estar em posiçaõ para apoiar o ataque das restantes posiçoens do inimigo. O corpo do General Colloredo chegou hoje a Vendœuvres, e ha de chegar a manhaã a Deinville. Os corpos dos Generaes Wittgenstein e d'Yorck estam em marcha sobre Vitry. Declara-se que os tres corpos dos Marechaes Marmont, Mortier, e Victor, estavam presentes na acçaõ de hoje. Os Generaes Colbert, e Grouchy, tambem estiveram presentes. Naõ tenho podido colligir bem os outros corpos que formavam parte das forças do inimigo. Peço licença para dar a V. S. os parabens desta primeira vantagem em uma acçaõ geral sobre o territorio de França.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) BURGHERSH.

Officio de Lord Burghersh, datado de Bar-sur-Aube, 2 de Fevereiro, de 1814.

MY LORD,—Em continuação da minha relação de hontem tenho para annunciar hoje a V. S. a retirada do inimigo de todas as suas posiçoens á roda de Brienne, com a perda de 73 peças, e perto de 4.000 prisioneiros.

Bonaparte continuou a acçaõ de hontem com grande obstinação até perto da meia noite; os seus principaes esforços foram applicados para a reoccupação de La Rothiere; elle mesmo dirigio o ataque das novas guardas sobre aquelle ponto, porem foi repellido com perda consideravel. O General Blucher esteve presente á defeza desta aldeia, e contribuiu importantemente pelas suas deligenciaes, para a repulsa do inimigo. O General Guilay esteve travado quasi até á noite no ataque de Deinville; a vigorosa opposição com que topou so podia ser vencida pela penetração e habilidade com que manobrou, e pelo valor das suas tropas. O posto, depois de varias horas da mais debatida profia, ficou na sua in-

disputada posse. Buonaparte desconcertado nas diferentes tentativas para tornar a ganhar as vantagens que tinha perdido, resolveo por fim retirar-se; as suas columnas commecaram a mover-se para a rettaguarda pela volta da uma hora da madrugada; a sua rettaguarda occupava com tudo a posiçã de Briene pela manhã.

O General Guilay marchou ao longo do Aube sobre a direita do inimigo; o Principe Real de Wurtemberg marchou sobre Brienne; o General Wrede marchou sobre a direita do Principe Real. O inimigo marchou em duas columnas, a direita sobre Lesmont, a esquerda sobre Lassicourt, e Ronay. O Principe Real de Wurtemberg fêz o mais brilhante ataque sobre a cavallaria que cobria a retirada do inimigo juncto a St. Cristovam.

O General Wrede desalojou um corpo de infantaria de uma forte posiçã sobre o Voire, juncto a Lassicourt.

O General Guilay ajudado pela infantaria do Principe Real tomou Lesmont por assalto.

He devido ao caracter do Principe Schwartzemberg, chamar a attençã de V. S. á penetraçã e talento, que elle tem desenvolvido, em ter posto as tropas debaixo das suas ordens na brilhante situaçã em que presentemente estã.

Depois de ter atraveçado todas as fortificaçoens do lado da França desde as fronteiras da Suissa, formou uma junçaõ com o exercito do Feld Marechal Blucher, e em conjunçaõ com elle tem illudido todas as tentativas do inimigo para cair com numeros superiores sobre um corpo separado, e tem acabado a mais completa victoria.

O Principe Schwartzemberg recebeu do Imperador Alexandre uma espada em signal da alta opiniaõ, que elle tem do seu merecimento. O General Wrede, e o Principe Real de Wurtemberg foram condecorados sobre o campo da batalha com a Segunda Classe da Ordem de St. George.

O distincto valor, e genio emprehendedor do Feld

Marechal Blucher nunca foram mais conspicuos do que nas batalhas de Brienne.

Os Generaes Guilay, e Frenelle distinguiram-se com especialidade.

Geralmente, as tropas dos Alliados tem pelejado com a maior valentia; merecem a gratidaõ e a admiraçaõ do mundo.

Tenho á honra de ser, &c.

(Assignado) BURGHERSH, Tenente-coronel.

Extracto de um Officio de Lord Berghersh, datado de Barsur-Seine, 6 de Fevereiro, de 1814.

Tenho a satisfacçaõ de annunciar a V. S. que a guarda avançada do General D'York fêz hontem um bem succedido ataque sobre a rettaguarda do exercito do Marechal Macdonald juncto a La Chaussée, entre Vitry, e Chalons. Os Alliados tomáram tres canhoens, e varios centos de prisioneiros; o inimigo foi perseguido sobre a estrada de Chalons.

Sinto ter de annunciar a V. S. que o General Coloredo foi hontem ferido quando andava reconhecendo a posiçaõ do inimigo sobre o Barce. Ainda que a ferida não se julga perigosa, comtudo todo o exercito ha de lamentar a necessaria ausencia deste valoroso, e distincto official do seu activo serviço no campo, nesta importante occasiaõ.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 13 de Fevereiro, de 1814.

Um officio, de que o seguinte he extracto, foi recebido nesta Secretaria, vindo do Conde Clancarty, datado de Hague, 5 de Fevereiro de 1814.

O Principe de Orange esta manhaã fez-me participar que tinha de madrugada recebido uma relaçaõ do Coronel Fagel, cominandante das levas Hollandezas defronte de Gorcum, dizendo que esta praça tinha finalmente capitulado. Sua Alteza Real não podia entaõ informar-me dos

termos da capitulaçãõ por estes naõ virem na relaçaõ; Fallei depois com Mr. Bentinck, Ministro da Repartaçaõ da Guerra, que me disse que o termos eram em geral os seguintes:—A praça havia de ser possuida pelos Francezes até 20 deste mez, e naquelle dia, naõ tendo até entãõ sido soccorrida, sairia a guarniçaõ para fora, com as honras da guerra, para depor as suas armas, e render-se prisioneira de guerra. Os officiaes conservariam as suas espadas, e as proprias bagagens. No meio tempo, haveria um armisticio entre a guarniçaõ e as tropas bloqueantes, e ambas as partes unirem-se para repararem os diques.

Eu de muito boa vontade dou o parabem a V. S.

REPARTIÇAÕ DOS NEGOCIOS DA GUERRA.

14 de Fevereiro, de 1814.

Os officios de que o seguinte he um Extracto, e Copias, foram dirigidos ao Conde Bathurst pelo Major M' Donald, datados de Oliva, 11 de Dezembro, de 1813, 8, e 18 de Janeiro, de 1814.

11 de Dezembro, de 1813.

Para alguma informaçaõ que V. S. dezejar obter, relativa, ou ás operaçoens do cerco, ou ao estado da artilheria &c. refiro-me ao Capitaõ Macleod, que há de entregar este, e quem eu peço licença para mencionar a V. S. como o mais benemerito official.

Tenho o gosto de annunciar a V. S., que se rendeo Modlin, que he uma fortaleza de consideravel força, e que taõ bem está sobre o Vistula, e de grande consequencia para os interesses de Dantzic, no sentido commercial.

Oliva, juncto a Dantzic, 8 de Janeiro, de 1814.

MY LORD!—Tenho a honra de informar a V. S. de que a cidade e fortificaçoens de Dantzic ficaram no poder das tropas alliadas no dia 2 do corrente. Tendo Sua Magestade o Imperador da Russia recusado ratificar os principaes

artigos da capitulação para o rendimento de Dantzic, dos quaes tive a honra de inviar uma copia a V. S., o General Rapp, que commandava a guarnição, vio-se obrigado a acceptar os termos que lhe foram propostos por sua Alteza Serenissima, o Duque de Wirtemberg em 29 do mez passado, pelos quaes o todo da guarnição Franceza, com as poucas tropas Napolitanas, e Italianas que estavam na praça, em numero de 11.800 homens ficáram prisioneiros de guerra, e haõ de ser conduzidos para a Russia.

Os Polacos, montando a 3.500 homens, haõ de ser debandados, e teraõ permisaõ para voltarem para suas casas. O resto da guarnição, á excepção de 190 Hollandezes, o mais delles artilheiros, era composta de tropas pertencentes aos Estados que formavam a Confederação do Rheno, que podem calcular-se em 2.300 homens, e um batalhaõ de 370 Hespanhoes e Portuguezes, que estavam empregados como trabalhadores em reparar as fortificaçoens. Os primeiros, incluindo os Hollandezes, haõ de ser postos immediatamente á disposição dos seus respectivos Soberanos; e espero que hajam de apparecer brevemente nas fileiras dos Exercitos Alliados. Os ultimos, a quem se faz justiça em observar, que resistiram a todos os esforços que se fizeram para os fazer pegar um armas contra os sitiantes, haõ de ficar neste paiz, e ser sustentados á custa do Governo Rusiano, até que se offereça oportunidade de os passar para Inglaterra.

Tendo examinado as fortificaçoens de Dantzic, posso informar a V. S. de que poderiam ainda ser defendidas até o méz de Maio, se a maior parte das provisoens do inimigo não tivesse sido destruida com os almazacs, que foram queimados pelo fogo das baterias.

As razocns que influiram principalmente para sua Alteza Serenissima conceder á guarnição a primeira comparativamente favoravel capitulação, foram a impracticabilidade de continuar por mais tempo a adiantar os approches em

uma estação tão avançada, e a grande vantagem que resultava da occupação das obras do Wester Plat, e Tahrwasser, de que a capitulação lhe dava posse immediata, e pelas quaes o inimigo estava cortado de toda a communicação com o mar, sendo bem sabido que os Dinamarquezes haviam de fazer todo o esforço para meter provimentos na praça; logo que os nossos corsarios fossem obrigados a deixar a posição.

O sistema de extorsão que tem sido practicado pelos Francezes depois que estão de posse de Dantzic tem carregado fortemente sobre todas as classes do povo; e por elle muitos dos mais respeitaveis habitantes tem sido roubados da sua propriedade, e reduzidos da affluencia, a um comparativo estado de indigencia.

Mas, para não me demorar em um objecto tão desagradavel, he naverdade de muita satisfação para mim assegurar a V. S. de que existe entre os habitantes deste paiz um geral sentimento de gratidão para com a Gran Bretanha, pelo liberal soccorro, que ella lhes prestou na gloriosa obra da recobração da sua independencia.

Seja-me permitido offerecer a V. S. os meus parabens pelos brilhantes successos, que tem ategora acompanhado as operaçoens dos Exercitos Alliados; e cujas consequencias sinceramente confio que haõ de conduzir á restauração das liberdades daquellas naçoens, que tanto tempo tem soffrido pela aggressão Franceza.

Tenho a honra de ser, &c.

ALEXANDRE M'DONALD.

Major da Real Artilheria Acavallo,

18 de Janeiro, de 1814.

MY LORD!—Tenho a honra de transmitir a V. S. os nomes dos Officios Generaes que estavam em Dantzic ao tempo deste rendimento; os quaes eu apenas neste instante acabo de receber:—

O General em Chefe Conde Rapp.

Os Generaes de Divisaõ ; Conde Heudlet, Granjean, Bachellu, Lepin, Campredon.

Os Generaes de Brigada ; L'Ameral, Dumanoir, Do. Hericourt, Devilliers, Husson, Bagancourt, Farine, Cavagnac, o Principe Radziville.

Os Generaes de Brigada das tropas Napolitanas— D'Etrees, Pepe.

Tendo a honra de ser, &c.

(Assignado) ALEXANDRE M'DONALD.

Bulletim official do Governo, em Londres, em que se resumem as relaçoens de varias acçoens dos Alliados na França.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 24 de Fevereiro, 1814.

Chegou ésta manhaã a ésta secretaria, o Honr. F. Robinson, com officio de que o seguinte saõ abstractos.

Sir Carlos Stewart, em um officio datado de Chatillon aos 12 do corrente, incluye copias das participaçoes do coronel Lowe, sobre as precedentes operaçoens do exercito do Marechal Blucher, ate 12 do corrente inclusive.

O General D'York atacou Chalons, aos 5 de Fevereiro, e o tomou por capitulaçaõ ; retirando-se o Marechal Macdonal para o Marne na direcçaõ de Meaux ; este tinha com sigo os corpos de Sebastiani e Arrighi, alem do seu.

Aos 6, o quartel-general do Marechal Blucher estava em Sandron. Aos 8 se mudou de Vertus para Etoges. O General Sacken estava entaõ em Montmirail, o General D'York em Chateau Thierry, e o General Kleist em Chalons ; avançando tudo contra o exercito de Macdonald, que se retirava com 100 peças d'artilheria.

Na noite de 8, se mudou outra vez para Vertus o quartel-general do Marechal Blucher ; por se dizer que um regimento Russiano tinha sido atacado em Baye. Os postos

avançados de D'York, de Dorment; e de Sachen, de Montmirail chegavam entáo até Chateau Thierry, e La Ferte-sous-Jouarre.

Na tarde de 10, o corpo Russiano de Alsufieff, estava em Champaubert, e foi atacado por uma força mui superior do inimigo da parte de Sezanne; e depois de uma obstinada resistencia foi obrigado a retirar-se, soffrendo consideravel perda. Aos 11, o Marechal Blucher tinha o seu quartel-general em Bergeres. Naquelle dia os corpos de Sachen e D'York marcháram para Montmirail contra o inimigo. Seguiu-se uma seria acção por algumas horas, ficando ambos os exercitos em suas posiçoens. O General Sachen perdeu 4 peças; o mais vivo da acção foi na aldea de Marchais, que foi tomada e retomada tres vezes.

O inimigo tinha 30.000 homens, commandados por Bonaparte. Aos 12 estava Sachen em Chateau Thierry, e D'York em Bissert. Marmont estava com o 6.º corpo em Etoges. No mesmo dia o Marechal Blucher com o corpo de Kleist e Kassiewitz estava na posição em Bergeres. Parte do corpo do General Winzingerode tinha tomado Soisson por assalto, aprisionando dous generaes e cousa de 3.000 homens. O General Winzingerode estava em Rheims. O Conde Langeron, e St. Priest avançavam rapidamente para se unirem ao Marechal Blucher, cujo exercito se uniria todo em Chalons, prompto a tornar a tomar a offensiva.

Lord Burghess escreve de Troyes, aos 13 e 16 de Fevereiro. A cidade de Sens foi tomada por assalto, aos 11, pelo Principe Real de Wirtemberg, que marchou immediatamente para Bray, por Pont-sur-Yonne. Aos 9, o Conde Hardegg atacou a retaguarda do inimigo em Romilly e St. Hilaire; e unindo-se-lhe o General Wittgenstein atacou outra vez juncto a St. Aubin e Marne, e o expulsou para Nogent, parte do qual occupava o Conde de Hardegg aos 10.

Tendo o Conde Wittgenstein avançado para Pont-sur-Seine ; e o General Wrede para Bray, o inimigo abandonou a esquerda do Senna, e destruiu as pontes, que fôram restabelecidas pelos Alliados ; e o General Wrede avançou para Provins, cruzando o general Wittgenstein em Pont-sur-Seine ; os generaes Bianchi e Guilay fãam ao mesmo tempo marchando para Montereau, e se tomaram medidas para postar o grande exercito na esquerda do Senna, com a direita em Mery, e a esquerda em Montreau ; com os corpos dos generaes Wrede, e Wittgenstein, e do Principe Real de Wirtemberg em Provins e Villeneuve.

Aos 16 se fizéram as disposiçoens (recebendo-se a noticia de que o Marechal Blucher tinha repulsado o corpo que lhe ficava opposto, e avançando para Etoges) para mudar o quartel-general para Bray, e o corpo de Wrede e Wittgenstein por Nangis para Melun.

Participação Militar do Coronel Lowe, datada do Quartel-general do Exercito de Silesia, Chalons, 15 de Fevereiro, 1814.

SENHOR !—O Feld-marechal Blucher teve de sustentar outro e mais obstinado combate contra uma força superior do inimigo, debaixo do commando de Bonaparte em pessoa.

Depois de ter repulsado o Marechal Marmont da posição de Etoges, aos 13, soube ali, que Bonaparte tinha marchado com as suas guardas no dia precedente, para Chateau Thierry ; tendo o General d'Yorck, e o General Barão Sachen, previamente deixado aquelle lugar, e retirado-se para detraz do Marne.

Hontem pela manhã se annunciou, que o Marechal Marmont se ía retirando da aldeia de Tromentieres, o Feld-marechal Blucher, que tinha feito o bivouac na noite precedente em Champaubert resolveo perseguillo. Elle tinha

debaixo das suas ordens somente a corpo do General Kleist ; e a divisaõ do General Kapsiewitz do corpo do General Conde Langeron.

O inimigo retirou-se, até que chegou juncto á aldea de Janvilliers, aonde se observou que se ajunctava um grande corpo de cavallaria.

No ardor do perseguimento, seis peças, que se tinham levado para diante, fõram repentinamente assaltadas e tomadas pelo inimigo. A cavallaria Prussiana, commandada pelo General Zieten, e Coronel Blucher, filho do Feld-marechal, carregou immediatamente e as retomou. Varios prisioneiros cahiram em suas maõs, e delles soube-mos, que Bonaparte estava sobre o terreno, tendo acabado de chegar com todas as suas guardas, e um grande corpo de cavallaria. Elles fizéram marchas forçadas, durante a noite, de Chateau Thierry.

A infantaria do Feld-marechal Blucher fa a este tempo avançando em columnas de batalhoens no campo aberto, de ambos os lados da calçada, que vai ter á aldea.

A cavallaria, que se observou vir augmentando, repentinamente se adiantou em grandes massas, rompeo a cavallaria das guardas avançadas, dividio-se, e atacou com a maior furia as columnas de infantaria na planicie. O movimento foi observado. As columnas formáram-se em quadrados, que ficáram firmes no terreno, e começáram um vivo fogo da frente, flancos, e retaguarda. Em um grande campo na direita da aldea, seis quadrados fõram atacados ao mesmo tempo ; e todos conseguíram repulsar o inimigo, a cavallaria da guarda avançada se retirou ao mesmo tempo pelos intervallos, formando-se na retaguarda, e avançando outra vez para carregar a do inimigo, depois de o ter posto em desordem, e obrigado a retirar-se do fogo destructor dos quadrados. O inimigo porém crescia em numero, e se virãõ grandes corpos de cavallaria movendo-se em torno de ambos os flancos. Dous batalhoens de

infanteria da guarda avançada, que tinham entrado na aldea, não se poderam formar a tempo, e soffêram muito. O Feld-marechal Blucher, que tinha pouca cavallaria com sigo, resolveo-se a retirar a sua força de uma posição, aonde se tinha de disputar tão desigual contenda.

A infanteria teve ordem de retirar-se em columnas e quadrados, com a artilheria nos intervallos, cubrindo os flancos e retaguarda, com escaramuças e cavallaria. O inimigo não perdeu tempo em fazer os mais directos e denodados ataques. O paiz em que se devia fazer a linha de retirada éra igualmente aberto, sem cercados, mas unicamente matas, e arbustos, que davam lugar a que a cavallaria occultasse os seus movimentos. A infanteria evitou em geral travar-se com ella, e assim pôde melhor conservar a sua perfeita formação, e ter o inimigo em respeito.

Desde a aldea de Janvilliers até meio caminho, entre Champaubert e Etoges, na distancia de quasi quatro leguas, houve um incessante combate em retirada; nenhuma só columna ou quadrado de infanteria deixou de ser ou atacada ou exposta ao fogo do inimigo, ao mesmo tempo que se conservou um constante fogo sem interrupção da marcha, fazendo fogo, e carregando, á proporção que marchavam, e comtudo conservando a melhor ordem. Freqüentemente aconteceo, que a cavallaria do inimigo se mixturou com os quadrados, e sempre, em tal caso, foi obrigada a retirar-se com perda. Tentaram varios ataques e todos sem effeito. A o pôr do sol observou-se, que o corpo de cavallaria, que se tinha visto fazendo a volta ao redor dos flancos, tinha atirado com sigo na linha de nossa retirada, cousa de meio caminho entre Champaubert e Etoges, e se tinha formado em uma massa solida, na calçada, e em ambos os lados della, com a evidente determinação de obstruir a passagem. Neste momento o Feld-marechal Blucher se achou cercado por todos os lados. A sua decisão foi tão prompta, como a resolução de a

executar—continuar a marcha, e romper todo o obstaculo, que se lhe oppuzesse. As columnas e quadrados, accomettidos agora de todos os lados, continuáram a marcha na mais firme a perfeita ordem. A artilheria abrio uma forte canhonada contra a cavallaria, que se tinha postado na calçada, o que foi succedido por descargas de musquetaria das columnas de infantaria que avançávam. A cavallaria inimiga não podia fazer frente contra tal determinação. Elles fôram obrigados a ceder a ésta determinação. Elles fôram obrigados a deixar a calçada, e deixar abertas as passagens de ambos os lados; e a limitar os ultimos ataques unicamente aos flancos e retaguarda. As columnas, e quadrados dos flancos e retaguarda foram igualmente assaltados, mas nem um só foi rompido durante todo este tempo, nem perdeu a sua ordem. Veio a noite, e os ataques da infantaria fôram succedidos por ataques da cavallaria. As tropas entráram na aldea de Etoges, e entãõ fôram assaltadas por descargas de musquetaria de um corpo de infantaria, que tinha penetrado pelos caminhos de atalho em ambos os flancos de sua marcha. Os Generaes Kleist e Kapsiewitz, com os seus respectivos corpos, porém, rompêram os obstaculos todos que se lhe oppuzêram, forçáram o seu caminho pelas aldeas e entráram com os seus corpos, sem mais ataque nem encommodo, até a posição de Bergeres, aonde fizêram o seu bivouac naquella noite.

A perda em mortos, feridos, e prisioneiros, durante este longo, e arduo combate; se avalia em 3.500 homens, com sette peças de artilheria. O inimigo evidentemente contemplava a destruição de todo o corpo. A sua força devia ser o duplo: a sua cavallaria êra mais do triplo em proporção; provavelmente 8.000 cavallos. O Feld-marchal Blucher tinha mais e melhor infantaria. A perda do inimigo em consequencia do fogo, e pelas continuadas repul-

sas da cavallaria, pelo fogo dos quadrados, deve ter sido excessiva.

Faltam-me palavras para exprimir a minha admiração da intrepidez e disciplina das tropas. O exemplo do Feld-marechal Blucher, que se achava em toda a parte, e se expôz em todas as situaçoens; do General Kleiste e Kap-siewitz; do General Guisenau, que dirigio os movimentos na calçada; do general Zieten, e do Principe Augusto de Prussia, sempre a frente de sua brigada, animando-a com os seus esforços, não podia deixar de inspirar os soldados com uma resolução, que teve ter enclido o inimigo de admiração, e surpresa.

A posição de Chalons, apresentava vantagens para formar uma junção com os differentes corpos de seu exercito, pelo que o Feld-marechal Blucher resolveo marchar para ali, tendo recebido participaçoens, durante a batalha, de que os generaes D'York e Sacken tinham chegado a Rheims, e que o General Winzingerode estava a uma ou duas marchas delle. Todo o exercito de Silezia ficará assim unido; e poderá avançar contra o inimigo com aquella confiança de successo que inspiram os numeros, e a uniaõ.

(Assignado) H. LOWE.

Ao Ten.-gen. Sir C. Stewart.

BULLETINS DO EXERCITO QUE SITIA, HAMBURGO.

Quartel-general do General em chefe do exercito Polaco, em Pinneberg, ante Hamburgo.

Na noite de 1 para 2 (13 para 14) de Janeiro, a guarda avançada do general Markow repulsou os postos Francezes até o entrincheiramento de Sternschanze, e outras obras juncto a Altona. A perca do inimigo, em mortos, feridos, e prisioneiros, foi mui consideravel. Os nossos postos avançados se estabelecêram em frente destes entrinchoiramentos; pelo que, sendo cercados os seus postos de Schieff-

beck, e Barmbeck estes assim como os postos de Scheffbeck, e Horn, e retrocedêram. Nesta occasiaõ assim como nos outros dias, houvêram mais encaramuças todas em vantagem das nossas tropas, que matáram ou tomáram prisioneiros muitos do inimigo.

Aos 10 (21) o Conde Strogonoff tomou todas as aldeas diante de Hamburgo. O General Schemtschuschinikoff, que estava postado em Ochsenwerder, prestou todo o auxilio que pôde neste ataque, cujo resultado foi perder o inimigo todas as aldeas, nos arredores de Harburgo, assim como ilha a de Moorwarder. As tropas do Conde Strogonoff penetráram na cidade de Haarbargo, e encraváram as peças de grande calibre. Na manhaã seguinte, o inimigo fez uma tentativa contra Ochsenwerder; porém a admiravel resistencia do General Schemtschuschinikoff, e um movimento de flanco, que fez o Conde Strogonoff, o obrigáram a retirar-se com precipitaçaõ, deixando nas mãos dos conquistadores quatro peças d'artilheria. A perca do inimigo em ambos os dias foi mui consideravel: nos tomamos prisioneiros 12 officias e 500 soldados; e foi mui grande e numero de seus mortos e feridos.

*Quartel-general do General em chefe no exercito Polaco em
Pinneberg, ante Hamburgo.*

O general commandante em chefe, seguindo fielmente o plano adoptado de ter constantemente em susto a guarnicaõ de Hamburgo, e tomar os postos que se mantinham fora das obras daquella praças, a fim de assegurar-se contra surpresas; aos 13 (25) de Janeiro, dia dos annos da nossa amada Imperatriz Izabel Alexwena, em celebraçaõ da quella interessante festividade, fez um ataque geral a todos os postos do inimigo em Hamm Auschlagerweg, e Stadeich; em quanto dirigio tambem uma demonstraçaõ contra todas as obras exteriores situadas nos lados de Wandsbeck e Altona.

Requer-se somente o grito da guerra “pela nossa adorada Imperatriz,” para redobrar a coragem natural de seus valorosos Russianos, e assegurar o perfeito bom successo da empreza! Hamm, e Auschlagerweg, e os postos por detraz de Morfleth fôram tomados á bayoneta. Os piquetes de patrulhas, em frente dos entrincheiramentos do Landwher, o Sternechanze, e as lunetas contiguas, fôram mortos ou aprisionados, e se adiantou o reconhecimento destas obras ate tiro de metralha.

A perda do inimigo foi consideravel. Os prisioneiros chegam a 8 officiaes e 800 soldados, e o numero dos mortos he ainda maior.

Grande numero de soldados fôram passados á bayoneta pelos Russianos na igreja de Hamm. A nossa perda he mui inconsideravel.

EXERCITO INGLEZ NA HOLLANDA.

Officio do General Graham ao Ministro da Guerra em Londres ; datado do

Quartel-general de Calmhout, 14 de Janeiro, 1814.

MY LORD, —O General Bulow, commandante em chefe do terceiro corpo do exercito Prussiano, tendo-me communicado que na manhaã de 11 do corrente havia de por em execuçaõ a sua intençaõ de arrojjar o inimigo da sua posiçaõ em Hoogstraten, e Wortel, sobre Merk, em ordem a fazer um reconhecimento sobre Antwerpia, e que desejava, que eu lhe cobrisse o flanco direito do seu corpo, fiz mover de Bosendal aquella porçaõ das duas divisõens do meu commando, que era disponivel, e cheguei aqui ao romper da manhaã do dia 11. O inimigo foi arrojado, com perda pelas tropas Prussianas de WestWesel, Hoogstraten, &c., para Braeschat, e Westmeille, &c. &c., depois de uma obstinada resistencia.

Fizeram-se disposiçoens para o atacar outra vez no dia seguinte, porem retirou-se na noite de 11, e tomou uma

posição juncto a Antwerpia, com a esquerda sobre Mercxem.

O General Bulow occupou Braeschat em força naquella tarde, (de 12.)

Eu marchei para Capelle, pela estrada real de Bergenop-Zoom a Antwerpia ; para estar prompto para cooperar no ataque intentado hontem. A divisaõ do Major-general Cook ficou em reserva em Capelle, e o Major-general M'Kenzie marchou por Ekeren e Done para Mercxem, para guardar ambas as estradas reaes occupadas pelos Prussianos. Em quanto os Prussianos estavam travados consideravelmente mais para a esquerda, fêz-se um ataque sobre a aldea de Mercxem, com a brigada do Coronel M'Leod, guiado por elle mesmo, na mais bizarra maneira, e debaixo da immediata direcção do Major-general M'Kenzie.

A rapida, mas ordenada marcha do destacamento do terceiro batalhaõ do corpo de atiradores, debaixo do commando do Capitão Fullarton, e do 2.º batalhaõ do regimento 78, commandado pelo Tenente-coronel Lindsay, apoiada pelo 2.º batalhaõ do regimento 25, commandado pelo Major Mc.Donnell, e pelo regimento 33, commandado pelo Tenente-coronel Elphinstone, e um immediato ataque de bayoneta, pelo regimento 78, ordenado pelo Tenente-coronel Lindsay, decidiram a contenda muito mais cedo, e com muito menos perda do que se poderia esperar da fortaleza do posto, e do numero dos inimigos.

O Coronel M'Leod recebeu uma grave ferida a travez de um braço ao avançar para o ataque, porém não largou o commando da brigada ate que desmaiou com perda de sangue. Tenho a fortuna de pensar que o exercito não estará muito tempo privado dos serviços deste distincto official. O inimigo foi arrojado para dentro de Antwerpia com perda consideravel, e tomaram-se alguns prisioneiros. Tenho a maior satisfacção em expressar a minha grandis-

sima approvaçãõ do comportamento de todas éstas tropas ; nunca veteranos se postaram melhor do que estes soldados que entãõ pela primeira vez se encontraram com o inimigo.

A disciplina, e intrepidez do batalhaõ de Highland, que teve a boa fortuna de guiar o ataque á aldea fez igual credito aos officiaes e aos soldados.

As outras tropas empregadas mostrãram o mesmo espirito. As peças da brigada do Major Fier avançaram em apoio do ataque, e pela sua excellente practica brevemente fizéram calar uma bateria inimiga. O regimento 52, debaixo do commando daquelle experimentado official o Tenente-coronel Gibbs, marchou depois para dentro da aldea de Merexem para cobrir a retirada das tropas de lá, aqual foi ordenada logo que a columna Prussiana chegou pela estrada real, á testa da qual ja tinha forçado os postos avançados quando o nosso ataque começou.

O Tenente-coronel Gibbs permaneceu com o regimento 52, e o 3°. batalhaõ do regimento 95, até despois do escurecer. Tendo este reconhecimento sido completado satisfactoriamente, as tropas Prussianas vaõ indo para acantonamentos, e este corpo ha de tornar a tomar as mesmas posiçoens que antes occupava com pouca differença.

A severidade do tempo tem sido excessiva. Os soldados tem-a supportado com cara alegre, e paciencia ; e espero que naõ hajam do soffrer damno mui consideravel.

Envio inclusa a lista dos mortos e feridos.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) THOMAS GRAHAM.

PROCLAMAÇÃO.

FRANCEZES,—Eu tenho agora estabelecido o exercito da Silesia sobre este lado do Rheno ; e vai a commear a sua marcha para se ir encontrar com o inimigo no coraçãõ da França, dentro em poucos dias. Nos naõ vimos exercer a

nossa vingança sobre vos, nem commetter depredaçõens, porem assegurar a vossa felicidade e liberdade.

“ Nos confiamos em que cedo obteremos aquillo que Napoleaõ ha tanto tempo nega, as bençaõs da paz.

“ Para este fim tomámos nos as armas, e podemos esperar brevemente um armisticio para o arranjo dos preliminares. Naõ desejamos derramar, mas poupar o sangue dos Francezes.

“ Nos so fazemos a guerra aos inimigos da paz. Vos sois Francezes, porem naõ sois nossos inimigos, logo que os vossos desejos saõ os mesmos. Perguntai aos vossos vizinhos, os Hollandezes, que nos receberam com os braços abertos, se lhes agradam mais os principios, e practica Franceza, ou a nossa. Estai certos de que os vossos interesses haõ de ser attendidos no firmamento da geral prosperidade e independencia da Europa.

“ St. Arcold, 21 de Janeiro.

BLUCHER.”

FRANÇA.

O Moniteur supprimido ou Double-Moniteur de 20 de Janeiro, de 1814.

(Extracto das Gazetas Francezas.)

Advertencia do Redactor.

Appareceo em circulaçãõ um pequeno numero de exemplares do Moniteur, N.º. 20, datado de 20 de Janeiro, cujo contheudo he quasi inteiramente differente do do Moniteur publicado e distribuido no mesmo dia. Este phenomeno de apparecerem duas gazetas com o mesmo numero, e da mesma data, tem excitado a maior curiosidade, por isso que as pessoas que estavam de posse delle, só o mostravam como em segredo, e como se fosse obtido illegalmente. Nos temos practicado todos os meios possiveis para o haver á maõ, e saber como este papel escapou da impressãõ do Moniteur, e conseguimollo. Contem-se nelle os papeis relativos ás negociaçõens para a paz. Temos colligido que este numero estava impresso, e tinha-se commençaõ a entregar, quando o impressor recebeo ordens

para supprimir a impressaõ, e recolher todos os exemplares que tinham sido distribuidos. He de crer que esta ordem, sendo dada tarde, naõ fosse possivel recolher senaõ uma pequena parte dos exemplares já distribuidos; naõ sabemos se alguns subscriptores mais teimozos, ou menos doccis do que outros recuzáram entregallos, ou se a ordem foi negligente-mente executada. Seja como for. As pessoas, em cujas maõs os exemplares ficáram tem-os mostrado, e mesino alguns tem-os vendido. Foi por este modo que nos obtivemos o que agora reimprimimos. Temos perguntado a nós mesmos, que motivos poderiam occasionar a suppressaõ deste papel, e naõ temos descuberto cousa certa neste ponto; porem tendo no *Moniteur*, N.º. 20, do dia 20, que foi publicado, e que o Edictor reconhece, o artigo “Paris,” que annuncia, que o Duque de Vicenza havia de receber os seus passaportes em Chatillon-sur-Seinc, conjecturamos nos, que o Correio que trouxe esta informaçãõ chegando na noite do dia 19, suppoz-se que estas novidades éram de natureza de darem satisfacçaõ ao publico, e que faria desnecessario dar-lhe a saber pela exposiçaõ da negociaçaõ, o ponto a que tinha chegado. Na nossa opiniaõ, este raciocinio era falso, e fosse como fosse que a indscriçaõ accouteceo, aproveitamos-nos della, e deixaremos da mesma forma o seu beneficio publico.

(Aqui se seguia a Declaraçaõ das Potencias Alliadas, que foi publicada no *Corr. Braz.* vol. xii. p. 836; depois a proclamaçaõ das Potencias Alliadas á naçaõ Franceza, que foi publicada neste vol.; p. 74; hahi duas proclamaçoens do General Blucher, que vam tambem neste vol., p. 72, e p. 73) segue-se depois a:—

Nota do Conde Metternich em resposta á do Duque de Bassano, datada de Dresden, 18 de Agosto.

“ Prague, 18 d’Agosto, de 1813.

“ O abaixo assignado Ministro de Estado, e dos Negocios Estrangeiros, recebeo hontem a nota official, que S. Ex.ª o Duque de Bassano lhe fez a honra de dirigir-lhe em 18 do corrente.

“ Naõ he agora, que a guerra está travada entre a Austria,

e a França, que o Gabinete Austriaco se julga em dever de replicar as gratuitas desculpas contidas na nota do Duque de Bassano. A Austria, apoiada pela opiniaõ geral, espera socegradamente pelo juizo da Europa, e pelo da posteridade.

“ S. M. julgou do seu dever lançar maõ da proposta de S. M. o Imperador dos Francezes offerecendo ainda ao Imperador uma sombra de esperanza de conseguir uma pacificaçãõ geral. Em consequencia, ordenou ao abaixo assignado, que fizesse saber aos Gabinetes Russiano, e Prussiano, o seu dezejo da abertura de um Congresso, que houvesse de se empregar durante a guerra nos meios de arranjar uma pacificaçãõ geral. S. M. o Imperador da Russia, e o Rey de Prussia, animados pelos mesmos sentimentos que os do seu augusto Alliado, authorizáram o abaixo assignado, para declarar ao Duque de Bassano, que não podendo decidir sobre um ponto, em que todos os Alliados pareciam ser igualmente interessados, as tres Cortes haõ de sem demora dar-lhes parte da proposta da França.

“ O abaixo assignado está encarregado de transmittir, com a menor demora possivel, ao Gabinete Francez, as proposicoens de todas as Cortes Alliadas em resposta á mencionada proposta.

“ E tem a honra de offerecer a S. Ex^a. o Duque de Bassano as reiteradas seguranças da sua alta consideraçãõ.

(Assignado) “ O Conde de METTERNICH.”

Participaçãõ do Barãõ de St. Aigneau.

“ No dia 26 d’Outubro, tendo sido pelos dous dias antecedentes tractado como prisioneiro de guerra em Weimar, em cuja terra estãvam os quarteis-generaes dos Imperadores da Austria, e da Russia, recebi ordens para partir no dia seguinte com uma columna de prisioneiros, que haviam de ser enviados para Bohemia. Até entãõ ainda eu não tinha visto ninguem, nem feito reclamaçãõ alguma, pensando que o titulo com que eu estava revestido era por si mesmo reclamaçãõ sufficiente, e tendo de antemaõ protestado contra o tractamento que experimentei. Nestas circumstancias, comtudo, julguei que era do

meu dever escrever ao Principe de Schwartzenberg, e ao Conde Metternich representando-lhes a incongruencia deste procedimento.

“ O Principe de Schwartzenberg immediatamente mandou ter commigo o Conde Parr, seu Ajudante de Campo, para desculpar o engano que tinha acontecido a meu respeito, e que quizesse eu ir ter com elle, ou com o Conde de Metternich. Eu sem mais demora parti para casa deste ultimo, tinha o Principe de Schwartzenberg acabado de sair de lá : o Conde Metternich recebeo-me com expressiva satisfacção. Disse poucas palavras a respeito da minha situação, da qual elle se encarregava de me alleviar, julgando-se feliz, segundo disse, em me fazer este serviço ; e, ao mesmo tempo, por poder expressar a estimação que o Imperador da Austria tinha concebido pelo Duque de Vicenza. Fallou-me então do Congresso, sem eu ter dicto coiza alguma que podesse conduzir a similhante conversação : ‘ Nos estava-mos sinceramente desejosos de paz,’ disse elle, ainda o estamos da mesma forma ; e havemos de fazella. Nada mais se requer do que entrar na questão francamente, e sem subterfugios. A coalicção ha de permanecer unida. Os meios indirectos que o Imperador Napolcaõ queria empregar para obter paz, ja não podem ter bom successo. Declarem-se as partes francamente, e a paz se fará.

“ Depois desta conversação o Conde Metternich dezejou que eu fosse para Toeplitz, aonde eu em breve teria novas suas ; e que elle esperava ver-me quando eu voltasse. Parti para Toeplitz no dia 27 d’Outubro, cheguei lá no dia 30, e no dia 2 de Novembro, recebi uma carta do Conde Metternich em consequencia da qual deixei Toeplitz no dia 3 de Novembro, e parti para o quartel-general do Imperador da Austria em Frankfort, aonde cheguei no dia 8. No mesmo dia fui ter com o Conde Metternich. Fallou-me immediatamente dos progressos das armas alliadas,— da revolução que ia a haver na Alcmanha,— da necessidade de fazer paz. Disse-me que os Alliados, muito antes da Declaração da Austria, tinham saudado o Imperador Francisco com o titulo de Imperador da Alemanha ; que elle não tinha accettato este titulo vaõ ; e que

a Alemanha já tam pouco era delle por aquella maneira, como o fôra dantes; que elle dezejava que o Imperador Napoleaõ estivesse persuadido de que a maior quietaçaõ, e o espirito de moderaçaõ presidiam nos conselhos dos Alliados; que elles naõ se haviam de desunir, por que dezejavam reter a sua actividade e a sua força; que elles tanto eram mais fortes quanto se mostravam mais moderados. Que coiza nenhuma era intentada por alguém contra a dynastia do Imperador Napoleaõ; que a Inglaterra estava muito mais moderada do que se pensava; que nunca tinha havido um momento melhor para se tractar com ella; que se o Imperador Napoleaõ realmente dezejava fazer uma paz solida, pouparia muitas desgraças á humanidade, e muitos perigos á França, em naõ demorar as negociaçoens para a paz; que elles estávam quasi chegando a concordar; que as ideas concebidas de paz, deviam dar justos limites ao poder da Inglaterra, e á França toda a *liberdade maritima* que ella tinha direito a reclamar, tambem como as outras Potencias da Europa.

“Que a Inglaterra estava prompta para restituir á Hollanda, como estado independente, o que naõ lhe restituiria como uma provincia da França; que aquillo que Mr. de Merfeldt tinha sido encarregado de dizer da parte do Imperador Napoleaõ; poderia dar logar ás palavras de que elle dezejava que eu fosse o portador, e que só me pedia que as referisse exactamente, sem alteraçãõ nenhuma, que o Imperador Napoleaõ naõ queria conceber a possibilidade de um equilibrio entre as potencias da Europa; que a balança, naõ so era possivel, mas necessaria; que em Dresden tinha sido proposto tomar por indemnizaçaõ paizes que o Imperador ja naõ possuia, taes como o Gram Ducado de Varsovia; que semelhantes compensaçoes poderiam fazer-se na occasiaõ presente.

“No dia 9, o Conde Metternich mandou-me dizer que fosse eu procurallo ás 9 horas da noite. Vinha elle justamente de ter estado com o Imperador da Austria, e entregou-me a carta de S. M. para a Imperatriz. Disse-me que o Conde Nesselrode estava a chegar, e que havia de ser de concerto com elle, que me havia de encarregar das palavras que eu havia de dizer ao

Imperador. Pedio-me que dissesse ao Duque de Vicenza, que aquelles sentimentos de estima, que o seu nobre character sempre inspirara, ainda permaneciam os mesmos.

“ Poucos momentos depois entrou o Conde Nesselrode. Disse-me umas poucas palavras, que o Conde Metternich ja me tinha dicto, sobre a missaõ que eu estava convidado para tomar sobre mim, e accrescentou que o Conde Hardenberg podia considerar-se como presente, e approvador de quanto ia a dizer-se. Entaõ Mr. de Metternich explicou-me as intençoens dos Aliados, taes quaes eu havia de referillas ao Imperador. Depois de o ter escutado respondi, que como a minha parte era ouvir, e naõ fallar, naõ tinha eu mais a fazer do que relatar as suas palavras literalmente, e que em ordem a ficar mais certo, desejava escrevellas para mim somente, e fazer-lhes ao depois ver. Propondo entaõ o Conde Nesselrode que escrevesse eu esta nota em continente, Mr. Metternich conduzio-me só a um gabinete, aonde escrevi a subsequente nota; quando acabei tornei a entrar para a saia. Mr. Metternich disse-me, ‘ aqui está Lord Aberdeen, o Embaixador Inglez; as nossas intençoens saõ as mesmas, podemos portanto continuar o nosso discurso na sua presença.’ Pedio-me entaõ que lesse o que eu tinha escripto. Quando cheguei ao artigo a respeito de Inglaterra, Lord Aberdeen parecia naõ ter entendido bem. Li segunda vez; entaõ observou que as expressoens ‘ *Liberdade de commercio, e direitos de navegaçuõ*’ eram mui vagos. Eu repliquei, que eu tinha escripto o que Mr. de Metternich me tinha encarregado de dizer. Mr. de Metternich replicou, que de facto estas expressoens poderiam confundir a questaõ, e que seria melhor substituir outras por estas. Tomou elle a penna, e escreveo, que a Inglaterra havia de fazer os maiores sacrificios pela paz fundados sobre estas bazas (as d’antes expostas.)

“ Observei-lhe eu que estas expressoens eram justamente tam vagas como as outras que tinham sido substituidas. Lord Aberdeen assentio, e disse que o mesmo seria tornar a pôr o que eu tinha escripto, que elle reiterava a segurança, de que a Inglaterra estava prompta para fazer os maiores sacrificios; que ella possuia muito, que havia de dar com maõs largas. O

resto da nota, tendo sido achado conforme ao que eu tinha ouvido, passou-se a conversa para differentes materias. Chegou o Principe de Schwartzemberg, e repettio-se-lhe tudo o que se tinha passado. O Conde de Nesselrode, que se tinha ausentado um momento durante esta conversaçãõ, voltou, e encarregou-me da parte do Imperador Alexandre, de dizer ao Duque de Vicenza, que elle nunca mudaria a opiniaõ que tinha da sua boa fé, e do seu character; e que os negocios haviam de ajustar-se bem de pressa se elle fosse encarregado de uma negociaçãõ.

“ Estava eu para partir no dia seguinte, 10 de Novembro, pela manhaã; porem o Principe Schwartzemberg mandou-me pedir que esperasse até á tarde, por naõ ter tido tempo de escrever ao Principe de Neufchatell.

“ A’ noite mandou ter commigo o Conde Vagna, um dos seus ajudantes de campo, o qual me entregou a carta, e conduzio-me aos postos avançados.

(Assignado) “ SAINT AIGNAU.”

Nota escripta de Frankfort, em 6 de Novembro, pelo Baraõ de St. Aignau.

“ O Conde Metternich disse-me que a circumstancia que me trouxe ao quartel-general do Imperador da Austria podia fazer conveniente o encarregar-me de levar a S. M. o Imperador, a resposta ás propostas, que elle mandou fazer pelo Conde Merfeldt. Em consequencia, o Conde Metternich, e o Conde Nesselrode quizéram que eu relatasse a S. M. :—

“ Que as Potencias alliadas estavam unidas por laços indissolúveis, que constituíam a sua força, e fórmam o que elles nunca haõ de perder de vista.

“ Que os mutuos ajustes que ellas tinham contrahido, tinha lhes feito tomar a resoluçãõ de naõ fazerem senaõ uma paz geral.

“ Que ao tempo do congresso de Praga, poderia pensar-se em uma paz continental, porque as circumstancias naõ teríam dado tempo a porem-se de intelligencia para tractarem de outro modo; porém, que, desde entaõ, as intençoens de todas as

potencias, e a da Inglaterra, estavam bem conhecidas; que por tanto era escusado pensar em armistício, ou em negociação, que não tivesse por seu primeiro principio uma paz geral:

“ Que os Soberanos alliados estavam unanimemente de accordo a respeito do poder, e da preponderancia que a França devia reter em sua integridade, e limitando-se ás suas barreiras naturaes, que são o Rheno, os Alpes, e os Pyrneos.

“ Que o principio da independencia da Alemanha era uma condiçãõ, *sine qua non*: que a França deve portanto renunciar, não á influencia que todo o grande estado necessariamente exerce sobre um estado de inferior poder, porém sim a toda a sorte de soberania sobre a Alemanha; que demais, isso era um principio, que S. M. mesmo tinha expressado, que era proprio que grandes estados fossem separados por outros mais fracos.

“ Que do lado do Pyrneos, a independencia de Hespanha, e a restauraçãõ da antiga dynastia, era tambem uma condiçãõ, *sine qua non*:

“ Que na Italia, a Austria deveria ter uma fronteira, a qual seria o objecto de uma negociação: que Ramonte offerencia varias linhas que podiam ser discutidas, assim como o estado da Italia, comtanto que, não obstante isto, bem como a Alemanha, houvesse de ser governada por um modo independente da França, ou de qualquer outra potencia preponderante. Que igualmente o estado de Hollanda havia de ser objecto de uma negociação, sempre procedendo no principio de que deve ser independente.

“ Que a Inglaterra estava prompta para fazer os maiores sacrificios pela paz, fundados sobre estas bazas, e para negociar a liberdade do commercio, e da navegaçãõ, que a França tinha direito a pretender.

“ Que se estes principios de uma pacificaçãõ geral fossem approvados por S. M., poderia escolher-se um sitio na margem direita do Rheno, o qual se faria neutral, para onde os plenipotenciarios de todas as potencias Belligerantes houvessem de partir immediatamente, sem que as negociaçoens suspendessem o curso dos acontecimentos militares.

(Assignado) “ ST. AIGNAU.”

“ Frankfort, 9 de Novembro, de 1813.”

Carta do Duque de Bassano, ao Conde Metternich.

“ Paris, 16 de Novembro, de 1813.

“ SENHOR,—O Barão de St. Aignau chegou aqui na Segunda feira (hontem) e disse-nos, conforme as communicações que lhe foram feitas por vossa excellencia, que a Inglaterra consentira na proposta de se abrir um congresso para uma paz geral, e que as potencias estão inclinadas a neutralizar uma terra, na margem direita do Rheno, aonde os plenipotenciarios possam ajuntar-se. S. M. deseja que esta terra seja Manheim. O Duque de Vicenza, a quem elle tem escolhido para seu plenipotenciario ha de partir para lá tam de pressa Vossa Excellencia me tiver informado do dia que os Alliados tem fixado para a abertura do congresso. Parece-nos proprio, Senhor, e demais conforme ao costume, que não houvesse tropas em Manheim, e que o serviço fosse feito pelos habitantes, e que ao mesmo tempo a policia fosse formada por um balio nomeado pelo Gran Duque de Baden, Se se julgasse proprio haver piquetes da cavallaria, a sua força então deve ser igual de ambos os lados. Em quanto ás communicações dos plenipotenciarios Inglezes com o seu governo, podiam ser feitas por meio de Calais.

“ Uma paz fundada na independencia de todas as nações, n'um ponto de vista assim continental como maritimo, tem sido o constante objecto dos desejos, e da policia do Imperador. S. M. agoura bem da relação feita por Mr. de St. Aignau, do que dissera o Ministro de Inglaterra.

“ Tenho a honra de offerecer a V. E. a certeza da minha alta consideração.

(Assinado) “ O Duque de BASSANO.”

Resposta do Principe de Metternich, ao Duque de Bassano.

“ SENHOR,—O Correio que Vossa Excellencia despachou de Paris, em 16 de Novembro, chegou aqui hontem. Appressei-me a mostrar a S. M. I., e ao Rey de Prussia, a carta que vos me fizestes a honra de me escrever.—S. M. tem visto com prazer, que a communicação confidential com Mr. de St. Aignau, fora considerada por S. M. o Imperador dos Francezes como

uma prova das pacificas intenções das potencias alliadas; animados pelo mesmo espirito, invariaveis em suas vistas, e indissolueis em sua alliança, estam promptos a entrar em uma negociação, logo que estejam certos de que S. M. o Imperador dos Francezes admitte as bazas geraes e summarias, que eu appointei na minha conversação com M^{te}. de St. Aignau.

“ Na carta de Vossa Excellencia, com tudo, não se faz menção destas bazas. V. E. limita-se a expressar um principio commum a todos os Governos da Europa, e que todos elles põem entre os seus primeiros desejos. Este principio, com tudo, considerando a sua falta de precisaõ, não pode supprir o jogar destas bazas. O desejo de S. M., he que o Imperador Napoleaõ haja de se explicar relativamente a éstas, como o unico meio de prevenir que invenciveis obstaculos hajam de empecer as negociações logo no seu principio.

“ A escolha da cidade de Manheim parece aos alliados não offerecer obstaculos: a sua neutralizaçõ, e os regulamentos de policia que Vossa Excellencia propoem não podem por maneira alguma occazonallos.

“ Aceitai, Senhor, os protestos da minha alta consideração.

(Assignado) “ Principe METTERNICH.

“ Frankfort, sobre o Maine, 26 de Novembro, de 1813.”

Carta do Duque de Vicenza ao Principe Metternich.

“ Paris, 2 de Dezembro, de 1813.

“ PRINCIPE,—Mostrei a S. M. a carta que Vossa Excellencia dirigio ao Duque de Bassano, de 25 de Novembro ultimo. A França, admittindo sem restricção a independencia de todas as nações como a baze de Paz, tanto em uma vista territorial como maritima, tem admittido como principio o que os alliados parece que desejam. Assim tem S. M. admittido todas as consequencias deste principio das quaes o resultado final deve ser uma paz, fundada sobre a balança da Europa, ou o reconhecimento da integridade de todas as nações em seus naturais limites; e sobre a absoluta independencia de todos os Estados de sorte que nenhum possa arrogar-se nenhuma custa de soberania ou supremacia sobre outro, debaixo de qualquer forma que possa ser, seja por terra ou por mar.

“ He com tudo com viva satisfacção, que eu annuncio a Vossa Excellencia, que estou authorizado pelo Imperador meu augusto amo, para declarar que S. M. *adhere ás bases geraes, e summarias* que foram communicadas por Mr. de St. Aignau ; Ellas haõ de trazer com sigo grandes sacrificios da parte da França, porém S. M. fallos-ha sem pezar, se por similhantes sacrificios a Inglaterra der os meios de alcançar uma paz gerál, honrosa para todos, o que Vossa Excellencia affirma ser o desejo, naõ so das Potencias do Continente, mas tambem da Inglaterra. Acecitai, &c. &c.

(Assignado) “ CAULINCOURT, Duque de Vicenza.”

Resposta do Principe Metternich ao Duque de Vicenza.

SENHOR!—A carta official, que Vossa Excellencia me fez a honra de me enviar em 2 de Dezembro, chegou-me á mão, de Cassel, pelos nossos postos avançados. Naõ perdi tempo em a appresentar a SS. MM. Elles observaram com prazer, que S. M. o Imperador dos Francezes tem adoptado as bases essenciaes para o restabelecimento de um estado de equilibrio, e para a futura tranquillidade da Europa.

“ Ellas tem resolvido que este papel seja, sem demora, communicado aos seus Alliados. SS. MM. naõ duvidam que as negociaçoens sejam abertas tam depressa a resposta for recebida.

“ Appressamos-nos a participar isto a Vossa Excellencia, e para entaõ concertar com vosco os arranjos, que parecerem mais bem calculados para conseguirmos o fim que temos em vista.

Rogo-vos que acceiteis, &c.

(Assignado) “ PRINCIPE METTERNICH.”

“ Frankfort, sobre o Maine, 10 de Dezembro.”

Carta do Duque de Vicenza do Conde Metternich.

“ Luneville, 6 de Janeiro, de 1814.

“ PRINCIPE.—Recebi a carta que Vossa Excellencia me fez a honra de me escrever em 10 do mez passado. O Imperador

naõ quer formar um juizo precipitado sobre os motivos que tem requerido que o seu pleno, e inteiro assenso ás bazes que Vossa Excellencia propoz, em commum com os Ministros de Inglaterra, e Russia, devessem ser communicadas aos Alliados antes da abertura do Congresso. Custa a suppor que Lord Aberdeen, pode ter tido poderes para propor bases, e'naõ para negociar : S. M. naõ quer affrontar os Alliados. Elles naõ tem sido enganados, e ainda estaõ deliberando. Elles bem sabem que toda a offerta condicional se torna um empenho absoluto para aquelle que a féz, logo que as condiçoens annexas saõ preenchidas.

“ Em todo o caso nós tinhamos razaõ para esperar, antes do dia 6 de Janeiro, a resposta, que Vossa Excellencia annunciou em 10 de Dezembro. A vossa correspondencia, e as reiteradas declaraçoens das Potencias Alliadas naõ nos deixavam prever difficuldades nenhuma, e o que conta Mr. Talleyrand, de quando voltava da Suissa, confirma que as suas intençoens ainda saõ as mesmas. Donde podem entaõ proceder as demoras? S. M. naõ tendo cousa que mais deseje, do que um prompto restabelecimento de uma paz geral, julgou que naõ podia dar prova mais forte da sinceridade dos seus sentimentos a este respeito, do que enviando para os Soberanos Alliados o seu Ministro dos Negocios Estrangeiros, provido com plenos poderes. Eu appresso-me, portanto, Principe, a informar-vos de que eu esperarei nos postos avançados do nosso exercito pelos necessarios passaportes para passar pelos Exercitos Alliados, e para ir ter com Vossa Excellencia. *Acceptai, &c. &c.*

(Assignado)

“ CAULINCOURT.”

Resposta do Principe Metternich.

“ SENHOR.—Reccebi hoje a carta que Vossa Excellencia me fez a honra de me escrever de Luneville em 6 do corrente. A demora da communicaçãõ que o Governo Francez esperava, em consequencia da minha carta official de 10 de Dezembro, resulta da maneira de proceder, que as Potencias Alliadas devem observar entre si. A conservaçãõ confidencial com o Baraõ de SS.

Aignau, tendo conduzido a aberturas officas a dia parte da França, SS. MM. Imperiaes, e Reaes tem julgado que a resposta de Vossa Excellencia de 2 de Dezembro, éra de natureza tal que requeria ser communicada aos seus Alliados. A supposiçã de Vossa Excellencia, de que fora Lord Aberdeen quem propoz a baze, e de que elle estava fornecido com poderes para aquelle proposito, he de todo sem fundamento. A Corte de Londres, acaba de enviar para o Continente o Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros. Como S. M. o Imperador de todas as Russias, esteja por pouco tempo auzente deste sitio, e Lord Castlereagh se espera a toda a hora, meu augusto Amo, e S. M. o Rey de Prussia, me encarregam de informar a Vossa Excellencia de que receberá tam cedo como for possivel, a resposta da sua proposta para se encaminhar para os quarteis generaes dos Soberanos Alliados.

“ Rogo a Vossa Excellencia, &c.

“ Principe METTERNICH.”

Hontem, 18 de Janeiro, que saõ dez dias depois da resposta do Principe Metternich, o Duque de Vicenza estava ainda nos postos avançados.

Impressa no Chaigniedu, Rua da Moeda, N.º. 11.

Noticias officiaes do Exercito.

“ Paris, 5 de Ferereiro.

“ S. M. a Imperatriz Raynha, e Regente, recebeu as seguintes noticias da situaçã dos exercitos em 3 de Fevereiro.

“ O Imperador chegou a Vitry em 26 de Janeiro.

“ O General Blucher, com o exercito da Silesia, tinha passado o Marne, e ia marchando sobre Troyes. No dia 27 o inimigo entrou em Briene, e cõtinuou a sua marcha, porem teve de perder algum tempo a reparar a ponte de Lesmont, sobre o Aube. No dia 27 mandou o Imperador atacar St. Dizier. O Duque de Belluno appresentou-se diante daquella villa. O General Duhesme rechaçou a rettaguarda do inimigo que ainda lá estava ; e tomou alguns centos de prisioneiros.

“ A's oito da manhã chegou o Imperador a St. Dizier. He difficil descrever a alegria dos habitantes a este momento. Os

excessos de toda a carta commetidos pelo inimigo, especialmente pelos Cossacos, são superiores a toda a descripção.

“ O Imperador foi no dia 28 para Montierender.

“ No dia 29, pelas oito da manhã, o General Grouchy, que commanda a cavallaria, mandou avizo de que o General Milhaud, com o 5.º corpo de cavallaria estava entre Maiers, e Brienne, em presença do exercito inimigo, commandado pelo General Blucher, o qual era avaliado em 40.000 Russianos, e Prussianos; os Russianos commandados pelo General Sacken. As quatro horas foi atacada a pequena villa de Brienne. O General Lefebre des Nouettes, commandando um divisaõ de cavallaria da guarda, e o Generaes Grouchy e Milhaud fizeram varios ataques excellentes sobre a direita da estrada, e tomáram posse do alto de Perte. O Principe de Moskwa poz-se á frente dos seis batalhoens em columna serrada e avançou contra a villa pela estrada de Mazieres. O General Chateu, Chefe do Estado-maiar do Duque de Belluno, a testa de dous batalhoens, rodeou pela direita, e entrou no Castello de Brienne pela cerca. A este momento o Imperador dirigio uma columna sobre a estrada de Bar-sur-Aube, que parecia a retirada do inimigo. O ataque foi vivo, e a resistencia obstinada.

“ O inimigo não esperava similhante ataque violento, e mal tinha tido tempo para fazer recuar os seus parques da ponte de Lesmont, aonde intentava passar o Aube para avançar. Esta contramarcha tinha-o embaraçado muito.

“ A noite não pôz termo ao combate. A divisaõ Decouz das novas guardas, e uma brigada da divisaõ de Meunier entráram em acção. A graude força do inimigo, e a excellente situação de Brienne déram-lhe muitas vantagens; porém a tomada do Castello, que elle não cuidava de guardar com força sufficiente, féz-lhas perder. Pela volta das oito da tarde, vendo que não podia manter o seu terreno, poz fogo á villa, e as chamas lavraram com rapidez, pelas casas serem todas de madeira. Aproveitando-se deste acontecimento intentou retomar o castello, que o bravo commandante de um batalhaõ do regimento 56 defendia com intrepidez. Cobrio com os seus mortos todos os approches do castello, particularmente as escadas do

lado da cerca. Esta ultima repulsa determinou a retirada do inimigo, a qual foi favorecida pelo incendio da villa.

A's onze da manhã do dia 30, o General Grouchy, e o Duque de Belluno, perseguiram-o até além da villa de Rothiere, aonde tomaram a sua posição. O dia 31 empregamollo em reparar a ponte de Lesmont sobre o Aube. Sendo a intenção do Imperador avançar para o lado de Troyes para operar sobre as columnas que dirigiam a sua marcha por Bar-sur-Aube, e pela estrada de Auxerre sobre Sens.

“ A ponte de Lesmont não podia estar prompta antes do 1º de Fevereiro pela manhã. Immediatamente uma parte das tropas foi mandada desfilar.

“ A's tres da tarde, tendo o inimigo sido reforçado pelo total do seu exercito, desfilou sobre La Rothiere, e Deinville, as quaes ainda nos possuíamos. A nossa rettaguarda mostrou uma boa presença. O General Duhesme distinguio-se na preservação da Rothiere, e o General Gerard na de Deinville, as quaes nos ainda possuíamos. O corpo Austriaco do General Guilay, que se atreveo a passar da margem esquerda para a direita, e forçar a ponte, teve varios dos seus batalhoens destruidos. O Duque de Belluno sustentou-se todo o dia no lugar da Giberie apczar da enorme desproporção do seu corpo para as forças que o atacaram. Este dia, em que a nossa rettaguarda se manteve em uma vasta planice contra todo o exercito inimigo, em força cinco vezes maior, he um dos grandes feitos do exercito Francez. No meio da obscuridade da noite, uma bateria de artilheria da guarda, seguindo o movimento de uma columna de cavallaria que ia avançando para repellir um ataque do inimigo, perdeu o caminho, e foi tomada. Quando os artilheiros perceberam a esparrella em que tinham caído, e viram que não tinham tempo para formarem a sua bateria, formaram-se em esquadraõ, atacaram o inimigo, e salvaram os cavalloes e arreios. Perderam 15 homens, mortos ou prisioneiros.

“ A's dez da noite o Principe de Neufchatel visitando os postos, achou os dous exercitos tam proximos que por varias vezes tomou os postos inimigos pelos nossos. Um dos seus Ajudantes de Campo achando-se a dez passos de uma patrulha

a cavallo inimiga, foi tomado prisioneiro. O mesmo accidente aconteceu a varios officiaes Russianos que andavam pedindo a senha, e que entraram nos nossos postos, tomando-ospelos seus.

“ Tem-se feito poucos prisioneiros de qualquer dos lados ; nos temos feito 250.

“ No dia 2 de Fevereiro ao romper do dia, a rettaguarda do exercito estava em batalha defronte de Brienne. Successivamente tomou posiçoens para completar a passagem da ponte de Lesmont, e alcançar o resto do exercito. O Duque de Raguza que estava em posiçaõ sobre a Ponte de Rosnay, foi atacado por um corpo Austriaco que tinha passado por detraz das matas. Repellio o inimigo, féz 300 prisioneiros, e arrojou-o para além do ribeiro de Voire.

“ No dia 3 entrou o Imperador em Troyes pelo meio dia.

“ Perdemos na batalha de Brienne o bravo General Baste ; o General Lefebre des Nouettes foi ferido de uma baioneta ; o General Forestier foi gravemente ferido. A nossa perda nestes dous dias pode calcular-se de 2 a 3.000 homens mortos ou feridos. A do inimigo foi pelo menos dobrada.

“ Uma divisaõ tirada dos corpos de exercito inimigos, que observam Metz, Thionville, e Luxembourg, doze batalhoens bons, marcharam sobre Vetry. O inimigo dezejava entrar naquella villa, a qual o General Montmarie, e os habitantes defenderam. Em vaõ lhe lançaram bombas para intimidar os habitantes ; foram recebidos com descargas de artilheria, e repellidos para legoa e meia de distancia. O Duque de Tarentum tinha chegado a Chalons ; e ia marchando sobre aquella divisaõ.”

“ Paris, 6 de Fevereiro.

“ Acaba de apparecer o mandato de Sua Eminencia o Cardal Maury, ordenando preces publicas pelo bom successo de S. M. o Imperador e Rey, contra a invasaõ do territorio Francez pelas Potencias Alliadas. Distingue-se pela eloquencia mascula, sendo enriquecido pelas Sagradas Escripturas, por tradiçaõ e pela historia. Peza-nos de termos de nos limitar a poucas citaçoens.

“ A aggressão, e o perigo não admittem aqui escolha de deveres. Não ha, nem pode haver entre nos senão um grito unanime de coragem, e de defença nacional ; so um sentimento, so um dezejo, o immediato e simultaneo dezejo do Soberano e do povo, repellir a invasão com toda a energia da honra Franceza. (Cárta de S. M. aos Bispos.) Sim toda a questao está acabada, a necessidade falla a todos os coraçãoes, a vista das bandeiras inimigas tremulando no nosso paiz, termina toda a diversidade de opinioens, por uma geral convocação ás armas, e ao campo da honra ; porque nos principios da religião, assim como por todas as leys das naçoens civilizadas, uma guerra defensiva, he não so legitima como um direito nacional, mas he recommendada como o mais sagrado dever que a urgencia da salvaçõ publica impoem sobre todo o povo, reanimando a sua coragem pelos mais poderosos estímulos que podem obrar sobre o coração humano ; a religião entã torna-se a guarda, e consagra a fiança da ordem social, estabelecida, e sancionada pelo Ceo quando ella professa esta tutelar doutrina em nossos templos.”

“ O povo Francez, unido com o seu Soberano, tem sido sempre, e sempre ha de ser, invencivel sobre o seu territorio. França, O França! Alevanta-te pois á voz do heroe, que te faz participante da sua gloria. Enriquece com a tua coragem o nosso zelo, as pinturas que a epocha presente está preparando para a tua historia—confronta-te continuamente com os teus memoraves triumphos—alarga com todas as tuas memorias a esfera das tuas esperanças. Devem os pais do tempo presente mostrar-se tão valentes como os seus filhos tem sido, dignos de lhes servir de modelos. Uma emulação nobre tal como esta, deve pôr de parte todo o interesse que não he a salvaçõ do Estado. O momento de acção he chegado para todo o Francez. Agora na nação so pode haver um pensamento reinante, o pensamento do seu augusto Monarcha, o sancto e saudavel pensamento de correr para a defeza das nossas provincias irritadas por soffrerem um jugo estrangeiro, e impacientes por verem o seu paiz natal livre de todas estas cafilas do Norte que devem achar nelle a sua total destruição. Para

uma grande nação, uma guerra ao longe he somente um pezo; uma guerra no coração do Imperio he a mais horrivel das calamidades. Ficar immovel á vista de uma scena semelhante seria baixeza, deitarmos-nos ao sol seria ruina, pormos-nos a dormir á borda do precipicio, seria lancar-nos dentro delle—deixar-se desanimar seria annihillação — neutralidade seria separar-nos ignominiosamente do numero dos cidadãos. Quem pode servir a sua patria com as armas na mão, e não a defende, quando ella invoca a sua ajuda, he um ingrato, e um filho desnatural.

“ O inimigo, meus caros irmaões, o inimigo está, se pode dizer, ás nossas portas; quereis vos esperar a sua chegada para lhe opordez uma tardia, e ja então mui tardia resistencia? Não. Não he nos nossos muros, he nas fronteiras do Imperio que vos deveis defender esta capital; he so lá que vos podeis salvalla, e preservalla de toda a injuria. A sorte que o Ceo reserva para os nossos temerarios aggressores esta escripta de antemaõ nos nossos annaes com characteres de sangue.

“ Depois da sempre memoravel expulsaõ dos Inglezes sacudidos do nosso paiz pelo Duque de Guise, para nunca mais tornarem, nenhum conquistador invadindo tem podido firmar pé neste Imperio. Levantai-vos então agora dos vossos tumulos valentes e illustres defensores de França! Vos, cujos amados nomes haõ de ser immortaes na nossa historia, levantai-vos dos vossos tumulos para nos animardez a todos com o mesmo espirito, e com a mesma coragem que vos fez triumphar de toda a usurpação do vosso paiz natal, e restabelecci a vossa posteridade na antiga herança da vossa gloria.”

Paris, 11 de Fevereiro.

S. M. a Imperatriz Raynha, Regente, recebeu hoje a seguinte noticia do exercito:—

O Imperador atacou hontem em Champaubert o inimigo, que consistia em 12 regimentos, e tinha 40 peças d'artilheria; o General-em-chefe Ausouwieff foi tomado prisioneiro, com todos os seus generaes, todos os seus coro-

neis, officiaes, caixoeis, e bagagem. Somamos 6.000 prisioneiros : o resto foi lançado a um pantano, ou morto no campo de batalha. O Imperador perseguia vivamente o General Sacken, que está separado do General Blucher.

A nossa pêrda foi extremamente ligeira ; não temos a lamentar 200 homens.

S. M. El Rey Jozé, passando hoje revista aos granadeiros das guardas nacionaes de Paris, foi servido communicar-lhes as sobredictas novidades.

Paris, 12 de Fevereiro.

M. Afred de Montesquieu, Ajudante de campo do Principe de Neufchatel, despachado por S. M. o Imperador, trouxe a S. M. a Imperatriz as seguintes noticias :—

Aos 11 de Fevereiro, ao romper do dia, o Imperador tendo sahido de Champaubert, adiantou um corpo para conservar em respeito as columnas do inimigo, que se lançaram para esta parte. Com o restos do seu exercito o Imperador tomou a estrada de Montmirail. Uma legua adiante se encontrou com o corpo do General Blucher, e depois de uma acção de duas horas todo o exercito do inimigo foi derrotado. As nossas tropas nunca mostraram maior ardor.

O exercito do inimigo derrotado em toda a parte está completamente destruido : infantaria, artilheria, munições tudo está em nosso poder, ou derrotado. O resultado será immenso.

O exercito Russiano está destruido. O Imperador esta em perfeita saude, e não perdemos pessoa alguma de gradação.

Paris, 13 de Fevereiro.

Aos 12 de Fevereiro S. M. continuou a seguir as suas vantagens. Blucher esforçou-se por tornar a ganhar Cha-

teau Thierry. As suas tropas fôram repulsadas de posição, em posição. Um corpo inteiro, que tinha ficado unido, e que protegeo a sua retirada foi inteiramente cortado. A sua retaguarda era composta de 4 batalhoens Russianos, tres Prussianos, e tres peças d'artillheria.

O general, que commandava, tambem foi tomado. As nossas tropas entráram em Chateau Thierry de roldaõ com as do inimigo, e estaõ perseguindo pela estrada de Soissons os residuos do seu exercito, que se acham em horrosa confusaõ. O resultado deste dia, 12, saõ 30 peças d'artillheria, inumeravel quantidade de carros de bagagem. O numero dos prisioneiros éra ja de 3.000; a cada instante chegam mais. Temos ainda duas horas de dia. Entre os prisioneiros se acham cinco ou seis generaes, que se mandáram para Paris. Crê-se que o General em chefe, Sacken, foi morto.

Paris, 12 de Fevereiro.

S. M. El Rey Jozé passou hontem revista, no pateo das Thuilherias ás companhias de granadeiros das guardas nacionaes de Paris. Os officiaes e subalternos das companhias de fuzileiros estiverám presentes. A bella apparencia destas tropas, o excellente espirito por que saõ animadas deve inspirar os cidadãos de Paris com a maior confiança; excitou uma viva emoçaõ a apparencia de S. M. El Rey de Roma, no uniforme das guardas nacionaes.

Durante a revista chegou um correio com officios, os quaes S. M. El Rey Jozé leo em voz alta. Elles continham em substancia, que S. M. o Imperador atacara, aos 10, juncto a Sezanne, um corpo Russiano de 12 regimentos, que fôram completamente anihilados. Seis mil homens ficáram prisioneiros, e o resto foi lançado aos pantanos. Tomáram-se ao inimigo 42 peças de artillheria. O General Romanseff, os coroneis, todos os officiaes fôram

mortos ou tomados prisioneiros. O material deste corpo foi inteiramente destruido. Nos não perdemos mais de 200 homens.

Accrescenta-se que os corpos do General Blucher e Sacken estão em situação mui critica. O Imperador vai em seu seguimento. Estes officios são datados de Champ-anbert.

Estas felizes noticias, que fôram recebidas com repetidos gritos de “viva o Imperador, viva a Imperatriz, viva El Rey de Roma;” circuláram rapidamente por toda a capital, causando alegria universal.

A noticia foi outra vez annunciada, hontem pelas 6 horas da tarde, com uma descarga d’artilheria.

Acaba agora de assestar-se a artilheria nas barreiras de Paris, na parte do Nordeste da cidade; as baterias são servidas por alumnos da eschola Polytechnica. As guardas nacionaes de Paris, e as companhias do departamento do Senna fazem o serviço junctamente com as tropas de linha.

Tem-se posto cavalinhos de friza ao travez das avenidas ou estradas, que terminam as entradas da capital. Os muros exteriores são constantemente mui frequentados pelos habitantes de Paris. Continúam a chegar tropas veteranas a ésta cidade; e todos os dias partem algumas a unir-se ao exercito. Hoje sahãram 3 para 4 mil.

Paris, 13 de Fevereiro.

S. M. El Rey Jozé passou revista hontem a 20.000 homens de linha, quando recebeo as gloriosas noticias dos continuados bons successos do Imperador. Ao meio dia o estado-maior dos differentes corpos se ajunctou em um circulo em torno de S. M. elle lhes leo os officios que tinha acabado de receber. Estas novidades excitáram um gráo de alegria que sería difficil exprimir.

Os sentimentos dos valorosos soldados muitos dos quaes

estão adornados com a insignia do valor e da honra, se mostráram, gritando “Viva o Imperador.” Podia-se ler em suas caras a nobre emulação que os anima, e o seu desejo de participar em breve das fadigas, dos perigos, e da gloria dos guerreiros encarregados da defesa do seu paiz.—As novidades corrêram de fileira em fileira; e a alegria se elevou a enthusiasmo.

Um quarto de hora ao depois, as descargas de artilheria annunciáram á capital este novo bom successo de nossas armas. Impressos, que continham as felizes novas, fôram affixados, e pelo tumulto dos que os liam se podia julgar da alegria, que exprimíam, da afeição dos Parisianos ao seu paiz e ao Governo.

As brilhantes vantagens ganhadas por nossos exercitos excitam a coragem de todos os Francezes, e lhes devem provar, que uma nação he invencivel, quando esta unida a seu governo, e defende o seu territorio e a sua honra.

Estes gritos de victoria resoaraõ em todas as partes do Imperio, e daraõ nova energia ao enthusiasmo nacional, cujos felizes effeitos nos agora percebemos.

Dános extrema satisfacção poder dar aos habitantes da capital o honrado testemunho, que elles tem desenvolvido nas presentes circumstancias, o mais nobre o mais verdadeiro character Francez. Nenhum sacrificio lhes parece difficil, quer tenham de soccorrer os doentes e feridos, quer tenham de vigiar na conservacção da tranquillidade publica. A organizaçã da guarda nacional foi executada com a mais admiravel promptidaõ; e nesta capital continua a mais bella ordem.

Este bom exemplo he seguido em todos os departamentos. Jamais as levas ou cobrança das contribuiçoes se completáram com mais facilidade e promptidaõ. Todos estão convencidos de que devem apoiar as vistas do governo. Temos de salvar as nossas familias, as nossas propriedades; manter os nossos direitos, libertar o nosso

territorio. ; Que Francez seria surdo á voz de seu Soberano ; e não quereria participar da gloria de nossos valerosos soldados, e contribuir para salvar a patria ?

S. M: a Imperatriz Raynha Regente recebeu as seguintes noticias do exercito, até 15 de Fevereiro, pela manhã :—

Aos 13, pelas 3 horas da tarde, se concertou a ponte de Chateau Thierry . O Duque de Treviso passou o Marne e foi em seguimento do inimigo, que parecia retirar-se em grande desordem para Soissons, e Rheims.

O General Blucher, commandante-em-chefe dos exercito de Silezia, ficou constantemente em Vertus, durante os tres dias em que o seu exercito foi annihilado.

Elle ajunctou 1.200 homens dos restos do corpo do General Assuffew deirotado em Champaubert, com os quaes se unio a uma divisaõ Russiana do corpo de Langeron, chegada de Mayence, e commandada pelo Tenente-general Onrosoff. Elle estava demasiado fraco para emprehender cousa alguma ; mas aos 13 se lhe unio um corpo Russiano do General Kleist, composto de 4 brigadas. Elle entaõ se poz á frente destes 20.000 homens, e marchou contra o Duque de Ragusa, que ainda occupava Etoges. Na noite de 13, para 14, julgando o Duque de Ragusa que as suas forças não eram sufficientes para contender contra o inimigo, começou a sua retirada e se inclinou para Montmirail, aonde se achou na manhã do dia 14.

O Imperador partio no mesmo dia de Chateau Thierry ás quatro horas da manhã, e chegou Montmirail ás oito horas. Elle mandou immediatamente atacar o inimigo, que tinha acabado de postar as suas tropas na aldea de Vauchamp. O Duque de Ragusa atacou ésta aldea. O General Grouchy, á frente da cavallaria flanqueou a direita do inimigo pelas aldeas e matos, e avançou uma legua, para alem da posiçaõ do inimigo. Em quanto a

aldea de Vauchamp era vigorosamente atacada e defendida, da mesma forma, tomada e retomada varias vezes, o General Grouchy chegou á retaguarda do inimigo, rodeou-o, passou-lhe tres quadrados á espada, e expulsou o resto para os matos. No mesmo instante mandou o Imperador carregar pela nossa direita com 4 esquadroens de serviço, commandados por M. de Biffe, chefe de esquadraõ das guardas. Este ataque foi igualmente brilhante e bem succedido. Um quadrado de 2.000 homens foi cortado e aprisionado. Entaõ toda a cavallaria das guardas chegou a trote largo, e o inimigo foi perseguido com a espada nas costas.

A's 2 horas estavamos na aldea de Tromentiers; o inimigo perdeu 6.000 homens em prisioneiros, dez bandeiras, e tres peças d'artilheria.

O Imperador ordenou ao General Grouchy que avançasse para Champaubert, uma legua na retaguarda do inimigo. De facto, o inimigo, continuando a sua retirada, chegou a este ponto ao anoitecer. Elle foi rodeado por todos os lados, e teria sido tomado se o máo estado dos caminhos não impedisse que 12 peças d'artilheria ligeira seguissem a cavallaria do General Grouchy. Contudo, ainda que a noite estava muito escura, se romperam tres quadrados de sua infantaria, matando-se ou aprisionando-se uns, e fugindo outros que fõram perseguidos até Etoges; a cavallaria tomou tambem tres peças d'artilheria. A retaguarda éra composta da divisaõ Russiana; foi atacada pelo 1.º regimento de marinha do Duque de Ragusa com a bayoneta calada, e tomaram-se lhe 1.000 prisioneiros, entre os quaes se acha o General Au-souffieff, que os commandava, e todos os coroneis. O resultado deste brilhante dia foi, 10.000 prisioneiros, 10 peças d'artilheria, dez bandeiras, e muitos mortos.

A nossa perda não excede 300 ou 400 homens, em mortos ou feridos, o que he devido a promptidaõ com que as

tropas avançaram contra o inimigo, e á superioridade da nossa cavallaria, o que fez com que elle, logo que o percebeo, retirasse a sua artilheria ; demaneira que elle marchou constantemente debaixo do fogo de metralha de 60 peças d'artilheria, ao mesmo tempo que, das 60 que elle tinha, não nos podia oppor senão duas ou tres.

O Principe de Neufehatel, o Gram Marechal do Palacio o Conde Bertrand, o Duque de Dantzic, e o Principe de Moskwa, estiveram constantemente á frente das tropas. O General Grouchy louva altamente as divisoens de cavallaria St. Germain e Doumere. A cavallaria das guardas cubrio-se de gloria. O General Lyon das guardas, foi levemente ferido. O Duque de Ragusa menciona particularmente o primeiro regimento de marinha. O resto da infantaria, tanto das guardas como de linha, não deo fogo a um só tiro.

Assim o exercito de Silezia, composto dos corpos Russianos de Sachen e Langeron, e dos Prussianos de Kleist e York, em força de 80.000 homens, foi derrotado em quatro dias, disperso, annihilado, sem uma acção geral, e sem perda proporcional a tão grande resultado.

Paris, 15 de Fevereiro.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente, recebeu as seguintes noticias da situaçãõ dos exercitos aos 7 de Fevereiro :—

Aos 3, duas horas depois de sua chegada a Troyes, o Imperador expedio o Duque de Treviso para Maisons-Blanches. Uma divisaõ Austriaca, cominandada pelo Principe Mauricio de Lichtenstein, avançou para este ponto, que distava duas leguas da cidade. Foi vigorosamente repulsado, e expellido para a distancia de duas leguas.

Aos 4, pela noite, o quartel-general do Imperador da Russia estava em Lusigny, juncto a Vandecouvre, a duas

leguas de distancia de Troyes, aonde estava a guarda Russiana. O inimigo intentou entrar em Troyes naquella noite. Elle marchou para a ponte de Guilleture, aonde achou uma ardente recepção. O seu primeiro ataque foi repulsado. Alguns da cavallaria que ficáram prisioneiros disséram que o Imperador estava em Troyes. Elle então julgou necessario adoptar outras medidas. Ao mesmo tempo o Duque de Treviso mandou fazer um ataque na ponte de Clevy, que estava occupada pela divisaõ do General Bianchi.

O inimigo foi repulsado. O General de Divisaõ Briche fez um ataque em que tomou 160 homens, e matou 100.

Aos 5, o Imperador se estava preparando para passar a ponte de La Guillotiere, e atacar o inimigo, quando S. M. soube, que elle tocava a retirada, e tinha retrogradado uma marcha, para Vandocouvre.

Aos 6, fizéram-se arranjamientos para ameaçar Bar-sur-Seine. Houvéram alguns ataques na estrada. Tomamos ao inimigo 30 homens, uma peça d'artilheria, e um caixaõ. Durante este tempo se pôz o exercito em marcha para Nogent, a fim de se encontrar com as columnas do inimigo que tinham occupado Chalons e Vitry, e que ameaçávam Paris pela parte de Tertesous, Jouar, e Meaux.

Aos 7, pela manhã, o Duque de Tarentum tinha o seu quartel-general juncto a Chaville, entre Epernay e Chalons. As divisoens das guardas nacionaes d'*elite*, de Montereau, Normandia, e Picardia, se puzéram em movimento, debaixo do commando do General Pagol.

A divisaõ do exercito de Hespanha, sob o General Laval, chegou a Provins: as outras seguem a marcha. Ellas são compostas dos soldados, que fizéram as campanhas em Austria e Polonia. Fôram substituidas em Hespanha por cinco divisoens de reserva.

Hoje, 7, pelo meio dia, chegou o Imperador a Nogent. Tudo está em movimento, e em manobras. Os habitantes

estão exasperados ao ultimo ponto. O inimigo commette em toda a parte os mais horrorosos excessos. Tem-se tomado medidas para o cercar por todos os lados, logo que elle retrogradar um só passo. Milhoens de braços espéram somente o momento favoravel de se levantar. O sagrado territorio, que o inimigo tem violado, se tornará em terra de fogo, que o devorará.

S. M. a Imperatriz, Raynha Regente, recebeu as seguintes noticias do exercito até 12 de Fevereiro :—

Aos 10, o Imperador tinha o seu quartel-general em Sezanne. O Duque de Tarentum estava em Meaux, tendo mandado cortar as pontes de La Forte e Treport. O General Sachen, e o General York, estavam em La Ferte ; o General Blucher, em Vertus, e o General Alsuffiew, em Champaubert. O exercito de Silezia estava somente tres marchas distante de Paris. Este exercito, commandado em chefe pelo General Blucher, éra composto dos corpos de Sachen, e Langeron, formando 60 regimentos de infantaria Prussiana, e da flor do exercito Prussiano.

Aos 10, ao romper do dia, o Imperador avançou para as alturas de S. Prix, para cortar o exercito do General Blucher em duas partes. A's 10, o Duque de Ragusa passou os pantanos de S. Gond, e atacou a aldea de Baye. O 9º corpo Russiano, sob o General Alsuffiew, de 12 regimentos, desdobrou, e apresentou uma bateria de 24 peças d'artilheria. As divisoes de Grange e Recart, com a cavallaria do 1º corpo, flanqueáram os postos do inimigo pela direita. Pela uma hora estavamos senhores da aldea de Baye.

A's 12, a guarda Imperial desdobron na bella planicie entre Baye, e Champaubert. O inimigo começou a sua retirada,—o Imperador ordenou ao General Girardin, que, com dous esquadroens das guardas de serviço se puzesse á frente do corpo de cavallaria, e flanqueasse o ini-

migo, a fim de lhe cortar a estrada de Chalons. O inimigo, que percebeo este movimento, cahio em desordem. O Duque de Ragusa mandou tomar a aldea de Champaubert, e no mesmo instante os couraceiros atacaram na direita, e apertáram os Russianos contra um mato e lago, que ha entre a estrada de Épernay, e a de Chalons. O inimigo tinha pouca cavallaria, e vendo-se sem retirada, confundiram se as suas massas, artilheria, cavallaria, infantaria, tudo fugio de roldaõ, para o mato; 2.200 homens se afogáram no lago, 30 peças d'artilheria, e 200 carruagens foram tomadas. O general em chefe, os generaes, os coroneis, mais de 100 officiaes, e 4.000 soldados ficaram prisioneiros. Este corpo de duas divisoes, e 12 regimentos, devia ter consistido em 18.000 homens; porém as molestias, marchas dilatadas, e batalhas o tinham reduzido a 8.000, dos quaes apenas escapáram 1.500, por meio dos bosques, e escuridade. O General Blucher ficou no seu quartel-general, em Vertus, d'onde foi testemunha dos desastres desta parte de seu exercito, sem que lhe pudesse dar remedio. Nenhum homem das guardas entrou em acção, excepto dous dos quatro esquadroens de serviço, que se portáram valorosamente. Os couraceiros do primeiro corpo de cavallaria mostráram a maior intrepidez.

As 8 horas o General Nansouty, tendo desembocado pela calçada, avançou para Montmirail com a divisãõ da cavallaria das guardas dos Generaes Colbert e la Ferriere, tomou a cidade e 600 Cossacos que ali se achavam.

Aos 11, ás 5 horas da manhaã, uma divisãõ de cavallaria do General Guyot avançou tambem para Montmirail. Varias divisoes de infantaria fõram demoradas, por serem obrigadas e esperar pela sua artilheria. As estradas de Sezanne para Champaubert saõ aboninaveis.

A nossa artilheria naõ as pôderia passar, se naõ fosse a diligencia dos artilheiros, e o auxilio que lhe prestaram os habitantes, os quaes trouxéram os seus cavallos.

A acção em Champaubert, aonde uma parte do exercito Russiano foi destruido, não nos custou mais de 200 homens, em mortos, e feridos. O general de divisaõ Lagrange, he destes ultimos, tendo uma leve ferida na cabeça.

O Imperador chegou aos 11, ás 10 pela manhã meia legua na avançada de Montmirail. O General Nansouty estava na sua posição com a cavallaria das guardas, e conservava em respeito o exercito de Sacken, que começou a mostrar-se.

Informado dos desastres de uma parte do exercito Russiano, este general sahio de Ferté-sur-Jouarre, aos 10, pelas 9 horas da noite, e marchou toda a noite. O General York sahio tambem de Chateau Thierry. As 11 horas da manhã do dia 11, começou a formar-se, e tudo pressagiava a batalha de Montmirail, cujo exito era de tanta importancia.

O Duque de Ragusa, com o seu corpo, e o 1.º corpo de cavallaria, postou o seu Quartel-general em Etoges, na estrada de Chalons.

A divisaõ Ricart, e as guardas antigas chegaram ás 10 da manhã. O Imperador ordenou ao Principe de Moskwa, que alinhasse com tropas a aldea de Marchais, por onde o inimigo parecia ter intenção de desembocar. Esta aldea foi defendida pela valente divisaõ do General Ricart, com rara firmeza; foi tomada e retomada varias vezes, no decurso do dia. Ao meio dia, o Imperador ordenou ao General Nansouty, que avançasse para a direita, cortando a estrada de Chateau Thierry, e formou os 16 batalhoens das guardas antigas, debaixo do commando do General Friant, em uma só columna, ao longo da estrada, estando as columnas de batalhaõ a mil passos umas das outras.

Durante este tempo chegaram successivamente as nossas baterias de artilheria. As 3 horas o duque de Treviso, com 16 batalhoens da 2.ª divisaõ das guardas antigas, que tinha deixado em Sezanne na manhã, desembocou em Montmirail.

O Imperador não desejava esperar que chegassem as outras divisões; porém aproximou-se a noite. Elle ordenou ao General Friant, que marchasse, com 4 batalhões das guardas antigas, dous do segundo regimento da gens-d'armes, e dous do 2.º regimento de caçadores, para Epine aux-Bois, que é a chave da posição, e que os tomasse. O Duque de Treviso, com 6 batalhões, da 2.ª divisão das guardas antigas, avançou para a direita do ataque do General Friant.

O successo do dia dependia da posição da granja da Epine-aux-Bois. O inimigo conhecia isto, e assestou ali quarenta peças d'artilheria; e alinhou pelos cercados uma triple fileira de atiradores, e formou por detras as massas de infantaria.

No entanto, para fazer este ataque mais facil, o Imperador ordenou ao General Nansouty, que estendesse a sua linha para a direita, o que fez que o inimigo temesse o ser cortado, e obrigado a descobrir parte de seu centro, para cubrir a sua direita. Ao mesmo tempo ordenou ao General Ricard, que cedesse parte da aldeia de Marchais, o que tambem induzio o inimigo a descobrir o seu centro para reforçar este ataque, de cujo successo elle suppunha que dependia o ganhar a batalha.

Logo que o General Friant começou o seu movimento, e que o inimigo enfranquece o seu centro, pôra se aproveitar de um apparente successo, que elle suppoz ser real, o General Friant atacou a granja de Haute Epine, com 4 batalhões das guardas antigas. Elles vieram ter com o inimigo correndo, e produziram nelle o effeito da cabeça de Medusa. O Principe de Moskwa, foi o primeiro que marchou, e lhes mostrou o caminho da honra. Os atiradores retiráram-se assustados, para as massas de infantaria, que fôram atacadas. A artilheria não pôde jogar mais; o fogo das armas curtas fez-se horroroso, e o successo estava duvidoso; porém a este momento o General Guyot, á

frente do 1.^o regimento de lanceiros dos dragoens antigos, e granadeiros antigos das guardas Imperaes, que enchiam todo o caminho da direita a trote largo, e gritando, “Viva o Imperador,” passaram para a direita de Haute Epine-Cafram sobre a retaguarda das massas de infantaria, romperam-as, puzéram-as em desordem, e matáram todos os que não fôram tomados prisioneiros. O Duque de Treviso, com 6 batalhoens da divisaõ do General Michel, os auxiliou. O ataque das guardas antigas chegou até o mato; ellas tomáram a aldea de Fontinelle, e um parque inteiro de artilheria.

A divisaõ das guardas de honra desfilon depois das guardas antigas na estrada real, e tendo chegado á altura de Epine-aux-Bois, voltou para a esquerda para tomar os que tinham avançado contra a aldea de Marchais. O General Bertrand, Gram Marechal do Palacio, e o Duque de Dantzic, á frente de dous batalhoens das guardas antigas, marchou contra a aldea, e a metteo entre dous fogos. Tudo quanto ali estava foi morto, ou aprisionado.

Em menos de um quarto d’hora, um profundo silencio se seguiu ao estrondo da artilheria, e terrivel fogo de mosqueteria. O inimigo entaõ não buscou a sua segurança senaõ na fugida. Generaes, officiaes, soldados, infantaria, cavallaria, artilheria, tudo fugio em mixtura.

A’s 8 horas da noite, estando a noite escura, foi necessario tomar uma posiçaõ. O Imperador estabeleceo o seu quartel-general na granja de Epine-aux-Bois.

O General Mitchel das guardas foi ferido de uma bala no braço. A nossa perca chega a mais de 1.000 homens mortos e feridos ou prisioneiros. Tomamos muitas peças e 6 bandeiras. Este dia memoravel, que confunde o orgulho do inimigo, tem annihilado a parte mais escolhida do exercito Russiano. Não entrou em combate uma quarta parte do nosso exercito.

No dia seguinte, 12, ás 9 horas de manhaã, o Duque de

Treviso seguiu o inimigo pela estrada de Chateau Thierry O Imperador, com duas divisoes da cavallaria das guardas, e alguns batalhoens, fôram para Vieuxmaisons, e dali tomáram a estrada que vai para Chateau Thierry. O inimigo cubrio a sua retirada com 8 batalhoens, que chegãram mui tarde na noite precedente, e não tinham entrado em acção. Chegando á pequena aldea de Cacquet, pareceo determinado a defender a posição, que fica por detraz do rio, e cubrir a estrada de Chateau Thierry. Uma companhia das guardas antigas, marchou para La Petite Nouse, derrotou os atiradores do inimigo, que fôram perseguidos até a sua ultima posição. Seis batalhoens das guardas antigas, em propria distancia para desdobrar, occupãram a planice de ambos os lados da estrada. O General Nansouty com as divisoes de cavallaria dos generaes Lefebre, e Defranc, teve ordem de fazer um movimento para a direita, e marchar entre Chateau Thierry, e a retaguarda do inimigo. Este movimento foi executado com igual habilidade e intrepidez. A cavallaria inimiga marchou de todos os pontos para a esquerda, a fim de se oppor á cavallaria Franceza; foi derrotada, e obrigada a deixar o campo de batalha. O valoroso General Letort, com os dragoens da 25 divisão das guardas, depois de ter repulsado a cavallaria do inimigo se moveo para os flancos e retaguarda das oito massas de infantaria, que formaram a retaguarda do inimigo. Esta divisão ardendo em desejos de igualar o que a cavallaria ligeira os dragoens, e os granadeiros montados do General Guyot tinham feito na noite precedente: cercãram de todos os lados estas massas, e fizêram nellas horrivel carnagem. As tres peças d'artilheria, o General Russiano Theuderich, que commandava ésta retaguarda fôram tomados; tudo o que compunha estes batalhoens foi morto ou aprisionado. O numero de prisioneiros, que se tomãram nesta brilhante acção, chega a mais de 2.000. O Coronel Curely, do 10

de hussares se distinguio. Chegamos então ás alturas de Chateau Thierry d'onde vimos o resto daquelle exercito, fugindo na maior desordem, e ganhando as pontes a toda a pressa. As estradas grandes tinham-lhe sido cortadas, elles procuráram a sua salvação na margem direita do *Marne*. O Principe Guilherme de Prussia, que ficou em Chateau Thierry, com uma reserva de 2.000 homens, avançou para a frente dos suburbios, a fim de proteger a fugida destas desordenadas massas. Dous batalhoens das guardas ohegaram a este tempo correndo. A vista delles se limpam os suburbios, e margem esquerda do rio. O inimigo queimou as pontes, e descubrio na margem direita uma bateria da 14 peças d'artilheria; 500 homens da reserva do Principe Guilherme fôram aprisionados.

Aos 22 pela noite, o Imperador tinha o seu quartel-general no pequeno castello de Nesde.

Aos 15 desde o romper do dia nos occupamos em concertar as pontes de Chateau Thierry. Naõ podendo o inimigo retirar-se, nem pela estrada de Epernay, de que tinha sido cortado; nem pela que passa por Soissons, tomou os atalhos na direcção de Rheims. Os habitantes asseguram, que de todo este exercito naõ passáram por Chateau Thierry, mais de 10.000 homens e esses em grande desordem. Poucos dias antes o tinham visto em estado florente, e cheios de arrogancia.

O General York disse, que 10 obuzes seríam bastantes para o fazer senhor de Paris. Quando vinham, estas tropas naõ falláram senaõ de Paris, quando voltáram, naõ invocavaõ senaõ paz. Naõ se pode formar uma idea dos excessos que os cossacos commettem; naõ ha vexames, crueldades, maldiçoens, que estas hordes de barbaros naõ tenham commettido. Os paizanos os perseguem, e os traçam nos matos como quem caça animaes ferozes; apanham-os, e trazem-os aonde quer que ha tropas Francezas. Hontem conduzíram mais de 300 delles para

Vieux Maisons. Todos os que se occultáram nos matos para escapar aos conquistadores, cahem nas suas mãos, e a cada instante se augmenta o numero de prisioneiros.

Paris, 18 de Fevereiro.

S. M. a Imperatriz Ravnha Regente recebeu as seguintes noticias do exercito até 17 pela manhã :—

O Imperador sahindo de Nogent aos 9, para manobrar contra o corpo do inimigo, que vinha avançando por Ferte e Meaux para Paris, deixou o corpo do Duque de Belluno, e do General Gerrard, diante de Nogent. o 7º. corpo do Duque de Reggio, em Provins, encarregado da defesa das pontes de Bray e Montereau; e o General Pagol, juncto a Montereau e Melun.

O Duque de Belluno tendo recebido noticias de que varias divisoes do exercito Austriaco marchavam de Troyes no dia 10, avançando para Nogent, fez passar o seu corpo de exercito para o outro lado de Senna, deixando o General Bourmont com 1.200 homens em Nogent, para defesa da cidade.

O inimigo apresentou-se aos 11 para entrar em Nogent. Renovou o seus ataques todo o dia, e sempre em vão; foi vivamente repulsado com perda de 1.500 homens mortos e feridos. O General Bourmont tinha entupido as ruas, aberto seteiras nas casas, e tomado todas as medidas para uma vigorosa defesa. Este general, que he um official de distincção, foi ferido no joelho: substituiu-o o coronel Raviere.

O inimigo renovou os seus ataques aos 12, porém sem effeito. As nossas tropas novas cubriram-se de gloria. Estes dous dias tem custado ao inimigo mais de 2.000 homens.

O Duque de Belluno, tendo sabido que o inimigo passara em Bray, julgou conveniente mandar destruir a ponte de Nogent; e marchou para Nangis. O Duque de

Reggio fez voar as pontes de Montereau e Melun, e se retirou para o rio Yeres.

Aos 16, o Imperador chegou ao Yeres, e mudou o seu quartel-general para Guignas.

Na noite da batalha de Vauchamp (aos 14) o Duque de Ragusa mandou atacar o inimigo ás 8 horas em Etoges, tomou-lhe 9 peças d'artilheria, e acabou a destruição desta divisaõ Russiana, Contáram-se no campo de batalha, somente neste ponto, 1.300 mortos. A vantagem obtida na batalha de Vauchamp foi mais consideravel do que se annunciou.

A exasperaçã dos habitantes do paiz está chegada ao seu ultimo grão. As atrocidades commettidas pelos Cosacos passam alem de tudo quanto se pôde imaginar. Na sua feroz ebriedade, tem levado os seus attentados a mulheres de 60 annos, e a meninas de 12 : tem roubado e destruido as habitaçoens. Os paizanos respiram somente vingança, e conduzidos por militares velhos reformados, armados de espingardas do inimigo que ajunctam no campo de batalha, batem os matos, e lançam mão de tudo quanto encontram ; calculam os que ja tem tomado a mais de 2.000 ; tem morto muitos centos delles. Os Russianos atemorizados rendem-se ás nossas columnas, para achar nelas um azylo. As mesmas causas produzirão os mesmos effeitos em todo o Imperio : e estes exercitos que entráram, como elles dizãam, no nosso territorio, para trazer a paz, felicidade, sciencias, e artes, acharão aqui a sua annihilação.

Paris, 20 de Fevereiro.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente recebeu as seguintes noticias da situação dos exercitos, até os 19 de Fevereiro :—

O Duque de Ragusa ãa marchando para Chalons, quando soube que uma columna da guarda Imperial Russiana com-

posta de duas divisões de granadeiros ia marchando para Montmirail; elle voltou de roda, marchou contra o inimigo, tomou-lhe 300 homens; repulsou-o para Sezanne, d'onde os movimentos do Imperador forçaram este corpo a ir a marhas forçadas para Troyes.

O Conde Grouchy, com a divisaõ de infantaria do General Leval, e tres divisões do 1.º corpo de cavallaria passaram para La Fette-sous Jouarre.

Os postos avançados do Duque de Treviso entraram em Soissons. Aos 17, ao romper do dia, o Imperador marchou de Guignes para Nangis. A batalha de Nangis foi uma das mais brilliantes. O General em Chefe Russiano, Wittgenstein estava em Nangis com tres divisões, que formavam o seu corpo d'exercito. O General Pahlen, commandante da 3.ª e 14.ª divisões Russiãas, e muita cavallaria, estavam em Mormant.

O general de divisaõ Girard, official das melhores promessas, desembocou na aldea de Mormant, contra o inimigo. Um batalhaõ do regimento 32 de infantaria sempre digno de sua antiga reputaçã, que o fez distinguir ha 20 annos, pelo Imperador, nas batalhas de Castiglione entrou na aldea a passo dobre.

O Conde Valmy, á frente dos dragões do General Trielhard, vindo de Hespanha, e que acabava de chegar ao exercito, flanqueou a aldea pela esquerda. O Conde Milhaud, com o 5.º corpo de cavallaria, flanqueou pela direita. O Conde Drouet avançou com numerosas baterias. Em um momento tudo ficou decidido.

Os quadrados, formados pela infantaria Russiana foram rompidos—tudo foi tomado, generaes, officiaes, e 6.000 prisioneiros, 10.000 espingardas, 16 peças d'artilheria, e 40 caixoes cahiram em nosso poder. O General Wittgenstein escapou: salvou-se muito á pressa, na direcção de Nogent. Elle tinha annuciado ao Sieur Billy, em casa de quem estava alojado em Provins, que estaria em

Paris aos 18. Quando veio na volta não se demorou senão um quarto d' hora, e teve a franqueza de dizer ao seu hospede; “fui mui bem batido, duas de minhas divisões fôrão tomadas, e dentro em duas horas vereis os Francezes.”—

O Conde Valmy, com o Duque de Reggio marcharam para Provins; o Duque de Tarentum para Donnemarie. O Duque de Belluno marchou para Ville-neuve-le-Comte. O general Wrede, com as suas duas divisões Bavaras, estava postado ali, o general Girard atacou-o, derrotou-o. Os 8, ou 10 mil homens, que compunham o corpo Bavaro, se perderiam aqui, se o general Sherrber, que commandava uma divisão de dragoens carregasse como devia ter feito; mas este general, que em tantas occasiões se tem distinguido, deixou perder ésta que se lhe offerceo; o Imperador fez-lhe communicar a sua desapprovaçãõ. Não se ordenou um conselho de Inquiriçãõ a seu respeito como em Hoff na Prussia, e em Znaim na Moravia, aonde elle commandava o 10^m. regimento de couraceiros; elle merecerá elogios, e emendará a sua culpa.

S. M. exprimio a sua satisfacçãõ ao Conde Valmy, ao General Trielhard, e á sua divisãõ; ao General Girard, e ao seu corpo d'exercito. O Imperador passou a noite de 17 para 18 no castello de Nangis. Aos 18 ao romper do dia, o General Chateau marchou para Montereau. O Duque de Belluno deveria ter chegado ali na noite de 17. Elle fez halto em Salins; foi isto grande erro. A occupaçãõ das pontes de Montereau teria ganhado um dia ao Imperador, e o teria posto em estado de se poder aproveitar de um flagrante erro do exercito Austriaco.

O General Chateau chegou ao pé de Montereau ás 10 horas da manhã; porém ás 9 horas o general Bianchi, commandante do 1^o. corpo Austriaco, se tinha postado com duas divisões Austriacas, e a divisãõ de Wirtemberg nas alturas juncto a Montereau, cubrindo as pontes, e a cidade.

O general Chateau atacou-o : não sendo sustentado pelas outras divisões do corpo de exercito foi repulsado. O Sieur Licouteulx, que naquella manhã tinha sido mandado a reconhecer campo, teve o seu cavallo morto e ficou prisioneiro. He um intrepido moço.

O General Girard sustentou a batalha por toda a manhã. O Imperador partio a todo o galope. As duas horas da tarde mandou atacar a colina. O General Pagol que marchou pela estrada de Melun chegou quando estas acções estavam travadas ; executou um brilhante ataque, derrotou o inimigo e expulsou-o para o Senna, e para o Yonne. O valente 7º. regimento de caçadores desembocou pelas pontes, que o fogo da metralha de mais de 60 peças d'artilheria impedio que fossem queimadas, e ao mesmo tempo obtivemos a duplicada vantagem de poder passar as pontes a passo dobre, tomar 4.000 homens, quatro bandeiras, seis peças d'artilheria do inimigo, e matar-lhe 4 para 5 mil homens.

O esquadraõ de Servier desembocou na planicie—o General Duhesne official de rara intrepidez, e longa experiencia, desembocou pela estrada de Sens, o inimigo foi expulsado em todas as direcções, e o nosso exercito desfilou pelas pontes. As guardas antigas só tiveram tempo de se mostrar, o ardor das tropas do General Girard e General Pagol, impediram que ellas participassem da acção.

Os habitantes de Montereau não ficaram ociosos ; os tiros de espingarda que se deram das janellas augmentaram o embaraço do inimigo. Os Austriacos e Wirtemberghezes arremaçaram as armas. Um General Wurtemberguez foi morto, e um General Austriaco aprisionado ; assim como varios coroneis, entre os quaes he o coronel do regimento de Colloredo tomado com o seu estado maior, e suas bandeiras.

No mesmo dia os generaes Charpantier e Alex desembocaram de Melun, atravessaram o bosque de Fontaine-

bleau, e expulsáram dali os Cossacos e uma brigada Austriaca. O General Alex chegou a Moret. O Duque de Tarentum chegou ao pé de Brag. O Duque de Reggio está perseguindo as partidas do inimigo de Provins até Nogent.

O General de brigada Montbrun, que tinha sido encarregado, com 1.800 homens, de defender Moret, e o bosque de Fontainebleau, abandonou-os, e se retirou para Essonne, não obstante que o bosque de Fontainebleau se podia defender palmo a palmo.

O major-general suspendeo o General Montbrun, e o remetteo a um conselho de inquirição.

Uma perça que tem mui sensivelmente tocado o Imperador he a do General Chateaux. Este moço official que dava as melhores promessas foi ferido mortalmente na ponte de Montereau, aonde estava com os seus atiradores. Se elle morre (e a participação dos cirurgioens dá pouca razão de esperar outra cousa) ao menos morre acompanhado do pezar de todo o exercito : morte digna de inveja, e mais preferivel do que a existencia de muitos militares, que a não podem conservar, senão sobrevivendo á sua reputação, e suffocando os sentimentos, que, nestas grandes circumstancias, lhes devia inspirar a defensa da patria, e a honra do nome Francez.

O palacio de Fontainebleau foi preservado. O General Austriaco Hardeg, que entrou na cidade, postou sentinelas para o defender contra os excessos dos Cossacos, os quaes comtudo obtiveram roubar alguns dos porteiros, e os telins dos cavallo nas estrebarias. Os habitantes não se queixam dos Austriacos, mas destes tartaros—monstros que deshonoram o Soberano que os emprega, e o exercito que os protege. Estes ladroens estão cubertos de ouro e joias. Tem-se achado alguns com oito e dez relogios d' algibeira, que foram aprisionados ou mortos pelos camponezes. São verdadeiros salteadores de estrada.

O Imperador na sua marcha encontrou as guardas nacionaes de Brest e Poitou. Passou-lhes revista: “mostrai,” lhes disse elle, “de quanto são capazes os homens do occidente—elles fôram em todos os tempos os fieis defensores de sua patria, e mais adiantados apoios da monarchia.”

S. M. passou a noite de 19 no Castello de Surville, situado nas alturas de Montereau.

Os habitantes queixam-se muito dos vexames do Principe Real de Wirtemberg.

Assim se achou o exercito de Schwartzenberg encravado, pela derrota de Kleist—tendo este corpo sempre constituido parte delle—pela derrota de Wittgenstein, pela dos corpos Bavaros, da divisaõ de Wurtemberg e do corpo do General Bianchi.

O Imperador concedeo ás 3 divisoes das guardas antigas (montadas) 500 decoraçoens da legiaõ d'honra. Elle concedeo igual numero as guardas antigas de pé. Deo 100 á cavallaria do General Treilhard; e igual numero á cavallaria do General Milhaud.

Ajunctamos grande numero das decoraçoens de S. George, S. Wladimir, S^{ta}. Anna, tomadas dos homens, que cubriam os diversos campos de batalha.

A nossa perda nas batalha de Nangis e Montereau não excede 400 homens em mortos e feridos; o que ainda que pareça improvavel, he com tudo exactamente verdade.

A cidade de Epernay, tenho sido informada do bom successo do nosso exercito, tocou o sino a rebate, entupio as ruas, recusou a passagem a 2.000 homens, e tomou alguns prisioneiros. Seja este exemplo imitado em toda a parte, e he de presumir, que bem poucos homens do exercito do inimigo tornem a passar o Rheno.

As cidades de Guisa, e S. Quintino fecháram tambem as suas portas, e declaráram que não as abririam a 150 Cossacos, que por 8 dias os tem cumprimentado e tractado bem. Os nossos annaes conservam a lembrança de popu-

laçoens, que deixàram de cumprir com o que devíam á honra—elles pelo contrario, exaltaraõ aquellas que, como Lyons, Chalons-sur-Soane, Tournus, Sous, S. Jean de Lornes, e Chalons-sur-Marne tem pago o que devíam á Patria, e se tem elevado a quelle ponto, que exige a gloria do nome Francez. Franche Comte, o Vosges, a Alsacia, naõ se esqueceraõ do momento do movimento retrogrado dos Alliados. O Duque de Castiglione, que tinha ajuntado um exercito de tropas escolhidas em Lyons, está marchando para obstruir e cortar a retirada do inimigo.

NOTICIAS OFFICIAES DO EXERCITO FRANCEZ NA HESPANHA.

Carta do Duque de Albufera ao Ministro da Guerra.

Barcelona, 18 de Janeiro.

SENHOR. No dia 16, ás sette horas da manhã, o Tenente-general Clinton, o General Sarsfield, e as tropas de Wittingham atacáram sobre a margem direita do Lobregat, a tempo que o General em Chefe Copons, o Baraõ de Erolles, e os Coroneis Laaudel e Manso, atacaram as nossas tropas sobre Molins del Rey; o General Meselop com a sua brigada soffreo os primeiros ataques do inimigo, e repellio-o vigorosamente ao longo da estrada real de Villa Franca; porem logo depois, precebendo que todas as forças do inimigo operavam contra a sua simplez guarda avançada, passou a ponte de Rey, mandando ao Commandante daquella posiçaõ que a defendesse fortemente.

“ O General Panetier que commanda a divisaõ, formou as suas tropas na margem esquerda, e demorou o inimigo; mostraram-se em ambos os flancos algumas columnas fortes; logo Sarsfield dirigio uma bateria de quatro canhoens contra a Ponte de Rey; os nossos canhoneiros responderam com um fogo constante; o Capitaõ Sigarde mostrou muito vigor; o seu Tenente, Bufail, foi ferido; e a sua nova guarniçaõ consistindo de tropas do regimento 143, combateo com grande coragem. Logo que se soube do ataque, mandei o General Habert com oito batalhoens para demorar o inimigo; Repetti as minhas instruc-

çoens para o lançar para alem do Lobregat, sobre os reductos de St. Feliz; porém isto não pode elle conseguir. O General Clinton mandou renovar os ataques contra a ponte, porem em vão; soffreo uma grande pèrda. Por ultimo, pela volta das tres horas, sendo o inimigo informado de que as tropas Granollers se vinham approximando de Barcelona, cessáram os seus ataques, e commeçáram a fazer uma retirada geral, depois de terem tido 150 mortos, e 500 feridos. A nossa perda he 30 mortos, e 150 feridos.

As partidas que hontem mandei fóra, acháram que o inimigo recuara sobre as duas margens do Lobregat.

(Assignado) “ O Marechal Duque de ALBUFERA.”

EXERCITOS ALLIADOS NO SUL DA FRANÇA.

Extractos de Officio do Feld-marechal Lord Wellington.

Quartel-general de S. Jean de Luz, 2 de Janeiro, de 1814.

“ Não tem occorrido cousa que mereça ser communiçada a V. Exc^a., depois que dirigi o meu officio, de 26 do passado.”

Quartel-general de S. Jean de Luz, 9 de Janeiro, de 1814.

“ O inimigo reunio uma força consideravel no principio da semana passada, e no dia 4 do corrente fez recuar os piquetes de cavallaria entre os rios Joyeuse, e Bidouse, atacando além disto o posto que occupava a brigada Portugueza do commando do General Buchan sobre o Joyeuse, perto de Bastide, e os da 3^a. divisão em Bouloc.

Torneáram depois a direita da dicta brigada Portugueza pela altura chamada La Costa; e obrigando-a a retirar-se estabelecêram duas divisões de infantaria nas alturas, e povo de Bastide, collocando o resto do exercito sobre o Bidousse, e o Gave.

O nosso centro e direita se concentraram immediatamente

e se preparáram para mover-se, e depois de ter reconhecido o inimigo no dia 4, determinei atacallo no seguinte ; porém vi-me precisado a suspender o ataque até 6, por causa do máo tempo, e do muito que tinhaõ crescido os regatos.

O ataque se practicou no referido dia 6 pela 3ª, e 4ª. divisoes do commando dos tenentes-generaes Sir Thomas Picton, e Sir Laurie Colle, sustidas pela brigada Portugueza do General Buchan, pertencente á divisaõ do General Lecor, e pela cavallaria do commando do General Fane, que desalojáram o inimigo, sem perda alguma da nossa parte, tornando a estabelecer os nossos postos, aonde anteriormente haviaõ estado.

As ultimas noticias que tenho da Catalunha, são de 24 do passado ; e até aquelle dia nada de extraordinario havia alli occorrido.”

Extracto de um Officio de S. E. o Marechal General, Duque da Victoria, dirigido ao Illustrissimo e Excelentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, do seu Quartel General de S. Jean de Luz, em data de 16 de Janeiro, de 1814.

Desde que o exercito passou o Nive, no dia 9 de Dezembro, tinha tido o General Mina tres batalhoens das tropas do seu commando em Rodney, na esquerda daquelle Rio, S. Etienne, e Baygorry, em observação aos movimentos que o inimigo poderia fazer de S. Jean Pie Port.

Os habitantes de Baygorry fizeram-se notaveis na ultima guerra, pela opposição ás tropas Hespanholas, e são os unicos individuos que na presente tem manifestado alguma disposição para se oppõem aos alliados.

O General d' Arispe, com a cooperação dos habitantes de Ridney, e Baygorry, com a divisaõ do General Paris do exercito da Catalunna, e com as tropas que elle pôde reunir, pertencente á guarnição de S. Jean Pie Port, moveo-

se no dia 12 do corrente contra as tropas da divisã do General Mina, e o obrigou a retirar-se para o Valle de las Alduides : desde entãõ não tem havido movimento naquelle lado.

As ultimas participaçoes que recebi da Catalunha, chegam até á data de 31 de Dezembro, e até aquelle periodo não havia alteraçãõ alguma nas posiçoes que occupavam as nossas tropas.

St. Jean de Luz, 23 de Janeiro, de 1814.

O inimigo na manhã de 21 retirou todos os postos avançados na frente do campo entrincheirado de Bayonna, entre o Adour, e a esquerda do Nive ; e ao mesmo tempo, as tropas que eu disse no meu ultimo officio, que tinham marchado sobre Bideroy, e Baygorey, marcharam de lá, apparentemente para o centro do exercito, o qual tem sido reforçado consideravelmente.

Naõ tenho tido novas de Catalunha despois da minha ultima carta.

HAMBURGO.

PROCLAMAÇÃO.

O Mayor appressa-se em informar os habitantes desta praça, de que Sua Alteza o Principe Governador-general ainda demora mais 4 dias as medidas prescriptas contra as pessoas que ainda se não tiverem provido até o primeiro de Julho, porem que depois da expiração deste termo concedido, as resoluçoes de Sua Alteza, de 15 do corrente, seraõ executadas em toda a sua extençãõ.

Desta expulsaõ saõ exceptuadas, as pessoas empregadas na moeda, as do corpo da engenharia, da artilheria, da administração militar, da administração civil, dos tribunaes—a gente que serve nos incendios, os limpacheminéz—os acendedores dos candieiros, os serenos—os actores, e outros empregados nos theatros Alemaõ, e Francez—os officiaes, e trabalhadores em-

pregados nas portas, e estradas—os çapateiros, alfaiates, carniceiros, e padeiros—os ferreiros, e os segeiros.

(Assignado) O Mayor RUDER.

Hamburgo, 28 de Dezembro.

O Marechal Duque de Austerdadt, Principe de Eckmuhl, e Governador-general, ordena o seguinte:—

ART. 1. Os Negociantes, e donnos de lojes da cidade de Hamburgo, dentro de cinco dias, a contar da publicação desta presente, deverã fazer uma declaração na Meza das Alfandegas, estabelecida em Boom-house, das fazendas coloniaes que lhes pertencem, com a qualidade, e quantidade de cada sorte, e igualmente especificar os almazaens em que as taes fazendas existem.

2. As fazendas coloniaes entradas seraõ avaluadas na conformidade da tarifa estabelecida.

3. Os declarantes, ao fazer a entrada das suas fazendas, seraõ obrigados a depositar sette por cento, sobre o valor das dictas fazendas, segundo a fixada estimativa, no thesouro da Alfandega, em moeda corrente.

4. Estes pagamentos seraõ o adiantamento de fundos, cuja importancia será entregue em barras de prata á Camera do Commercio.

A Camera do Commercio receberá do Director da Alfandega uma especificação das somas pagas pelos negociantes, e fará proposições concernentes aos meios de fazer o pagamento das mesmas em moeda de prata.

õ. Na expiração do termo fixado pelo Artigo primeiro, as fazendas de todas as pessoas que naõ tiverem feito a declaração prescripta, e que naõ tiverem effectuado o avanço ordenado pelo Artigo 3. seraõ apprehendidas, e confiscadas.

6. Uma cópia desta presente Resolução sera transmitida ao Conde Chaban, Conselheiro de Estado, pelo Director das Alfandegas, assim como pelo Presidente da Camera de Commercio.

(Assignado) Marechal Principe de ЕСКМУНЛ.

Hamburgo, 29 de Dezembro.

ORDEM DO DIA.

Quartel-general de Hamburgo, 27 de Dezembro.

O inimigo pelas suas Proclamações persuade o soldado a esquecer-se do seu dever e a attraíloar o nosso Soberano.

O inimigo por suas astucias, suas Proclamações, e seus agentes, estimula os habitantes á insurreiçãõ. Este porte mostra-nos o modo que havemos de adoptar.

 SUISSA.

ZURICH, 4 DE JANEIRO.—Tem-se dado um feliz principio á restauraçãõ do antigo Governo. A Deputaçãõ dos differentes Cantoens reunio-se no dia 20 do passado, e passou o seguinte Acto:—

“ Os Deputados dos antigos Cantoens de Uri, Schwartz, Swiern, Glaris, Zug, Frieberg, Basle, Schaffhausen, e Appenzel, tendo-se ajuntado em Zurich, e tomando em consideraçãõ o presente estado do seu paiz, foram convencidos, de que pelo decurso de acontecimentos taõ bem conhecidos, he impossivel que a existente Constituiçãõ da Liga Helvetica polo Acto de Mediaçãõ, possa continuar a existir por mais tempo. Demais, he imperiosamente necessario para a prosperidade da Suissa, naõ so que o antigo Vinculo de Uniaõ da Suissa haja de ser resuscitado, mas que seja fortalecido com novos regulamentos. Para este fim, a seguinte Convençãõ foi approvada, e ratificada.

“ 1. Amizade, Fraternidade, e mutua assistencia de uns Cantoens para os outros.

“ 2. Que os antigos Estados da Liga convoquem immediatamente para assemblea, como dantes era a practica dos antigos Membros.

“ 3. Rejeitaçãõ de toda a influencia que for indecente a um povo livre.

“ 4. Que se pessa ao Cantaõ de Zurich, como o mais antigo, e o primeiro em graduaçãõ, para que tome sobre si a direcçãõ do Governo.

“ 5. A assistencia aos Alliados, conforme á sua Declaraçãõ de 21 de Dezembro, concernente á occupaçãõ da Suissa, he valida até uma paz geral.”

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

BRAZIL.

Pelos documentos, que publicamos neste N.º. a respeito dos Estados Unidos da America, verá o Leitor, que a Inglaterra não aceitou a Mediação da Russia, mas que se decidiu a tractar directamente com os Americanos em Gothemburgo.

Lembramos aqui este successo, para com elle illustrar o que dissemos no nosso N.º. passado; sobre o estado actual das relações do Governo do Brazil, com as Potencias Estrangeiras. Parece que quanto a esta repartição, tudo se concentra na abençoada embaixada em Inglaterra; nada mais ocorre; e deixam-se passar todas as occasioens de melhorar a nação, tirando partido das circumstancias; seja em objectos de lucro, seja em materias de honra, e gloria nacional.

Se a Corte do Brazil estivesse informada do que se passa em Londres, deveria saber ha 18 mezes, que tanto a Inglaterra como os Estados Unidos, desejando a paz, estimariam que alguma Potencia obrasse como Medianeira; e lhes salvasse a ambas a mortificação de ser a primeira em pedir a paz.

Se S. A. R. o Principe Regente de Portugal tivesse em Londres, alguem que entendesse de Diplomacia para o informar do que se passa pelo Mundo; deveria tambem saber ha um anno; que não obstante o offerecimento do Imperador de Russia, a sua mediação não haveria de ser aceita; por mais de uma razão, que não convem tocar; e por outras, que não ha difficuldade em discutir; e a principal he, que, supposto que o Governo Inglez, desejasse um Mediador, para não passar pelo que se podia suppor humiliação de pedir a paz; com tudo, não queria admittir tal Mediador, que por seu poder, e grande influencia nos negocios actuaes da Europa, parecesse mais que dictava do que propunha a paz.

Nestas circumstancias, he bem de suppor, que se o Governo do Brazil se lembrasse de propor a sua Mediação, ésta seria accita; porque sendo amigo de ambos os belligerantes, e não tendo nem poder nem influencia taes, que causassem ciume, ou ferissem o orgulho nacional, tal mediação não tinha os inconvenientes da mediação Russiana, e assim, ainda que nunca podia ser solicitada, seria aceita pela Inglaterra. Ultimamente, ainda depois de regeitada a mediação da Russia, e que a Inglaterra, mostrando que não queria tractar no territorio de seu inimigo; e receando ao mesmo tempo, que pela mesma razão o Governo Americano não quizeria tractar

em Londres, se fez escolha da cidade de Gottenburgo, em Suecia; ainda entãõ, dizemos, cabia o offercimento da cidade de Lisboa para ali se tractar esta negociaçaõ.

Vejamos agora os bens que podiam resultar desta intervençaõ.

Em primeiro lugar o aproveitar a occasiaõ de apparecer no Mundo como Mediador entre duas Potencias consideraveis; seria um passo de naõ pequena consequencia, para Portugal tornar a adquirir no Mundo algum respeito; o que vinha muito a proposito, depois do credito e honra, que o seu exercito lhe tem agora grangeado. He com estas exterioridades de respeito, que as naçoens infundem nas outras a idea da grandeza e do poder.

Nós naõ dizemos, que Portugal pôde figurar no Mundo, como se fosse uma Potencia que tivesse um exercito de 100.000 homens, promptos a metter na balança do poder da Europa; ou 50 navios de linha; ou 100 milhoens de renda, com que impôr aos de mais Governos. Mas dizemos, e temos direito a dizer, que Portugal naõ faz no Mundo uma figura proporcional, ao exercito que pode trazer a campo; á riqueza de suas produçoens; e á influencia que se pode deduzir da excellente posiçaõ geographica de seus territorios.

No estado actual das cousas, achando-se Portugal cooperando com os Alliados, com um exercito de 50.000 homens; apparecendo como Mediador entre a Inglaterra e os Estados Unidos, adquiriria o direito de ser contemplado com mais respeito, do que o tem sido por estes annos passados.

Mas supponhamos, que naõ se conseguia o ser Mediador (nós somos de opiniaõ que se havia de conseguir isto, havendo quem soubesse por onde entrar e sair) suppunhamos que naõ; o offercimento da cidade de Lisboa para ali se tractar a Negociaçaõ entre Inglaterra e os Estados Unidos naõ podia ter inconveniente; por ser muito mais perto dos Estados Unidos, e igualmente commodo á Inglaterra.

Passemos agora da honra, da consideraçaõ, do respeito, que tal mediaçaõ devia conciliar á naçaõ Portugueza; aos interesses de outra natureza e mais immediatos.

A situaçaõ geographica do Brazil e dos Estados Unidos; os seus relativos interesses mercantis; a preponderancia maritima da Inglaterra; tudo conspira a fazer essencial que a Corte do Rio de Janeiro cultive as suas relaçoens politicas com os Estados Unidos; e vigie cuidadosamente nos seus planos e systema. As relaçoens com a Inglaterra saõ taõ bem altamente importantes aos Estados Unidos; e quasi reciprocas. Logo se a Corte do Brazil tivesse de executar o

officio de Mediador entre estas duas Potencias, ficaria instruida em suas vistas, e pretensões; o que podia servir de guia ao Governo do Brazil, e tirar daqui um partido, que difficulosamente poderá ter meios de alcançar, em outra occasião.

Seria improprio (posto que o mal ja não tem remedio) especificar aqui as vantagens, que o Governo do Rio de Janeiro podia tirar, de conhecer intimamente as negociações entre a Inglaterra e os Estados Unidos; mas lembraremos um distante exemplo, que sirva sómente de espóra.

No tractado de paz entre Inglaterra e os Estados Unidos, quando a independencia destes foi reconhecida, houveram artigos secretos; um delles foi que os Estados Unidos não poderiam construir navios de linha; mas teriam unicamente fragatas. Agora, como a Côrte do Brazil tem madeiras, e portos á sua disposiçãõ; e não está (ao menos pelo que nos sabemos) obrigada por ajustes alguns a não construir navios de linha; não seria de grande importancia o saber exactamente quaes eram as obrigações de seu vizinho a este respeito?

Mais: tal seria a natureza das estipulações, que Portugal acharia ser de sua utilidade o vir a ser nellas comparte; por exemplo, no que respeita o commercio da India e China; que de certo ha de ser um dos pontos de disputa. O commercio dos Portuguezes de cabos a dentro, tem ha muitos annos ido em diminuição; e o dos Estados Unidos augmentando em proporção; quem será, portanto, que não julgue da maior importancia o intrometter-se Portugal entre as duas Potencias como mediador; para estar ao facto do que se passa; e para tirar disso o partido que convem?

ESTADOS UNIDOS.

Este paiz, depois de uma guerra destructora, e infructifera, sem duvida instigada pela facção Franceza, tem concordado em tractar a paz, como se vê pelos documentos que publicamos a p. 160 e seguintes. Fomos sempre de opiniaõ que a disputa entre os Estados Unidos e a Inglaterra era materia de discussãõ diplomatica, e não de guerra aberta; o Presidente parece estar agora convencido disso; e no entanto os Estados Unidos tem ganhado uma vantagem, que difficilmente poderiam obter se não fosse a guerra com os Inglezes, e o embargo que os Americanos pozéram ao seu commercio.

A vantagem a que alludimos he o estabelecimento de muitas fabricas na America, que até agora as manufacturas Inglezes faziam

desnecessarias. Entre outras tem o primeiro lugar a manufactura de armas, e de chitas d'algodão.

A suspensã do commercio com a Inglaterra, e o embargo dos navios Americanos, fez levantar o preço a estes artigos nos Estados Unidos a tal ponto; que muitos particulares acháram, que lhes seria lucroso obter da Inglaterra, e de outros paizes da Europa, artifices a todo custo, na certeza de que o producto das manufacturas lhes embolçaria, não somente as despezas correntes do fabrico, mas tambem as extraordinarias de obter mestres dos paizes estrangeiros. A esperanza do lucro estimulou-os; as manufacturas da America estão estabelecidas; vão em augmento; e he da natureza das cousas, que prosperem.

He verdade, que os varios successos da guerra tem sido, geralmente fallando, contra os Americanos; mas não deixa de ser ponderavel a vantagem que referimos; e digna de entrar em calculo, para que os politicos comparem até que ponto ésta vantagem equivale aos incommodos, e perdas que occasiona a guerra; porque estes são passageiros; e o beneficio da introduçã das manufacturas, e sua influencia na civilizaçã do paiz, são bens permanentes.

FRANÇA.

As noticiais que referimos no nosso N.º. passado deixavam os exercitos Alliados no territorio Francez, e algumas das tropas adiantadas ja até a distancia de 200 milhas de Paris.

Os cópiosos extractos que damos neste N.º. desde p. 219 em diante; tanto da parte dos Alliados como dos Francezes, mostram os progressos dos Alliados dirigindo-se a Paris; e os esforços de Bonaparte para evitar a grande catastrophe de ver tomada a sua capital.

Os exercitos invasores marcháram em varias columnas, pelas estradas que de diferentes pontos das fronteiras se dirigem a Paris; e Bonaparte ajunctou todas as suas forças para se lhes oppor, e derrotallos; antes que elles chegassem ao ponto de fazerem a sua junçãõ, e obrarem em combinaçãõ.

Em consequencia atacou primeiramente o Feld-marechal Blucher, que tinha o seu quartel-general em Etoges, e depois de renhidos combates em Brienne, La Ferte-sur-Jouarre, e Vitry; foi o Marechal Blucher obrigado a retirar-se para Soissons.

Bonaparte, tendo assim repulsado este corpo, partio a toda a pressa para o sul; e atacou com todas as suas forças as columnas, que vinham marchando pelas estradas ao longo de Senna, e cujas

guardas avançadas tinham já chegado a Fontainebleau, e Melun; e por outra parte até Nogent. Aqui conseguiu também Bonaparte repellar os Alliados; como se colhe da comparação das noticias officiaes Francezas, com as que referem os Agentes Inglezes, nos exercitos Alliados.

Quanto á perda de tropas, tanto de uma como de outra parte; não he facil o poder dar um extracto correcto; porque as exaggeraçoens dos Francezes chegam a tal ponto de ridiculo, que os seus mesmos officios dizem que “saõ incriveis.” Alem de que, importa pouco a differença de 5 mil homens mais ou menos, na extensa es ala de operaçoens, que se executam nesta guerra. O que averiguaremos he, até que ponto ésta repulsa dos Alliados, em dous pontos, influe no plano geral da campanha; tomando por concedido que o plano dos Alliados he marchar até Paris, e ali tractar a paz.

Os corpos, que Bonaparte atacou, e que repellio, éram as avançadas das differentes columnas, obrando ainda sem combinaçãõ. Bonaparte com muito boas razoes, e sciencia militar tractou de derrotar estas columnas separadamente antes que se unissem; e declara nos seus officios, que anihilou inteiramente o exercito do Marechal Blucher. A relação porém do Agente Inglez, neste exercito, desmente a assersaõ dos Francezes, e faz evidente, que o Marechal Blucher se retirou sem perda consideravel, para o ponto em que podia obrar em conjunçãõ com os corpos de d'York, e Sacken; e foi a este momento, que Bonaparte deixou de o seguir, vendo-se obrigado a voltar-se contra as columnas do sul, commandadas pelo Principe Schwartzenberg. Daqui se vê, que neste ponto o mais que aconteceu foi retardarem-se as operaçoens, e a marcha para Paris. Tanto mais quanto o exercito do Principe da Coroa de Suecia, que segundo as ultimas noticias, estava já entrado no territorio Francez, se dirige também ao mesmo ponto: a chegada do Principe da Coroa, portanto, a fazer a sua junçãõ com o Marechal Blucher, reforça este ponto com mais de 40.000 homens.

O mesmo se pôde dizer, relativamente ás columnas do sul, cujos reforços lhe estão continuamente chegando do Rheno; e aqui não somente a junçãõ das tropas que vão marchando augmentam cada dia as forças dos Alliados, mas até mesmo o choque das testas das columnas foi de muito menor effeito, do que na parte em que commandava o Marechal Blucher.

Nestes termos não podemos deixar de fazer aqui o paralelo, entre a posiçãõ actual dos exercitos combatentes; e a em que se acháram o

anno passado **aa Saxonia**. Ali foram os Aliados repulsados juncto a Dresden, mais de uma vez, naõ somente nas testas das columnas, mas em alguns dos corpos principaes, em quanto naõ chegaram todas as forças, que se esperavam; principalmente as do Exercito Aliado do Norte da Alemanha, commandado pelo Principe da Coroa de Suecia; cuja entrada em Saxonia foi o signal para o ataque geral, e simultaneo de todas as columnas, que terminou na completa derrota de Bonaparte, em Leipsic.

Contra este paralelo se poderá allegar a differente situação de Dresden, e de Paris; em Dresden, diraõ, naõ tinha Bonaparte meios de obter nem gente da França, nem mantimentos do Paiz; quando em Paris, tem á maõ todos os auxilios, que a França lhe pode a prestar.

A isto respondemos; primeiro, que Bonaparte naõ foi batido em Leipsic porque naõ tivesse mantimentos em Dresden; a sua retirada foi occasionada pelo temor da superioridade das forças de seus inimigos, os quaes por valor, e por sciencia militar, o roedearam em Leipsic, e o derrotaram com se sabe.

Agora juncto ao Senna; logo que chegue o Principe da Coroa, e que se unam ás differentes columnas os reforços que vem marchando de varios pontos do Rheno; se Lord Wellington, como se presume, se dirigir a Bourdeaux, ou a outro ponto no Oeste ou Sul de Paris, Bonaparte ficará taõ privado dos soccorros da França como o estava em Dresden. O seu plano será entaõ repetir o que acaba de fazer agora; isto he atacar com todas as suas forças uma das columnas; porém em quanto a columna atacada se retira; as outras continham a apertar mais o circulo em torno de Paris; e por fim deve chegar a mesma crise, que se observou em Leipsic.

Negociações de Paz.

Os Embaixadores das Potencias Belligerantes(excepto de Portugal) acham-se tractando em Chatillon; mas naõ ha ainda noticias de se terem concordado nem sequer nos preliminares. Com tudo este acontecimento está taõ proximo, que se affirma faltar somente o consentimento da Inglaterra, a respeito das colonias, e conquistas que tem de ceder.

Na Inglaterra, e tal vez em todo o resto da Europa, se acham os politicos divididos em dous partidos, a respeito da paz: um que de-seja abater o poder de Bonaparte ao ultimo ponto, sem o que naõ

julgam que se possa esperar a tranquillidade da Europa ; levando alguns dos deste partido a sua opiniaõ até o extremo, de naõ fazer absolutamente paz alguma, nem boa nem má, com Bonaparte ; e insistir na restauraçã da familia dos Bourbons. Outro partido contenta-se com fazer a paz, com tanto que Bonaparte ceda todas as conquistas, que a França tem feito desde o principio da Revoluçaõ. Julga-se que este partido he o mais numeroso, no momento actual ; e que Bonaparte, mais prudente do que orgulhoso, em consequencia de seus desastres, está prompto a acceder a isto. No entanto, saõ tantas e taõ complicadas as molas, que influem nas negociaçoens de paz ; e os successos da guerra, variando todos os dias, modificam por tal maneira as opinioens dos Gabinetes de um dia a outro, que he impossivel prever qual será o existo das conferencias em Chatillon.

HESPAÑHA.

O tractado entre Bonaparte e Fernando VII. que mencionamos como rumor ao nosso N.º. passado, foi com effeito concluido, assignado, remettido ás Cortes para ser confirmado, e publicou-se em varias gazetas. Daremos delle uma copia no nosso N.º. seguinte.

Nada pode exceder a prudencia e dignidade com que a Regencia, Cortes de Hespanha se portáram a este respeito.

Primeiramente recusáram estar pelo tractado, depois fizéram a mais soleimne protestaçaõ de respeito, fidelidade, e obediencia a seu soberano Fernando VII. ; sempre que elle voltar para o Reyno, e se achar livre. Quanto a naõ estarem as Cortes nem a Regencia, pelo tractado, nada pode ser mais consequente ; porque se este tractado, assignado por Fernando VII. em quanto se acha no poder de Bonaparte, he valido, e se pode suppor feito de livre vontade ; tambem as renunciias de Bayonna se deviam julgar validas ; e em quanto estas naõ fossem formalmente abrogadas, e que Bonaparte cedesse aos direitos que elle asseverou obter por meio dellas, naõ podia Fernando VII. assignar tractado algum como Soberano da Hespanha.

Quanto ás protestaçoens de lealdade dos Hespanhoes, e sua promettida obediencia a Fernando VII, quando elle voltar para a Hespanha ; nada pode ser mais proprio, conveniente, e justo ; mas accoeteceo sobre isto um incidente mui notavel.

Na sessaõ das Cortes de 3 de Fevereiro, o deputado de Sevilha, La Reyna, declarou, que logo que chegasse Fernando VII. á Hespanha, se devia reconhecer, que este Soberano tinha nascido com o direito e poder de governar a Hespanha despotica, e absolutamente ; e que conse-

quentemente a nova Constituição se devia declarar nulla e invalida. A indignação do resto dos deputados, e o furor dos expectadores nas tribunas foi tal, que se temeo um tumulto; pelo que o Presidente mandou fechar as portas, e que ninguem cahisse a communicar ao povo o que se tinha proposto nas Cortes, senão depois de ellas terem regeitado, como fizéram, a proposta de La Reyna. Esta cautella impedio certamente, que succedesse alguma commoção popular; porque a indignação foi tal, que o povo quiz fazer justiça summaria ao Deputado La Reyna, o qual foi expulso das Cortes, e se nomeou uma commissão para o processar.

Os periodicos da Hespanha tem-se mostrado mui indignados com a idea de concordar em um tractado assignado por seu Rey, em quanto se acha em captiveiro taõ injusto; e asseverando-se em Hespanha, que Bonaparte tinha mandado trazer Fernando VII. a Paris, a fim de o remetter para Hespanha, parece que a nação Hespanhola esta de accordo a não o receber, a menos que não venha livre de obrigaçoens, e contractos, que evidentemente são nullos; por isso que se presumem extorquidos.



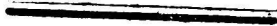
PORTUGAL.

No principio deste N.º p. 158, damos uma ordem do Marechal Beresford, pela qual elle manda restituir as bandeiras, e honras militares a certos corpos de milicias, a quem por castigo as tinha tirado. O louvor e vituperio são os estimulos mais efficazes da honra; e he preciso confessar, que se não podiam melhor combinar, em proveito do exercito Portuguez, e em credito da Nação, do que faz aqui o Marechal; porque até mesmo de um acto, que mereceo justamente a sua desapprovação, deduz um motivo para elogiar o valor das tropas Portuguezas; visto que declara, que a acção porque impoz o castigo não proveio de cobardia, mas sim de falta de disciplina; e que este erro, e crime, militarmente fallando, se achava lavado com os repetidos exemplos de valor; e com os assignalados serviços que o exercito Portuguez tem feito á sua Patria.

He tambem com igual prazer que chamamos a attenção do Leitor a uma passagem (a p. 240, deste N.º) do officio do Major Macdonald, em que se refere a tomada de Dantzic. Ali se diz, que em justiça aos Hespanhoes, e Portuguezes deve observar, que os soldados destas naçoens, retidos na praça pelos Francezes, recusáram pelear contra os Alliados; a pesar de todos os esforços que se fizéram; pelo que foram obrigados a trabalhar nas fortificaçoens."

Outra vez he mencionado o nome Portuguez, na proclamação do general Blucher, que publicamos neste N.º; que o propoem com exemplo ás outras naçoens, visto o esforço que fizéram em libertar tar-se da oppressão de seus inimigos, e sustentar a integridade de ser territorio.

Da força, portanto, da espada Portugueza, até onde ella chega; ja não ha duvida na Europa, O punho que a dirige, deve trabalhar por adquirir igual nome.



CORRESPONDENCIA.

SENIOR REDACTOR.—Tendo hoje por accazo em uma caza de Caffé pegado no *Post-office—Annual Directory for 1813*, e abrindo-o vi a pag. 416 no Artigo Ministros Estrangeiros, “*Ministros de Portugal. João Carlos Lucena; Manoel Antonio de Paiva; Bond-court, Wallbrook. Do Brazil—o Conde do Funchal, South Audley-street.*”

Ha muito tempo que não encontro ridicularia com mais sal, e propriedade: ridicularia, porque nada he mais ridiculo do que crear á seu modo ministros, e a quem! estabelecendo differentes representantes para o mesmo soberano, e o mesmo, e unico representando! com mais sal, e propriedade porque na illuminaçã de South Audley-street, em 1808 se lia em uma transparencia *Joannes Brasiliæ Princeps!* tendo ficado no tinteiro, ou na pucara o *Portugaliæ, et Algarbiorum*, que tem sido, e seraõ sempre os titulos immediatos, proprios dos Reys, e dos Principes Regentes daquella parte occidental da Europa, donde Pedro Alvares Cabral sahio com a frota, que tomou posse do Brazil! com mais sal, e propriedade, porque tem sido aqui desejo de alguns o ver Portugal alienado do seu legitimo soberano para fins particulares: em fim com mais sal, e propriedade porque houve tempo, em que os negocios e os destinos de Portugal, e da Corte se decidiaõ mais no *Bond Court*, que em South Audley-street. Vmcc. sabe muito bem Senhor Redactor, que os gazeteiros, e directores, aqui, de qualquer impresso desta natureza não obram tanto a tola que não tenhaõ dados e informaçoens mais ou menos exactas do que escrevem; mais particularmente em obras de mera informaçã, e facto.

Um cazo analogo a este, he o de uma direcçã escripta em huns caixoens, que se remeterã de South Audley street para o Rio de Janeiro, em Abril, de 1810, d'este modo, *H. R. H. the Count de Linhares.* Digo analogo, não porque haja a menor analogia entre quem tem Alteza Real, e o Conde de Linhares, assim como pôde haver entre os *denominados ministros de Portugal! e do Brazil!* Mas sim na ridicula, e temeraria usurpaçã de titulos que saõ inherentes, e exclusivos familia Real. Esta direcçã ou foi posta em South Audley-street, ou em casa do vendedor do *Espirito de vitriolo* na primeira parte não os posso supportarã fora de si, que commettessem um crime destes (uma ves que se resolvem ir para o Brazil) em caza do vendedor, ou carregador taõbem não posso supportar tal

feito; pois para um Inglez escrever isto por seu moto proprio, he preciso suppor a nação Ingleza a mais estúpida, e ignorante para não saber, como sabe, que não só o entam Conde de Linhares não tem o menor parentesco com a Familia Real, mas mesmo que nenhum Conde em Portugal tem o tractamento de Alteza Real: como se estila em Inglaterra, aonde, entre a immensidade de condes, e marquezes não ha um só, que tenha tal tractamento. Portanto he claro que nem por engano, nem por apparidade se pôz este titulo. O que he facto, he, que o tal tractamento appareceo nos Caixoens e o que he mais provavel he que viz e despreziveis aduladores conhecendo a balda e o fraco do Despota, e do usurpador, o quizeraõ lizongear por um lado, que alias o devia envergonhar e confundir. Assim como houve aqui quem em 1809 em um debauche Bacanal, e em uma taverna em S. James-Street o pertendeu adular, e com muita accitação, chamando ao Irmam *Brasilia Restaurator!* este he aquelle celebre poeta, que fez a grande ode á Napoleaõ entam consul pela qual andou escondido.

Estas, e outras indignidades para com o Soberano, e para com o character nacional saõ consequentes com a origem d'onde provém, e d'onde se authorizaõ: assim como tem sido taõbem a repetição dellas a causa primaria da nossa degradação aos olhos do publico Inglez; e da licença e liberdade, comque impunemente os jornalistas Inglezes tem vilipendiado e mofado da nação Portugueza; de uma nação que foi a primeira a dar o exemplo, e a ensinar a Europa, como do meio mesmo da sua maior oppressão se podem tirar forças; e forças extraordinarias, para a sua independencia, e liberdade. De uma nação que, a não ser ella, ainda hoje haveriam ideas de invasaõ; e nunca jamais teriaõ as armas Britannicas a opportunidade de brilhar, e distinguirem-se, como tem, na Peninsula. Nem as Potencias do Norte teriaõ accordado do vergonhoso lethargo em que jaziaõ. De uma nação, que, a pezar de tudo isto, e pelas calumnias do seu *degradador*, que espalhava aqui a todos, que tudo era traidor em Portugal! não perdoando, nem mesmo ao *primeiro Portuguez* (que creio queria dizer traidores ás suas vistas) se acha fazendo uma parte passiva, e secundaria nas suas façanhas; não se permitindo aos officiaes, e soldados Portuguezes, ter aquelle accesso á commando, e gloria, que todo devia ter, muito mais, na defenza, e independencia da sua patria. Porem quem poderia advinhar, que em 1808 se haviaõ dar por suspitos os Portuguezes, ainda mesmo batendo os Francezes, e fazendo lhes a maior guerra, que se tem visto nos annaes do Mundo á ponto de queimarem suas

casas, e fazendas, e virem mendigar, e morrer nas ruas de Lisboa, e assim mesmo eraõ *traidores*; porque assim o queria o seu degradador.

Como talvez estes factos lhe tenhaõ escapado, queira publicallos, e com isso deixára obrigado,

Senhor Redactor,

Seu venerador, e

LEITOR CONSTANTE.

Resposta.

De minimis non curat Prætor. Se quizessemos attender a anectodas desta natureza encheriamos volumes: algumas vezes lembramos alguma; mas he para exemplificar ou illustrar as materias, que tractamos. O nosso cabedal neste genero he mais extenso do que pôde pensar o Nosso "Leitor Constante;" o que nos escapa, he porque o queremos deixar escapar, por ser superfluo.
